
caminhos
de unidade

CAMINHOS DE UNIDADE

A IGREJA E OS IRMÃOS SEPARADOS

NOVELLÆ OLIVARUM

1961

Janeiro - Fevereiro

ANO XVIII — 175
1961

DIRECTOR
Luís Moita

•

REDACTORES
António Pinto Ribeiro
João Núncio

•

ADMINISTRADORES
Francisco Duarte
Samuel Saúl

•

EDITOR
Joaquim Calheiros

APROV. ECLES.

ASSINATURA

ANUAL ... ... 25$00
À COBRANÇA ... ... 29$00
Seminários ... ... 20$00

COMPOSIÇÃO e IMPRESSÃO DA **UNIÃO GRÁFICA** (Lisboa)

NOVELLÆ OLIVARUM

Revista dos alunos do Seminário dos Olivais

Sumário

Caminhos de unidade 3

Unidade e pluralidade no mundo actual
Maria Luísa Guerra 5

Unidade e Concílio
Fernando A. Bello 8

O regresso às fontes — Caminho para a unidade
Luís Moita 23

Será utopia?
Rev. Luís Pereira 39

Cipriano de Cartago e a Unidade da Igreja
Rev. Eduardo Moreira 44

O Centro Ecuménico «Unidade Cristã» de Lyon
P. Michalon, p.s.s. 50

«Ecumenismo Espiritual»
P. P. 55

A comunidade de Taizé 57

«Vivre l'aujourd'hui de Dieu»
P. R. 61

Ensaio sobre a União das Igrejas
Georges Pappamikail 69

Os nossos irmãos separados e a Unidade 76

Panoroma:
Construindo a Unidade 79

SUPLEMENTO:
S. Cipriano — A unidade da Igreja 13-28

CAPA de **Arq. Manuel Marçal Correia**

CAMINHOS DE UNIDADE

O sentido da própria fraqueza suscita no homem de hoje um apelo à união — o mundo que ele mesmo construiu amedronta-o e por isso procura força na vida comunitária, busca segurança no vínculo da unidade. UNIDADE E PLURALIDADE NO MUNDO ACTUAL *é o temo das nossas primeiras páginas. Nelas se mostra a razão de ser da aspiração para a unidade, existente na sociedade contemporânea.*

Mas este desejo que todo o mundo sente, também se manifesta entre os cristãos — queremos unir-nos, levados pela caridade para testemunhar ao universo inteiro que Deus ama os homens e que só n'Ele está o nosso bem. O artigo intitulado UNIDADE E CONCÍLIO *diz-nos como a eclesiologia é o ponto fulcral das divergências dogmáticas entre os cristãos e como o Concílio Ecuménico terá um papel relevante na purificação da Igreja e no reencontro dos irmãos separados.*

A união que nós ambicionamos para as diversas confissões cristãs é uma graça que temos de merecer e um termo para onde havemos de caminhar — daí a necessidade de conhecermos o caminho a percorrer e de tomarmos consciência dos traços de união que nos aproximam. O REGRESSO ÀS FONTES — CAMINHO PARA A UNIDADE *é uma série de reflexões teológicas e de verificações históricas sobre o papel de aproximação que têm a renovação bíblica, o retorno à tradição patrística e o movimento litúrgico.*

Toda esta nossa esperança de unidade entre aos cristãos SERÁ UTOPIA? *pergunta um pastor duma Igreja separada. Certamente que não, uma vez que o Senhor não deixará de escutar as nossas orações e que já estão lançadas as bases duma futura união.*

É um problema de sempre na vida da Igreja e, desde os tempos mais antigos, os chefes responsáveis se insurgiram contra as separações. Entre eles sobressai S. Cipriano, cujo célebre livro sobre A UNIDADE DA IGREJA *publicamos em Suplemento. A propósito desta obra, um outro pastor*

duma Igreja não Romana escreve CIPRIANO DE CARTAGO E A UNIDADE DA IGREJA, *fazendo o enquadramento histórico-literário e descortinando os principais dados dogmáticos desse notável documento da antiguidade cristã.*

Multiplicam-se as iniciativas em todas as Igrejas no sentido de estruturar com firmeza a actividade ecuménica. No campo católico, uma das iniciativas com maior repercussão é o CENTRO ECUMÉNICO «UNIDADE CRISTÃ» DE LYON *que mantém viva a herança espiritual do P. Couturier. O livro* «ECUMENISMO ESPIRITUAL» *define admiràvelmente qual deve ser a nossa atitude de espírito.*

Entre os irmãos separados, distingue-se a significativa realização da COMUNIDADE DE TAIZÉ, *grupo de protestantes que vivem um ideal muito semelhante ao dos religiosos, e que é um dos frutos mais característicos do movimento ecuménico.*

«VIVRE L'AUJOURD'HUI DE DIEU» *é o nome dum livro do Prior desta Comunidade, de que transcrevemos longas passagens e que bem testemunha a proximidade do pensamento tradicional da Igreja.*

O diálogo entre uns e outros só será possível e fecundo se conhecermos como pensam e como reagem os irmãos separados. É isso que nos leva a publicarmos um ENSAIO SOBRE A UNIÃO DAS IGREJAS *escrito por um membro duma Igreja ortodoxa, que nos esclarece sobre a sua perspectiva dos problemas, assim como a secção* OS NOSSOS IRMÃOS SEPARADOS E A UNIDADE, *que recolhe variadíssimas citações de protestantes e orientais, conforme os diversos pontos de vista.*

Finalmente, o habitual «Panorama» põe-nos ao corrente dos principais acontecimentos da acção ecuménica, CONSTRUINDO A UNIDADE, *dando-nos também notícia do que acontecerá no ano que agora começou.*

Motivos de esperança não faltam.

UNIDADE E PLURALIDADE NO MUNDO ACTUAL

É indispensável que a Igreja se enraize no mundo em que vive e por isso o cristão deve estar aberto às grandes dimensões da sociedade contemporânea. A aspiração de unidade que sobressalta toda a Igreja de hoje é um dos aspectos, porventura o mais profundo, da ânsia que em todo o mundo se sente de unidade nas relações e de comunhão entre as pessoas.

A Sr.ª Dr.ª D. Maria Luísa Guerra, que convidámos para tratar este assunto, é formada em histórico-filosóficas e professora no Liceu Pedro Nunes. As suas reflexões são duma profundidade invulgar e a síntese que nos dá sobre o mundo actual e a situação do homem nele, vai-nos certamente ajudar a melhor sabermos entender o problema da unidade das Igrejas.

Num universo em expansão, pulsando na vertigem atónita da sucessão e da novidade, o homem descobriu-se, sùbitamente pobre. Talvez não se tenha mesmo ainda atentado no significado profundo desta corajosa descoberta de imperfeição como matriz fundamental da qualidade e do ritmo do humanismo contemporâneo.

Mais do que operário da sua própria circunstância, o homem teve a ousadia de se qualificar como actor de si mesmo e nessa aventura se suspendeu, inquieto e interrogante.

À instabilidade desconcertante do horizonte mundanal opôs-se a fragilidade agónica da pessoa, perplexa e ansiosa no processo insuspeitado de novas estruturas. E enquanto a circunstância técnica, política, económica e cultural se diversificava em planos múltiplos de direcção e valência, o homem permanecia idêntico, embora vigilante.

Mas também porventura não foi ainda suficientemente lida esta desproporção escandalosa entre o mundo do fazer e do ser, entre o facto e a pessoa. Enquanto a acção se coagula e multiplica em séries intermináveis de utensílios que invadem todos os mercados e povoam o horizonte familiar de cada homem; enquanto as descobertas se sucedem e anulam, quase antes de frutificar; enquanto se rasgam direcções insuspeitadas em todos os domínios e se alargam as dimensões estreitas do viver quotidiano, o homem, atordoado, permanece solitário no limiar da sua medida. Psicològicamente distende-se pressentindo o novo ritmo mas essa distensão esgota-o e acaba por lhe devolver a certeza da sua incapacidade presente.

À mutabilidade incessante do enquadramento que o situa opõe-se a monotonia oscilante da pessoa, porventura mais enriquecida e aberta mas igualmente indigente e reclamante. O universo pessoal que modela e domina o horizonte circundante é demasiado uno para concordar com as alterações que desencadeia. E então a distância intensifica-se. A pessoa está cada vez mais longe das modificações que introduziu e essa distância é a própria desadaptação com que se afirma, frente ao acontecer dos fenómenos e dos factos.

A uma multiplicidade estonteante de reacções em cadeia opõe-se portanto a unidade da pessoa, alarmada, ambiciosa e incapaz.

Em poucas épocas mesmo, o homem terá sentido tão fundo o desencontro entre o que faz e o que é, para se reencontrar ansioso e sofredor, desvelado a seus próprios olhos em limitação irrecuperável. Assim, estamos em ver que o extraordinário e universal progresso de algumas décadas a esta parte, longe de endeusar o homem para si mesmo, o restituiu antes a uma visão mais lúcida da sua própria condição.

Frente ao colosso do industrialismo que avança, metálico, pelo mundo além, o homem descobre-se, cada vez mais esmagado.

Seria interessante escalpelizar a reversibilidade deste circuito que partindo do homem ameaça o homem e o desumaniza.

Porque se a técnica (criação do homem) incrementa a economia e a economia condiciona a política e a política interfere na situação social e a situação social influencia a cultura (e o processo é longo) o certo é que o homem, comprometido em todo este jogo, fica já demasiado distante.

A técnica, glória nunca assaz louvada das suas mãos, é o suporte e a condição duma série insuspeitada de reacções que o sufocam e quase destroiem.

Perante o gigantesco edifício que, pedra a pedra, foi construíndo, o homem sente-se assim cada vez mais fraco.

E é isto precisamente o que parece acontecer no mundo de hoje.

Deslumbrado embora com o muito que descobriu e alcançou, o homem parece olhá-lo numa agonia íntima, de pavor e de insegurança. Acha-se de certo modo arriscado numa aventura de que não descortina o desfecho e o ritmo em que se descobre inserido não lhe oferece repouso.

O homem — actor de si mesmo, como querem tantos; o homem-criador da circunstância em que se inscreve; o homem — transformador da condição dada, triunfante e ousado; o homem, glorioso demiurgo de si mesmo e do mundo treme de impotência, perante tanta glória. Talvez mais lúcido descortina a fraqueza de sua dimensão e apela.

Julgamos que o progresso, a produção em série, o desenvolvimento insuspeitado, o fortalecimento ininterrupto das necessidades, as exigências, as aspirações e os perigos teceram uma teia gigantesca que o homem, atónito, vê ramificar-se cada vez mais.

E então, do fundo da sua impotência, invoca outro. Pensamos que a nossa época, herdeira dum individualismo feroz e triunfante, descobriu, no limite, a dimensão nova da colaboração.

É a O. N. U., é a N. A. T. O., é a U. N. E. S. C. O., é o Mercado Comum, é a ideia de comunidade a sobrepor-se à de nação, é a atrofia do particular em favor do comum, é a cidade tentacular, é o arranha-céus, é a cidade

universitária, é a concentração industrial, é a F. A. O., é o Conselho de Segurança, é a Associação Internacional, é o homem a encontrar outro homem, para subsistir.

No plano da cultura, como da técnica, como da política, como da economia a tendência é a mesma — unir.

Unificar a multiplicidade, reduzir o diverso, integrar o isolado.

As comunicações multiplicam-se, as relações estreitam-se, as fronteiras caiem, as ideias circulam, os homens encontram-se.

Frente à grande rede do colossal fabricado e do imprevisto provável o homem opõe a muralha da colaboração que fortalece.

Porque (e aqui retomamos o fio com que iniciamos estas considerações) à multiplicidade insuspeitada e sempre provável do horizonte mundanal se opõe a unidade sempre desproporcionada e vigilante da pessoa.

Perplexa, solitária e em risco, invoca.

Organiza-se de plano em plano tacteando uma plenitude harmónica em que se encontre recuperada.

E dividido, múltiplo, carecente, o nosso mundo confessa a exigência duma colaboração universal que o conduza a uma realização plena.

Mas essa colaboração tem de provir de homem para homem para se explicitar em conjuntos mais vastos.

Porque a tão ansiada e verdadeira unidade é, antes de mais, o florescimento do Amor e o ponto supremo da conversão da pessoa.

MARIA LUÍSA GUERRA

UNIDADE E CONCÍLIO

REFLEXÕES TEOLÓGICAS E PERSPECTIVAS

Foi-me pedido para este número especial de Novellae Olivarum dedicado à Unidade cristã, um artigo de reflexão teológica sobre esta relacionando-a com o 2.º concílio do Vaticano, anunciado há 2 anos por S.S. João XXIII. A primeira dificuldade com que se esbarra é a informação que é necessário supor nos leitores sobre o movimento ecuménico e dificuldades que encontra, bem como sobre a preparação do Concílio. Para não alongar demasiado o que já em si é longo, limitar-me-ei a um mínimo de informação — sintetizada, com referência a bibliografia acessível.

TEOLOGIA DA UNIDADE

1 — *Unidade, Pecado, Reconciliação*

O poema da Criação com que abre a Bíblia ensina-nos a unidade da obra de Deus: luz e céus, mares e terra, plantas e animais, tudo foi criado por Deus em harmonia, à sua Palavra, e tudo foi entregue ao homem para que, dominando este, o mundo evoluísse em unidade. E conclui-se: «e Deus viu tudo o que tinha feito e tudo era muito bom» (Gén. 1/31). Merece particular atenção a unidade do género humano, fundada — na visão dos Padres da Igreja — na criação do homem à imagem de Deus (1/26) e mostrada na 2.ª narração da criação pela participação do próprio espírito de Deus (2/7): S. Gregório de Nisa vê aqui participação real, analógica, da Unidade-Trindade do Deus vivo, o que o leva a dizer que assim como se não fala de três deuses, não se deveria falar de homens no plural (1).

Esta visão dos Padres dá-nos a razão profunda de o pecado, ruptura do homem com Deus, trazer *simultâneamente* a quebra da unidade humana; não a da espécie enquanto tal — indestrutível — mas a dos espíritos que doravante se oporão: o ódio de Caim a Abel é a primeira manifestação do pecado, o qual penetra a própria criação, destinada que fora ao serviço do homem (Gén. 4/17 ss. coloca na descendência de Caim os iniciadores das actividades humanas, marcadas pelo pecado, enquanto que, por contraste, o descendente de Seth foi o primeiro a invocar Yahweh: 4/26). Toda a obra da criação atingida, como

(1) Note-se que para ele o número é sinal da quantidade, ligado à matéria, portanto. Ver mais pormenorizadamente o cap. I de H. Lubac, *Catholicisme*, col. Unam Sanctam, 5.ª ed. Cerf, Paris, 1952.

vão mostrando os capítulos 4-9, encontramos no final desta epopeia do pecado a desunião dos homens, quer em 10 e 11/10 ss, quer em 11/1-9, este último texto, de fonte diferente, narrando a consumação dessa desunião sob a forma da Torre de Babel: o castigo do pecado dispersa os homens, diversificando as línguas (2).

Para restabelecer a unidade, Deus escolheu um Povo que purificou até ficar um pequeno Resto, concentração do Povo eleito através duma interiorização da experiência do Deus vivo, em ordem a perderem-se as características de particularismo de Israel (3) em benefício do universalismo da salvação de que esse Resto será germen (4). No limite, o Resto é Jesus, a quem Maria foi associada (5).

Ele é o Verbo que saíu do Pai e veio ao mundo, deste voltou ao Pai (cf. Jo. 16/28), mas esta *passagem* feita através da Morte-Ressurreição (o Senhor que assume a morte, castigo do pecado, o Pai que aceita o sacrifício, ressuscitando-o), foi para nós comunicação da Vida perdida em Adão, restauração da Imagem de Deus no Homem. A comunicação da Vida faz-se através da Igreja, concebida na Cruz do lado aberto, dada à luz no Pentecostes. Este aparece como o antitipo de Babel, a unidade reencontrada na participação do mesmo Espírito; Este fez as línguas diferentes, — em Babel separação no pecado — unirem-se em louvor a Deus: «o Espírito, comenta S. Ireneu, desceu sobre os Apóstolos para introduzir todas as nações na Vida. E todos se unem para cantar em todas as línguas um hino a Deus. O Espírito trazia assim à unidade as tribus dispersas, e oferecia ao Pai as primícias de todas as nações» (6).

A Igreja continua ao longo dos tempos a sua missão de unir os homens, integrando-os na sua Unidade. É a análise desta que se nos impõe.

2 — *Todos um-em-Cristo*

Ao pretender caracterizar na encíclica *Mystici Corporis* a unidade específica do Corpo de Cristo que é a Igreja, ensina Pio XII que não se trata de um corpo físico, visto que cada membro possui personalidade própria que é plenamente respeitada, nem de corpo puramente moral, porque o seu princípio é um princípio interior de grande excelência, «qualquer coisa de absolutamente infinito e incriado, o próprio Espírito de Deus, que, um e único, enche toda a Igreja e faz a sua unidade» (7). Isto significa em primeiro lugar que a uni-

(2) Os autores divergem na interpretação desta narração.

(3) É aqui que se situa o drama da rejeição de Israel que é tema fundamental dos Evangelhos, nomeadamente de muitas parábolas: Jesus convida os fariseus a uma interiorização da sua relação com Deus que faça ultrapassar os aspectos terrenos dos privilégios de Israel na aceitação da universalidade. Há, me parece, uma certa semelhança na exigência de maior universalismo que o mundo de hoje põe à Igreja ocidentalizada.

(4) Cf. Louis Bouyer, *L'Église et l'Évangile*, col. Lectio Divina, 2.ª ed. Cerf, Paris, 1958, p. 95-98. O tema do Germen vem ligado nos Profetas ao do Resto: cf. as notas *g* e *h* da pág. 992 da Bíblia de Jerusalém.

(5) Zacarias e Isabel, Simeão e Ana, sobretudo José e João Baptista, também pertencem ao Resto mas todos morreram antes do Calvário; só Jesus (e com Ele Maria) foi simultâneamente Germen da salvação.

(6) Adv. Haereses, 3, 17, 2, citado por H. Lubac, ob. cit., p. 60.

(7) Ed. Vozes, Rio de Janeiro, n.º 64.

dade da Igreja é realizada pelo Espírito Santo, participação que é da Unidade divina, e aqui a razão teológica de ser a oração a atitude ecuménica primeira ([8]): a unidade é *dom*. Mas significa também que exige a colaboração dos homens, cuja personalidade se mantém: a unidade é *conquista*. Estes dois aspectos situam a unidade no interior do homem, na sua relação pessoal com Deus, de filho a Pai ([9]). Mas o homem novo subsiste em Cristo, explica S. Paulo, que desenvolve a alegoria do Corpo assente nesta intuição. S. João porém prefere a alegoria da Videira e o P.e Bouyer pensa que esta imagem tem uma riqueza especial para vincar a imanência da nossa vida em Cristo, ramos que somos da videira que Ele é; mas Ele é a videira toda, não apenas a raiz, isto é, nós não estamos apenas *unidos a Ele*, somos *um-com-Ele*: aqui importa compreender, conclui o P.e Bouyer, que «no cristianismo não há senão Cristo» ([10]).

Não se trata apenas de unidade com Cristo, mas de unidade real entre os homens todos: «sois um só em Cristo», repete S. Paulo (Gá. 3/28, por exemplo). Meditando os dois grandes Apóstolos-Teólogos, veio a Teologia a concluir que é a mesma virtude teologal da caridade que tem por objecto Deus e os nossos irmãos; a «caridade que foi espalhada nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (Ro. 5), eis o vínculo da unidade.

3 — *Unidade e Sacramentos*

Sendo a Igreja comunhão dos fiéis em Jesus, pelo Espírito Santo, é no seu Culto que a unidade se realiza, através dos sacramentos.

A agregação à Igreja visível faz-se pelo Baptismo, é ela mesmo o efeito primário deste sacramento: o carácter faz de cada um membro da comunhão mística, e é por isso exigência de graça, que é a vida própria dessa comunhão. «Fomos todos baptizados num só Espírito para não formar senão um só Corpo» (1 Cor. 12/13).

Esta comunhão é intensificada pela Confirmação que realiza no Corpo a plenitude do Espírito de unidade ([11]).

A Penitência é uma reintegração na comunhão eclesiástica: a censura mais grave da Igreja é a ex-comunhão, expulsão da Unidade ([12]), mas todo o pecado mortal é, em certa medida, excomunhão.

O Sacramento por excelência, que contém todo o mistério da salvação, a Eucaristia, é também o sacramento da unidade: «uma vez que só há um pão, nós formamos um só Corpo, pois todos temos parte nesse pão único» (1 Cor. 10/17). Os Padres falam do Corpo de Cristo indistintamente para designar a presença sacramental no pão ou a Igreja, e é ao sacramento que foi acrescentado o adjectivo «místico» (presença escondida, realizada misticamente através da oração) para o distinguir do Corpo de Cristo que é a Igreja. O ter

(8) Já João XXIII o afirma: Doc. Catholique n.º 1319, col. 17.

(9) Cf. o que atrás se disse sobre o homem como Imagem de Deus.

(10) Louis Bouyer, *Le mystère pascal*, col. Lex orandi, 5.ª ed. Cerf, Paris, 1957, p. 187-189.

(11) O Pentecostes foi simultâneamente Baptismo-Confirmação da primeira comunidade: assim nasceu a Igreja.

(12) Os Antigos tinham o sentido profundo de que esta expulsão representava a morte sem apelo, por isso o cisma e a heresia eram considerados pecados gravíssimos.

o adjectivo passado modernamente para esta é sintoma nítido da identificação feita entre os «dois» Corpos (13).

Importa salientar aqui de novo que foi pela morte, pelo seu sacrifício, que Jesus realizou a unidade: «Jesus devia morrer pela nação, e não sòmente pela nação mas ainda a fim de trazer à unidade os filhos de Deus dispersos» (Jo. 11/51-52), e se na Última Ceia Ele se fez nosso alimento foi para que através da renovação do sacrifício da Ceia, nós comungássemos efectivamente no Calvário tornado sacramentalmente presente (14). *A Missa é assim, o centro irradiante da Unidade,* e por isso, o diálogo de Jesus com os discípulos na Última Ceia, terminado em oração (Jo. 13-17), cuja atmosfera é toda eucarística, embora não seja referida a instituição do sacramento, oferece excelente matéria para meditação da Unidade, cujos temas aparecem um a um: o serviço, o mandamento novo da caridade, o Espírito, a Verdade, a inhabitação, a videira, o ódio do mundo (aos discípulos por estes serem um-com-Cristo), a oração em nome de Jesus, a alegria, etc. (15). Viria ainda aqui a propósito falar do sofrimento como factor de unidade, na medida da sua integração no sofrimento redentor do Senhor, e em outros temas do ecumenismo espiritual, de que em outra parte nesta revista se fala.

4 — *Unidade e Verdade*

A assembleia do culto, onde se realiza a comunhão, como vimos, é convocada pela Palavra de Deus (Igreja significa «assembleia convocada») (16), cuja proclamação é essencial para o despertar da fé (é esta a finalidade do Kérigma). E a assembleia reunida ainda é da meditação da Palavra proclamada que vive, crescendo na fé, a qual é capaz de «interpretar» os gestos sagrados do culto (17).

A própria Palavra de Deus é fonte de vida eterna: «a vida eterna é que eles te conheçam, ao único verdadeiro Deus, e àquele que enviaste, Jesus Cristo» (Jo. 17/3). Esta palavra misteriosa de Jesus funda toda a importância da Verdade para se conseguir a Unidade autêntica: a Verdade é Deus que se descobre ao homem, se lhe revela, e simultâneamente se lhe dá. A vida é o dom do Espírito, que renova a criatura para a conduzir à Verdade total: conhecimento e amor são algo de profundamente implicados um no outro, e só possível pelo Espírito precisamente porque se trata de conhecer e amar o Deus Santo, que nos transcende completamente, e cujos segredos só Ele conhece (cf. 1 Cor. 2/10-11). Por isso, a Palavra de Deus só pode ser lida e compreendida na Igreja — «coluna e fundamento da Verdade» (1 Tim. 3/15) — a quem foi dado o Espírito para que, por um lado, guie os seus fiéis,

---

(13) Sobre esta perspectiva dos sacramentos, ver o cap. III de H. Lubac, ob. cit.

(14) Ver os cap. III e V de L. Bouyer, *Le mystère pascal.*

(15) Cf. o comentário de Louis Bouyer, *Le quatrième évangile,* 3.ª ed. Casterman, Paris, 1956.

(16) Ver todo o essencial livro de Louis Bouyer, *La Vie de la Liturgie,* col. Lex orandi, ed. Cerf, Paris, em especial, para este assunto, o cap. III.

(17) Cf. em H. Lubac, ob. cit., p. 67, o sentido em que alguns Padres falavam da inteligência espiritual da Eucaristia — no seu ser *sinal* — pela fé, em paralelo com a interpretação espiritual da Escritura.

no interior de cada um, à Verdade total, por outro, esteja garantida, pelo Magistério infalível, a perenidade da interpretação autêntica da Palavra (18).

5 — Unidade e Catolicidade

A Unidade da Igreja é participação da de Deus, realizada pelo mesmo Espírito Santo na mesma Imagem de Deus que é o Verbo. Em Deus a unidade é comunhão de Pessoas que se dão mùtuamente o ser, unidade do Ser na distinção das Pessoas. Analògicamente, na Igreja a unidade é respeito da diversidade das pessoas, como fizemos notar ao comentar a doutrina de Pio XII (19): assim como a unidade do género humano fundamenta a unidade da Igreja, também a diversidade enorme dos homens — de raças, línguas, culturas, civilizações diferentes — fundamenta a sua catolicidade. Esta consiste essencialmente na aptidão da Igreja a ser forma do mundo, na sua capacidade de acolher todos os valores humanos e de os introduzir purificados no seu seio, para que a reconciliação do homem com Deus seja total, e Este possa vir a ser tudo em todos, na plenitude de Cristo que enche todas as coisas, na criação dos novos céus e da nova terra (20).

A missão do Magistério da Igreja para com a Verdade reveste aqui um outro aspecto, que não é já só o de conservação, mas é ainda fidelidade: é manter a Verdade purificada do humano em que não pode deixar de incarnar, livre e aberta para os valores todos, em todos incarnando e a todos transcendendo.

6 — Unidade e apostolicidade

«Assim como o Pai me enviou, assim Eu vos envio a vós» (Jo. 20/21). «Quem vos ouve, a Mim ouve» (Luc. 10/16). «Tudo o que ligardes na terra será ligado nos céus, tudo o que desligardes na terra será desligado nos céus» (Mt. 18/18). «Fazei isto em memória de Mim» (Luc. 22/19). «Os pecados serão perdoados àqueles a quem perdoardes, retidos àqueles a quem os reterdes» (Jo. 20/23). «Todo o poder me foi dado no céu e na terra. Ide portanto, ensinai (fazendo discípulos) todas as gentes, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a guardar tudo o que vos mandei. E Eu estarei sempre convosco até ao fim do mundo» (Mt. 28/18-20). Estes textos, escolhidos ao acaso, revelam que a unidade está indissolùvelmente ligada ao Colégio Apostólico: à Santidade que nos comunica, à Verdade que nos ensina, à Autoridade com que nos guia.

Atingimos aqui um dos pontos nevrálgicos da Eclesiologia: porquê a Instituição, se a Salvação é essencialmente obra do Espírito interior em cada um, fazendo-nos um coração novo, da novidade da graça, revelando-nos no

(18) Sobre a Palavra de Deus simultâneamente Escritura e Tradição oral, ver o artigo *O regresso às fontes, caminho para a Unidade.*

(19) Que ensina na *Mystici Corporis* o Corpo Místico não ser um corpo físico, visto que os seus membros subsistem.

(20) O tema dos novos céus e da nova terra anunciado por Isaías (65/17, 66/22), retomado pelo Novo Testamento (2 Pe 3/13, Apoc. 21/1) é um como que retomar a narração da criação do Génesis, indicando que a unidade final englobará toda a criação, como foi no princípio.

íntimo o mistério de Deus que só Ele conhece (1 Cor. 2/10-11)? E seria necessário invocar aqui toda a doutrina de S. João e de S. Paulo sobre o dom do Espírito aos corações ([21]), toda a doutrina de S. João da Cruz sobre a Santidade de Deus e sobre a pobreza radical do homem para se aproximar d'Ele, sobre o primado da acção do Espírito na santificação. Observe-se que é esta a objecção mais grave e mais profunda de Lutero e de Calvino contra a Eclesiologia Tradicional.

Parece-me que a razão metafísica deste aspecto institucional da Igreja é a liberdade do homem — que justificou a própria Incarnação do Verbo —, é a necessidade de este responder pessoalmente ao dom de Deus: nesta linha, creio que a rejeição que a Reforma fez da Instituição é consequência lógica da rejeição do mérito na doutrina da justificação.

Justificando a afirmação: *a)* a proclamação da Palavra de Deus suscita a adesão da liberdade na fé; a meditação da Verdade mantida incorrupta é necessária à liberdade, para caminhar em direcção a Deus, sem que este caminhar deixe de ser obra do Espírito ([22]): a inteligência penetrada pela fé mantém o seu papel de orientadora da acção, a pessoa não adere a Deus senão na medida em que O conhece, mesmo na obscuridade da fé.

b) O governo da Igreja vem-se situar nesta mesma linha, a lei sendo na Igreja um como que prolongamento do ensino, concretizando o caminho a seguir: por isso a obediência não é algo de distinto da fé (o Magistério é visto pelo Direito Canónico como função de Jurisdição). Trata-se portanto, também aqui de orientar liberdades no seu caminhar ([23]).

c) O terceiro aspecto institucional da Igreja são os sacramentos: a sua natureza de sinais sensíveis justifica-se em última análise, como convite à liberdade para um acolhimento nas disposições devidas da santidade que eles realizam. Daqui que em Pastoral o «non opponentibus obicem» do concílio de Trento se revista duma importância primordial para que hoje se começa a olhar com mais atenção, cessando um pouco a hipnotização com que a Teologia só via o «opus operatum»: é todo o fenómeno hodierno da participação litúrgica ([24]).

7 — *Unidade romana*

Ao concluir a parábola dos vinhateiros homicidas (Mt. 21/33-43) que visa o Calvário, o Senhor aplica a si mesmo as palavras do salmo 117: «a pedra que os construtores rejeitaram veio a tornar-se a pedra-base da construção», em imagem que S. Pedro retomará (Act. 4/11, mas sobretudo 1 Pe. 2/14-10): a Igreja é comparada a um edifício de pedras vivas, apoiadas com segurança na pedra-base que é o Senhor. Ora não foi por coincidência que o Senhor ao confiar uma missão na Igreja a Simão (Mt. 16/18-20, Jo. 21/15-17) lhe mo-

(21) Cf. na Bíblia de Jerusalém as notas a Jo. 14/26 e Ro 5/5, respectivamente.

(22) É escusado sublinhar que há aqui um mistério profundo, o da graça e da liberdade, ou, para dizer melhor, o da liberdade cristã.

(23) É isto que faz com que a Jurisdição seja essencialmente exercício de autoridade paternal — o próprio nome de «padre» dado aos sacerdotes o significa: — o testemunho desta paternidade — que não exclui firmeza, sem a qual o Pai não é educador — é essencial numa eclesiologia autêntica.

(24) Cf. a nota 17: a doutrina aí referida é fundamental na base duma Teologia da Liturgia, ainda por fazer.

dificou o nome ([25]) para Cefas, que significa Pedra (Jo. 1/42) mas para precisar que a missão dele era a de fazer com a Pedra-base da construção uma só Pedra (uma só cabeça, Cristo e o seu Vigário, lembra Pio XII na sua encíclica sobre o Corpo Místico): «sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja». É por este motivo que às quatro notas da Igreja retidas no Credo, se veio juntar a da romanidade: a verdadeira Igreja, fundada primeiro em Pedro, continua a fundar-se nos seus sucessores directos, històricamente os Bispos de Roma ([26]).

Mas este Primado de Pedro não pode ser entendido separadamente do Colégio Apostólico, como se os Bispos fossem simples representantes ou delegados do Papa, como são os Núncios, por exemplo: a Igreja é governada por um colégio de Bispos residenciais em subordinação ao Papa ([27]). Aos textos invocados acima sobre a Pedra-base, é necessário juntar o de Ef. 2/19-20 ou o da descrição da Jerusalém celeste no Apocalipse: «a parede da cidade assenta em doze fundações, e em cada uma delas está escrito o nome dum dos doze Apóstolos do Cordeiro» (21/14).

8 — Coerência íntima da Eclesiologia

Feita esta rápida visão da Eclesiologia sob o ponto de vista da unidade, ficam suficientemente patentes os dois aspectos complementares do mistério da Igreja: esta é, por um lado, comunhão de santos, de pessoas santificadas em Cristo pelo Espírito Santo; por outro lado, têm alguns dos seus membros escolhidos por Jesus o poder de realizar essa santificação. Como fiz notar, é neste aspecto da Instituição como *meio* para realizar a santidade (a qual essencialmente é «vida interior» de relação pessoal com Deus, e isto por acção do próprio Espírito de Deus) é nesta mediação que reside o escândalo maior da Eclesiologia católica para luteranos e calvinistas. Também disse de como me parecia estar a razão metafísica deste aspecto da Igreja na situação incarnada da liberdade humana, liberdade em diálogo com o exterior pela mediação do corpo: a Graça através de sacramentos-sinais sensíveis, a Verdade sob forma de palavras — escrita ou pregada, a Lei — regra exterior para condução de pessoas, tudo se situa na linha da incarnação da pessoa humona. Ainda na mesma ordem de ideias, a comunhão mística realizada em Cristo também se exprime e completa na comunhão exterior (uma só comunhão que é a Igreja, visível e invisível) que é a participação no mesmo culto, a aceitação da mesma Palavra, a obediência à mesma Hierarquia ([28]).

Mas é fundamental salientar a coerência profunda destes dois aspectos do mistério na vida da Igreja: o Sacerdócio é Presença autêntica — ministerial — do próprio Senhor que realiza o Culto (os sacramentos são actos de Cristo, ensina S. Tomás), presente também em cada participante pelo carácter bap-

(25) Na Bíblia, Deus modifica o nome dos homens a quem confia uma missão especial, revelada pelo nome novo, atenta a identificação existente para os semitas entre o nome e a pessoa.

(26) Os autores discutem sobre se a localização em Roma do Primado é ordem do próprio Jesus ou iniciativa eclesiástica, isto é, de Pedro.

(27) É o que ensina Leão XIII, por exemplo, na enc. *Satis Cognitum*, ed. Vozes, Rio de Janeiro, n.º 35.

(28) Como diz João XXIII, são estes elementos que tornam a unidade da Igreja algo de sólido, robusto e seguro (enc. *Ad Petri Cathedram*, ed. Morais, p. 24).

tismal: é Ele quem diz «isto é o meu Corpo», «isto é o meu Sangue» e com o Corpo e o Sangue oferece ao Pai toda a Comunidade; o Magistério, assistido pelo Espírito Santo, é interpretação autêntica da Palavra de Deus, é na meditação desta assim interpretada pela fé, que o mesmo Espírito conduz a pessoa ao Senhor: «Quem vos ouve, a Mim ouve» (Luc. 10/16); finalmente, a Autoridade na Igreja é autoridade do próprio Senhor que confiou aos Apóstolos o rebanho — em especial a Pedro: «apascenta as minhas ovelhas» (Jo. 21/15-17) — sem que Ele porém deixe de ser o bom Pastor (Jo. 10/11) que governa cada um pela lei inscrita no seu coração (cf. Jer. 31/33), em acordo pleno com as leis provenientes daqueles a quem disse: «estarei sempre convosco até ao fim do mundo» (Mt. 28/20) ([29]).

Esta coerência fundamental da Eclesiologia católica é um dos valores que os teólogos modernos têm posto justamente em relevo, e que veio consagrar a enc. *Mystici Corporis*, ao ensinar o Papa que Cristo é cabeça da Igreja por razões de governo e de influência ([30]).

9 — *Os riscos da Eclesiologia e o carisma*

É evidente que este mistério de colaboração dos homens na Acção da salvação não se realiza sem riscos: garantida pelo Senhor a infalibilidade (que na sua essência diz respeito à certeza de que todas as pessoas têm a salvação através da Instituição, seja qual for a qualidade dos Ministros), a Igreja pode no entanto aparecer mais ou menos brilhante na pureza espiritual da sua missão religiosa, conforme a maior ou menor *santidade*, a maior ou menor *lucidez* dos que a regem. Tem havido assim épocas de grande crise na Igreja, pode-se dizer mesmo que esta está sempre em crise aqui ou ali: por isso, Ela precisa sempre mais ou menos de reforma, que mais tarde ou mais cedo o Espírito não deixa de suscitar. É aqui que se situa a necessidade do carisma na Igreja, homens ou mulheres excepcionais de caridade e lucidez, pertencentes ou não à Hierarquia, que o Espírito escolhe e penetra totalmente para as missões difíceis, de revitalização da Instituição: Pio XII não deixa de referir essa maneira invisível e extraordinária de Cristo governar através dos seus santos ([31]). A História da Igreja está cheia deles: os grandes espirituais, dos Padres do Deserto a Carlos de Foucauld e passando por Bento, Bernardo, Francisco de Assis, Inácio de Loiola, João da Cruz, as duas Teresas; os grandes homens de acção como Atanásio, Cesário de Arles, Domingos de Gusmão, Carlos Borromeu, Vicente de Paulo e tantos mais; os grandes missionários como Agostinho de Cantuária, Bonifácio, Francisco Xavier; os grandes Papas de Clemente de Roma a Pio XII, passando pelos Gregórios I e VII, pelos Pios V e X, por Bento XIV e tantos outros; os grandes doutores, os Capadócios e os outros Orientais, Agostinho e Leão, Alberto Magno e Tomás, etc., etc., etc.

(29) Há aqui um mistério da Acção do mesmo Espírito em cada um e na Hierarquia, que se harmoniza perfeitamente na fé de cada católico, e de que cada um pode dar testemunho. Penso que este testemunho é de importância vital no diálogo ecuménico. O que fica dito é correlativo da doutrina católica de que não se pode perder a fé sem pecar contra ela.

(30) Ed. Vozes, Rio de Janeiro, n.os 37-41 e 48-50: é texto a meditar na perspectiva apontada.

(31) Ed. cit, n.º 39.

10 — Resumo

Antes de passar ao outro capítulo recapitulemos os aspectos da unidade da Igreja que é necessário ter presente no espírito ao abordar o problema ecuménico:

A unidade:

— começa dentro de cada um, dom do Espírito e conquista pessoal;

— existe portanto na medida da caridade dos cristãos, nunca faltando o institucional, o que é *dado;*

— realiza-se na Eucaristia, na mediação sacramental;

— é abertura para todos os homens, por diversos que sejam;

— assenta na Verdade total, interpretada pelo Magistério;

— existe apenas na obediência ao Colégio Episcopal, presidido pelo Santo Padre.

UNIDADE E CONCÍLIO

1 — Os obstáculos à Unidade

Duas ordens de obstáculos se encontram para a re-unidade dos cristãos: uns dogmáticos, outros não dogmáticos. Os primeiros resultam de divergências reais de doutrina que só poderão desaparecer no reconhecimento pelos não católicos da Verdade total: o entendimento depende aqui do diálogo ecuménico entre teólogos (32). Um pormenor, apenas: importa, no que se refere aos que rejeitam totalmente a Instituição na Igreja (Karl Barth, por exemplo, e a maioria dos protestantes) que os teólogos católicos ponham em evidência o carácter de *mediação* da Instituição, na linha do que se chamou a «coerência íntima da eclesiologia». Mas o diálogo não pode ser só troca de palavras, exige «testemunho»: dos próprios Teólogos (cf. nota 29), dos chefes da Igreja (cf. nota 23: hoje isto é normal nos nossos Prelados, a começar pelo Papa) e da própria Comunidade: aqui se situa o alcance ecuménico dos movimentos actuais de renovação bíblica, litúrgica, patrística, catequética, missionário, adaptação pastoral, etc., que tendem a tornar a Igreja mais visìvelmente Corpo Místico.

Os obstáculos não dogmáticos opõem-nos mùtuamente, católicos e não católicos, em coisas não essenciais, subjectivas. Por exemplo: as mentalidades e concepções de vida diferentes entre latinos e não latinos (falando duma forma grosseira); os critérios e práticas de vida espiritual, frequentemente bastante pouco esclarecidos teològicamente (certa maneira de conceber os sacramentos, sacramentais e indulgências que se aproxima da superstição, certa maneira de venerar os santos, nomeadamente Nossa Senhora, que é quase latria, certa maneira de conceber a obediência, etc.) (33); o considerar como tradicional e definitivo o que é adaptação a uma época e portanto secundário (34); a recordação de

(32) De que fala M. Villain, *Introduction à l'Oecumenisme,* ed. Casterman, Paris, 1958, 4.ª parte.

(33) O P.e Villain, ob. cit. p. 162-167, passa em revisão algumas atitudes a corrigir.

(34) É o que hoje se chama integrismo, e tão bem foi denunciado pelo Cardeal Suhard, *Triunfo ou declínio da Igreja:* incluida em *Deus, Igreja, Sacerdócio,* col. Signo, 2.ª ed. Aster, Lisboa, 1960, p. 64-72.

perseguições, guerras religiosas (a matança de S. Bartolomeu, por exemplo); as campanhas anti-católicas ou anti-protestantes; as informações inexactas da imprensa, do cinema, etc.; o estudo parcial da história e, em geral, a ignorância sistemática dos aspectos positivos da doutrina protestante — concretamente — apresentada habitualmente nos compêndios como um conjunto de erros sem justificação; o desconhecimento da lealdade e valor religioso dos nossos irmãos separados, embora não todos; etc., etc., etc.

Todos estes factores, meramente psicológicos, normalmente, provocam em ambas as partes — porque são reversíveis — uma grande quantidade de preconceitos e obrigam a uma compreensão maior uns dos outros (35) e a uma purificação de todos: uma das primeiras coisas de que nós, católicos, temos que nos convencer é de que o caminho para a Unidade tem que ser percorrido por não católicos e por católicos, aqueles da verdade parcial (36) à Verdade total, nós duma forma impura de viver a Verdade a uma forma mais autêntica, todos do pecado à caridade.

É aqui que se situa a importância do ecumenismo espiritual, de que noutra parte se fala, e do futuro concílio ecuménico.

2 — *Informação genérica sobre o Concílio*

A 25 de Janeiro de 1959, no último dia da Semana da Unidade, o Papa João XXIII, após as cerimónias litúrgicas a que presidira na basílica de S. Paulo, anunciou aos Cardeais presentes a reunião para breve dum concílio ecuménico. Mais tarde contará que a ideia lhe surgiu «como flor espontânea duma primavera inesperada». Procurando apressar a sua realização, que desde o início lhe apareceu como vontade muito clara do Senhor, instituiu no Pentecostes do mesmo ano uma Comissão ante-preparatória, presidida pelo Cardeal Tardini e cujo trabalho consistiu em recolher do Episcopado de todo o mundo, das Universidades Católicas e das Congregações da Cúria Romana sugestões e reflexões sobre os assuntos que lhes parecia deverem ser tratados no Concílio.

Os interrogados responderam na quase totalidade e das respostas (mais de 2000) se recolheram cerca de 2000 fichas catalogadas segundo os assuntos, os quais foram depois classificados por nações de origem das sugestões e relacionados com as condições especiais e problemas mais urgentes de cada uma. Uma síntese final pôs em relevo os temas que mereceram a atenção especial do Episcopado. Trabalho grandioso e único na preparação de concílios, que aliás João XXIII seguiu pessoalmente muito de perto (37).

---

(35) Para uma maior compreensão dos grandes valores religiosos dos nossos Irmãos separados, ver M. Villain, ob. cit., 2.ª parte. Ver também a análise Teológica do P.e Ch. Moeller, *Mentalité moderne et évangélization — Dieu, Jésus-Christ, Marie, L'Église*, Cahiers Lumen Vitae, Bruxelas, 1955, p. 237-255, que completa M. Villain por vincar as diferenças doutrinais (inclui também uma visão do significado das «seitas»).

(36) As parcelas tiradas da pedra aurífera também contém ouro, dizia Pio XI a propósito dos nossos irmãos separados.

(37) No n.º 1340 do Doc. Cath., col. 14355, faz-se a apresentação dos «Actos de João XXIII para a preparação do 2.º conclio do Vaticano», primeiro volume duma série destinada a reunir os trabalhos ante-preparatórios e preparatórios do concílio. Ali se torna patente a importância que o Papa tem tido na organização e intensificação dos trabalhos.

Entretanto, logo a seguir à nomeação da Comissão ante-preparatória, a primeira encíclica de João XXIII, *Ad Petri Cathedram*, de 29 de Junho de 1959, esclarecia que «o fim principal do Concílio consistirá em promover o desenvolvimento da fé católica, a renovação moral da vida cristã dos fiéis, a adaptação da disciplina eclesiástica às necessidades e métodos do nosso tempo». Um fim portanto de ordem interna, de revitalização. Nomeadamente, no futuro falar-se-á com insistência especial na revisão do Código de Direito Canónico. A 14 de Novembro de 1960, o Papa aponta com mais precisão: «Esperamos grandes coisas deste concílio que pretende criar uma renovação do vigor na fé, na doutrina, na disciplina eclesiástica, na vida religiosa e espiritual e, além disso, trazer uma grande contribuição à reafirmação dos princípios da ordem cristã, de que se inspira e sobre os quais repousa o desenvolvimento da vida cívica, económica, política e social».

Mas na mente de João XXIII, um fim mais remoto do concílio — inspirado e anunciado no dia em que terminava a Semana da Unidade — é ser *caminho para a unidade cristã*, fim que atingirá indirectamente, como ele diz na continuação do período da encíclica atrás citado: «isto constituirá com certeza um espectáculo admirável de verdade, de unidade e de caridade, cuja vista será, Nós o esperamos, para os que estão separados desta Sé apostólica, um convite delicado a procurar e encontrar esta unidade, pela qual Jesus Cristo dirigiu ao seu Pai Celeste uma oração tão ardente».

No Pentecostes de 1960, o Motu-proprio *Supernu Dei nutu* (38) instituía as Comissões preparatórias do Concílio, presididas por Cardeais e compostas de Membros e Consultores especializados, que sobre o material anteriormente reunido, prepararão os esquemas a serem discutidos pelos Padres do Concílio (39). Às 10 Comissões iniciais mais uma foi já acrescentada, além de vários Secretariados. Destes, importa distinguir um — o *Secretariado para a união dos cristãos* — destinado o informar oficialmente os nossos Irmãos separados do desenrolar dos actos do Concílio, cuja missão aliás se prolongará para além deste, como órgão oficial da Igreja Católica em ordem à facilitação da unidade.

A 13 de Novembro de 1960 começaram solenemente os trabalhos desta fase preparatória, com a celebração, presidida pelo S. Padre, duma Missa em rito bizantino-eslavo e audiência solene, no dia seguinte, aos componentes das Comissões e Secretariados instituídos. A estes compete agora um trabalho silencioso e aturado, findo o qual se iniciará o 21.º Concílio Ecuménico.

3 — *O objectivo do Concílio*

O Concílio não se propõe portanto tratar directamente dos problemas respeitantes à Unidade dos cristãos,mas sim uma reforma interna da Igreja: com o trabalho espantoso dos últimos Papas e da Cúria Romana muito tem sido feito já neste sentido, mas João XXIII pressentiu serem os problemas tão vastos e com aspectos tão diferentes em regiões de características tão diversas que se tornava necessário recorrer a um processo «que a História da Igreja nos transmitiu e que obteve sempre resultados abundantes» (40).

(38) Doc. cath. n.º 1330, col. 708 ss.
(39) A lista encontra-se, por exemplo, no número de Set.-Out. da Nouv. Revue Théologique.
(40) Doc. cath., n.º 1330, col. 746.

Salientou-se atrás que a unidade da Igreja é essencialmente católica, diversificada acidentalmente com as acidentais diferenças dos homens (41). É para isto que o Concílio ecuménico é o remédio normal, com a presença dos responsáveis das Igrejas locais de todo o mundo, daqueles que conhecem os problemas directamente pelo contacto quotidiano com eles, coadjuvados pelos melhores Teólogos da Igreja: um Concílio representa a doutrina e a experiência de toda a Igreja, reunidas sob a inspiração do Espírito, para darem normas para a solução dos problemas que o presente histórico põe. No nosso tempo, há uma acuidade especial devido à gravidade do crise atravessada, que o jesuíta Dejaifve comenta assim: «nas crises de crescimento do Corpo Místico de Cristo, nós chegámos talvez — é a nossa humilde opinião — à idade adulta. A crise desta idade, se me é permitido resumir muito imperfeitamente esta experiência vivida, é tomar-se repentinamente consciência da autonomia do mundo, do facto de que ele nos resiste, se opõe à nossa acção, é «realizar» que fora de nós existem outras pessoas com o seu universo, a sua autonomia e que a nossa acção deve compor-se com elas. A Igreja Católica está a fazer nos nossos dias a experiência das dimensões reais do mundo contemporâneo, do seu pluralismo e procura adaptar-se-lhe, passando dum contexto de Ocidente, com que esteve ligada por força das circunstâncias históricas, a uma dimensão, a uma escala mundial. *É-lhe pedido um salto para a frente, com todos os seus riscos, para uma catolicidade de facto, mais integral, num mundo que está abolindo os antigos privilégios e a sacudir o jugo espiritual do Ocidente.* É esta a tarefa que nos espera a todos, a nós católicos, e foi para resolver esta crise decisiva que o Santo Padre, movido por uma evidente inspiração do Espírito, convocou o próximo Concílio» (42).

Como se trata de problemas que exigem conhecimento e experiência, e os responsáveis não têm descido a pormenores, procurarei citar alguns prognósticos de teólogos atentos à realidade eclesial, que nos possam ajudar a ver o que será este. Evidentemente que o Espírito levará os Padres para onde quiser, os prognósticos são falíveis... Normalmente, prevê-se um triplo papel do Concílio: doutrinação, reforma da legislação, adaptação da pastoral.

4 — O Concílio e o Dogma

Os teólogos, ao prognosticar, insistem em que será necessário completar agora a eclesiologia do 1.º Concílio do Vaticano que, tendo definido o Primado do Santo Padre, foi dissolvido sem definir o papel dos Bispos e a sua dignidade como sucessores dos Apóstolos (43). Vimos também a necessidade, para uma Eclesiologia harmoniosa, de revitalizá-la, centrando-o na doutrina do Corpo Místico, como fez Pio XII. O P.e Spiazza, OP., professor do Angelicum de Roma, diz isto bastante bem: «A Eclesiologia,

(41) Ao colégio cardinalício e à Cúria, situados em Roma, ainda que a sua internacionalização, como é de esperar, se intensifique com a presença cada vez maior de elementos de nacionalidades não italianas, é muito difícil, só por si, atingir esta catolicidade *de facto*.

(42) *Concile oecuménique et catholicité de l'Église,* Nouv. Revue Théologique, Nov. 1959, p. 916 ss.

(43) Idem.

em particular, está em pleno período de desenvolvimento, e em certos aspectos, de reexame. A alma e a face da Igreja, se assim se pode dizer, estão melhor compreendidas, esclarecidas, explicadas na sua unidade e no seu pertencer ao mistério do Corpo Místico de Cristo e da Comunhão dos Santos; a vida da Igreja revela-se ainda melhor no seu carácter especìficamente religioso, que se exprime sobretudo na oração litúrgica, nas virtudes teologais, no estudo e no ensino da Verdade revelada, na ascese e na contemplação, na consagração religiosa, na vida sacramental, na vida comunitária que une na oração, na celebração da Eucaristia, no estudo e no culto da Palavra de Deus, na acção de ajuda recíproca, e especialmente de colaboração no apostolado de comunidades de diversos tipos e diferentes graus de perfeição de que se compõe a Igreja: religiosas, paroquiais e outras semelhantes, nos quadros da diocese e da Igreja universal, sob a direcção mediata ou imediata dos Bispos ou do Sumo Pontífice. Além disso, é necessário pôr a claro os laços que unem (pela Comunhão dos Santos) os membros da Igreja única que se encontra nos seus diferentes estados de Igreja militante, sofredora e triunfante, e em toda a Igreja o lugar e o papel de Maria (de forma a unir Mariologia e Eclesiologia); depois na Igreja militante, as relações e os trabalhos dos grupos diversos: clero, famílias religiosas, laicado, e neste associações de piedade, de caridade, de apostolado, almas consagradas, mulheres, etc.; e finalmente, faltará ainda determinar com precisão e eventualmente definir uma grande parte da doutrina sobre a constituição visível e hierárquica da Igreja, e em particular sobre a dignidade e a missão apostólica dos Bispos, sobre a importância das Igrejas como partes vivas da única Igreja, (44) sobre a unidade e a estrutura das dioceses e das paróquias, da organização visível da Igreja e em relação com o mistério do Corpo Místico» (45).

5 — O Concílio e o Código

Mas parece fora de dúvida que onde o Concílio está destinado a fazer trabalho inestimável é na legislação e na pastoral, «na ordem prática», como dizia o Cardeal Tardini.

Como que respondendo ao P.e Dejaifve, atrás citado, diz o P.e Spiazza que o que lhe parece mais urgente na revisão da legislação é «ter em conta os apelos de espiritualidade e de piedade que se tornam cada vez mais prementes na Igreja e em relação à Igreja, e do lugar, bem como do papel especìficamente religioso, que ela tem no mundo, já que a Providência dispôs que fosse libertada do peso de muitos acessórios terrestres e pudesse assim aparecer melhor como cidade mística das almas e esposa imaculada de Cristo e trabalhasse mais efusivamente como tal» (46).

O P.e Charles Moeller (47) lembra, nesta linha, o problema da pobreza evangélica de que a Igreja é chamada a dar testemunho, especialmente hoje: e é difícil não pensar no problema dos emolumentos sacramentais, no problema

(44) O estabelecimento desta doutrina terá alcance ecuménico especial face às Igrejas Ortodoxa e Anglicana; terá também importância grande na renovação pastoral que o Conclio fará, forçosamente, mais adaptada às necessidades variadas das diferentes regiões.

(45) Em artigo citado parcialmente em Doc. Cath. n.º 1325, col. 397 ss.

(46) Idem.

(47) Novellae Olivarum, n.º especial *Entre Deus e os Homens*, verão de 1960, p. 147.

dos benefícios em cujas rendas superabundantes se não pode tocar face ao da sustentação do clero das regiões mais descristianizadas ou pobres, no problema do luxo de protocolos episcopais ou papais em que a simplicidade dos nossos Prelados se encontra já pouco à-vontade, no esplendor de cerimónias barrocas que já não correspondem à nossa sensibilidade e cujo espectáculo é tão chocante, noutros problemas semelhantes, talvez.

6 — O Concílio e a Pastoral

Continuando a citar o P.e Spiazza: «No plano da organização jurídica ao serviço das almas, põem-se ainda problemas de adptação pastoral, em vista duma melhor eficácia do ministério sacerdotal para instruir e guiar os fiéis e para converter os «infiéis», no mundo actual. Trata-se de problemas enormes por causa da transformação das condições sociais, ambientais, culturais e mesmo psicológicas em que se encontram os homens de hoje. A vida espiritual e religiosa é influenciada por elas duma forma que, por causa da fraqueza humana, até ao presente se poderia dizer sobretudo negativa, ainda que, segundo alguns sintomas, fosse possível concluir que no mundo novo em formação, a difusão da cultura e o reinado da técnica poderiam determinar certas aberturas à acção pastoral que estariam longe de ser desencorajadoras, no que diz respeito à formação cristã. Tais seriam, por exemplo, um gosto novo pelo positivo, pelo concreto, pela simplicidade, pelas coisas verdadeiras; uma necessidade nova de convicção pessoal, e portanto de convicção íntima na prática religiosa, — menos ligada ao formalismo, aos hábitos, às tradições, às sugestões, etc., mas mais autêntica e capaz de espírito sobrenatural; uma aptidão nova ao raciocínio desenvolvido em muitos pela escola e pela leitura; um aperfeiçoamento dos sentimentos e dos costumes, a que a educação conduziria; um sentido novo dos limites e das incapacidades do homem a que a própria técnica chegará depois das bebedeiras e excessos dos tempos modernos; enfim, uma disponibilidade nova de tempo que poderá ser empregada e aproveitada para o bem.

«Mas em face destas perspectivas relativamente afastadas, prepram-se problemas que é necessário enfrentar hoje, para a educação e reeducação do homem — especialmente das crianças e adolescentes — na prática e no espírito da religião, para a restauração da comunidade cristã que se realiza concretamente nos dioceses e nas paróquias, para a reconsagração do domingo, dia do Senhor e da Igreja; para a penetração do espírito cristão em todas as formas da vida e em todos os domínios da actividade moderna: escola, trabalho, profissão, divertimento, moda, cultura, organização social e política, comunidade internacional...

«É evidente que para todos estes fins se impõe uma adaptação dos meios e dos métodos do apostolado, no plano litúrgico, pedagógico, catequético, social, recreativo, directional, etc., com uma boa preparação pastoral dos padres — além da espiritual e ascética ([48]) uma organização eficiente da colaboração dos leigos no plano paroquial, diocesano, nacional, internacional, um reexame e uma unificação eventual, pelo menos federativa, das inumeráveis iniciativas e obras que prosseguem esses fins com um ardor construtivo, que não teve nunca, talvez, outro igual na História da Igreja, mas que não atinge sempre uma eficácia pro-

(48) É todo o problema da reforma dos Seminários a encarar pelo Concílio.

porcional às forças utilizadas, por falta, creio, de coordenação e disciplina sob a direcção precisa e firme da Hierarquia, que não suprima a liberdade de inspiração e o trabalho, mas o guie e oriente.

«Isto vale também, creio, para a Acção Católica, à qual poderiam ser atribuídos, além da obra de formação religiosa e eclesial dos seus membros, diversos campos de trabalho — simplificando talvez a organização — nas paróquias, nas dioceses, e num raio maior de acção, na vida nacional, e se possível, internacional, ou melhor, na vida interdiocesana, intereclesial... Nomeamos especialmente a instrução catequética (nos seus graus diversos: paroquial, escolar, cultural, etc.); a moralidade pública (a promover por todos os meios permitidos pelos regulamentos democráticos modernos); a escola (quer oficial, quer privada: pense-se na importância das escolas paroquiais e diocesanas tidas com a colaboração de leigos competentes); os divertimentos (espectáculos, turismo, desporto); a acção social e política (no aspecto de difusão e defesa dos princípios católicos, de orientação moral e política dos eleitores, de influência determinante nos parlamentos e governos, de assistência e de organização social); a união internacional e para dizer melhor, católica (no plano religioso e apostólico) entre os institutos, os movimentos, as obras, etc., com possibilidades imprevistas, e até agora ainda não exploradas, de influência e de testemunho.»

Perguntar-se-á a que vem citação tão longa quando o objecto do artigo é o Concílio na perspectiva da unidade cristã. Limitar-me-ei a chamar a atenção para dois aspectos: o primeiro é que o drama de evangelização do mundo moderno está na raíz da preocupação pela unidade sentida duma forma tão viva por católicos e não católicos (não rezou o Senhor: «que eles sejam perfeitamente um, para que o mundo reconheça que fostes Tu que Me enviaste» (Jo. 17/21, 23?): é o grande factor que dinamiza o Conselho ecuménico das Igrejas, o próprio movimento ecuménico tendo surgido pelas dificuldades que a divisão cristã cria à missionação, e a reforma católica será um factor insuspeitável de união; o segundo, no fundo não difere do primeiro, é que esta reforma, apresentando a Igreja no seu papel especìficamente religioso é testemunho fundamental da Eclesiologia baseada no Corpo Místico de que se falou. É aliás o que o Papa pretende, como disse à Acção Católica Italiana: «com a graça de Deus, faremos o Concílio e pensamos prepará-lo visando ao que é mais necessário reforçar e reavivar no seio da família católica, conformemente aos desígnios de Nosso Senhor. Depois de ter realizado esta pesada tarefa, eliminando o que, da parte do homem, podia ser obstáculo a um caminhar mais rápido, Nós apresentaremos a Igreja em todo o seu esplendor, *sine macula et sine ruga*, e diremos aos nossos irmãos separados, — ortodoxos, protestantes, etc.: Vêde, irmãos, é isto a Igreja de Cristo. Nós esforçámo-nos por lhe sermos fiéis, por pedir ao Senhor a graça de a tornar como Ele quer que ela seja. Vinde, vinde: é este o caminho do reencontro, do regresso; vinde tomar ou retomar o vosso lugar, que para muitos de vós é o dos vossos pais. E da paz religiosa, da família cristã reconstituída, oh! que alegria, que prosperidade mesmo de ordem civil e social se pode esperar para o mundo inteiro» (49).

FERNANDO BELLO

(49) Aloc. aos dirigentes da A. C. Italiana, Doc. Cat. nº 1311, col. 1099.

O REGRESSO ÀS FONTES
CAMINHO PARA A UNIDADE

Faz agora um ano, publicava a «Novellae Olivarum» um número dedicado à unidade das Igrejas e dizíamos nessa altura que as diversas confissões cristãs só terão possibilidades de se unirem na medida em que se forem tornando mais conformes ao pensamento e ao amor de Cristo (1). Só por Ele é que os homens têm acesso à vida da caridade, só nEle todos encontramos o princípio de unidade, e por isso caminhar ao encontro da verdadeira Igreja, equivale a conseguir uma maior realização da vontade de Jesus.

Como havemos nós, porém, de chegar ao conhecimento desta vontade, de nos pôr em conformidade com o pensamento e o amor de Cristo? O caminho mais verdadeiro é o contacto com as fontes autênticas da vida cristã. *Bíblia, Tradição e Liturgia, é que nos hão-de conduzir ao encontro com Cristo, ou seja, ao encontro com a Igreja. Daqui, o grande valor que tem, no diálogo ecuménico, o regresso às fontes* — tanto mais que isto que nós podemos concluir no campo dos princípios é amplamente confirmado, no campo dos factos, pois se verifica que quanto mais se entra em contacto com as fontes e se aceita o seu valor, tanto maior é a aproximação da Igreja.

Escutando a palavra de Deus e participando no culto litúrgico, os homens incorporam-se em Cristo e, portanto, unem-se uns aos outros. O presente artigo não pretende mais do que desenvolver e documentar esta ideia.

Para quem reflecte sobre problemas ecuménicos, tendo de comparar entre si o pensamento da Igreja católica e o das Igrejas separadas, surge, logo de início, uma dificuldade que não podemos ignorar: o perigo de falsear as doutrinas vistas de fora e de fazer sínteses apressadas em questões tão complexas. Sobretudo quando falamos de pensamento protestante é sempre preciso ter em conta a profunda divergência de posições no seio da Reforma e o consequente perigo de, injustamente, generalizarmos opiniões que apenas são defendidas por alguns. Por isso, admitimos desde já uma certa margem de imprecisão naquilo que dissermos sobre o protestantismo e mesmo sobre as Igrejas orientais.

A PALAVRA DE DEUS

Deus salva-nos revelando-Se. Para levantar o homem da miséria e da insuficiência, Ele comunica-lhe uma Mensagem, em que diz como é a Sua vida íntima e em que, simultâneamente, ensina o caminho da Salvação, projectando

(1) Cfr. Novellae Olivarum — Jan. 1960 (pág. 4).

assim a luz sobre o mistério de Deus e o mistério do homem. Agindo na história, incarnando na nossa natureza, Deus disse-nos a Sua Palavra.

A Revelação foi progressiva: desde Abraão, passando por Moisés e pelos Profetas, o povo ia sendo instruído a respeito dos segredos de Deus; até que veio a plenitude dos tempos e o Verbo se fez homem, consumando a Revelação e dando-lhe perfeição definitiva.

A Palavra destina-se a gerar nos espíritos a vida divina — ela é verdadeiro princípio de salvação para quem a interioriza. Mas essa palavra não atinge sòmente cada homem em separado, não é comunicada apenas ao nível individual, mas é proclamada sobretudo à comunidade, convoca o povo, faz dele uma assembleia, ou seja, uma «Ecclesia». Onde isso aconteceu pela primeira vez foi na Aliança do Sinai: aí todo o Israel recebeu de Moisés a Lei do Altíssimo, escutou a Palavra que lhe dizia quem era Deus para o povo e o que o povo devia ser para Ele. Por isso, ficou constituída uma assembleia, uma reunião dos que tinham sido convocados.

Esta Aliança judaica era figura do Novo e Eterno Testamento, em que o Filho de Deus, «Lumen ad revelationem», nos veio contar tudo o que ouvira a Seu Pai, instaurando assim entre os homens a verdadeira comunidade de salvação e convocando a nova «Ecclesia» (2), na qual se haviam de unir todos os que nEle acreditassem. *A Palavra é, assim, princípio de unidade* (3).

Para os homens se unirem uns aos outros, precisam de escutar a Palavra de Deus e de se abrir a ela pela fé. Mas como poderemos nós, em pleno século XX, estar em contacto com a Mensagem divina que ficou completa e inalterável com a morte do último Apóstolo? (4). Acaso nos temos de contentar com uns velhos documentos históricos, ou a Palavra continua a ecoar aos nossos ouvidos com vida e com eficácia? S. Paulo dá-nos a resposta: «Damos graças incessantes a Deus, porque, depois de haverdes recebido a Palavra de Deus, por nós pregada, a aceitastes, não como palavra humana, senão como Palavra de Deus, que realmente é, e que, precisamente, *está a agir entre vós,* os crentes» (5). E a epístola aos Hebreus: «A Palavra de Deus é viva, eficaz e mais incisiva que uma espada de dois gumes». (6).

Consequentemente, a Revelação está presente aos homens de todos os tempos, e Deus continua a falar a cada um deles, descortinando-lhes o Seu mistério, suscitando nos seus corações uma resposta — e essa Palavra faz-se ouvir

---

(2) É conhecida a distinção teológica entre *Igreja que convoca* (Ecclesia convocans) e *Igreja que é convocada* (Ecclesia convocata), equivalente a outra mais usual — Igreja docente e Igreja discente. A Hierarquia prolonga a Missão de ensino que Cristo possuía em plenitude.

(3) Cfr. Actos V/14.

(4) Jesus Cristo veio completar definitivamente a Revelação — não há possibilidade de acrescentar a Mensagem que nos trouxe. Os doze Apóstolos são fundamentos da Igreja, e testemunhas especialíssimas da Revelação divina— por isso com a sua morte ficou definitivamente completa a Revelação pública e universal. A Palavra de Jesus é inseparável do testemunho apostólico (cfr. II Tim. I/13-14: «Tem por norma as boas palavras que ouviste de mim, na fé e no amor de Cristo Jesus. Guarda o bom depósito com a ajuda do Espírito Santo que habita em nós»).

(5) I Thes. II/13.

(6) Heb. IV/12; cfr. Is. LV/10-11.

através da Escritura Sagrada e da Tradição oral, conforme já ensinava o Apóstolo: «Irmãos permanecei firmes e prendei-vos sòlidamente às tradições em que fostes instruídos por nós, *oralmente* ou *por carta*» (7). Há, pois, estas duas fontes da Revelação, critérios remotos da fé (8), que longe de serem independentes, não são mais do que maneiras diversas da transmissão da única Palavra (9). Analisemos separadamente os problemas relacionados com a Bíblia e com a Tradição.

Bíblia

Depois de ter concluído a Aliança, Yahvé deu ordem a Moisés para escrever as palavras que tinha ouvido, a fim de que a sua memória se pudesse perpetuar (10). Cristo não deu nenhuma ordem semelhante a esta, mas estava nos desígnios da Providência, que os ensinamentos do Mestre e dos Doze fossem passados à escrita, sob inspiração. Assim se constituiu a colecção de livros sagrados que formam a Bíblia, aceite pela Igreja como verdadeira Palavra de Deus.

Em rigor de termos, a Sagrada Escritura não é alguma coisa de essencial na vida da Igreja — o que é essencial é que tenha havido uma Revelação e que essa Revelação se possa fazer ouvir na terra enquanto houver homens para salvar. Na sua infinita sabedoria, porém, quis Deus que além desta Palavra viva, e para lhe servir de apoio e de limite, houvesse um texto que consignasse por escrito a Mensagem primitiva (11). A Bíblia é, pois, um dos meios pelos quais chega até nós a Revelação feita à Igreja — meio privilegado, sem dúvida, porque tem a garantia da inspiração divina e porque fixou a Palavra duma maneira inalterável; mas não é o único meio, nem o mais fundamental, pois, como diz Guitton, «a Escritura é um texto e um texto não pode bastar nem bastar-se» (12). É indispensável que isto esteja presente ao nosso espírito para rectamente compreendermos o problema das relações entre a Bíblia e a Igreja.

Na verdade, a Escritura Sagrada não foi dada a cada fiel independentemente dos outros, mas foi entregue à comunidade e, em certo sentido, é um produto dela (13) — *só terá, portanto, todo o seu valor quando for lida em união com a Igreja, quando fôr proclamada e interpretada pela Igreja.*

---

(7) II Thes. II/15.

(8) A Bíblia e a Tradição são critérios remotos da fé, enquanto que o critério próximo e decisivo é o Magistério da Igreja — só ele pode declarar autorizadamente o que é verdade revelada.

(9) «A Escritura e a Tradição não são duas fontes distintas e justapostas ...mas são duas funções da única Fonte de Revelação que é Jesus Cristo» Maurice VILLAIN — *Introduction à l'Oecuménisme* (1958) pág. 218. Cfr. a este propósito a doutrina do Concílio de Trento (em D. 783).

(10) Ex. XVII/14 e XXXIV/27.

(11) Sobre este assunto, cfr. Jean GUITTON — *L'Église et l'Évangile*, pág. 142-143.

(12) Ibem, pág. 145.

(13) Entendamos esta afirmação — a Escritura é obra totalmente divina, mas também totalmente humana. Por isso, comunica-nos a Palavra de Deus envolvida pelo contexto eclesial em que foi escrita, e neste sentido pode dizer-se que é um produto da comunidade. Assim, por exemplo, o Evangelho de S. Marcos é muito diferente dos escritos de S. João, porque também era diferente a experiência da vida cristã no meio e no fim do primeiro século.

Tudo isto chega para justificar a importância excepcional que, em todos os tempos, os cristãos atribuiram à Bíblia — basta ver os livros litúrgicos, quase totalmente compostos a partir dos textos escriturísticos, assim como o uso constante da Palavra da Bíblia nos documentos do Magistério, nos estudos teológicos, na pregação e na catequese. E nos nossos tempos, é notório o papel decisivo que tem no crescimento da Igreja, o estudo profundo e o conhecimento divulgado da Sagrada Escritura.

1. *O ponto de vista protestante*

Uma das intuições centrais do pensamento de Lutero é a do encontro pessoal com Cristo, que continua presente e a quem nos unimos pela fé. Todo o movimento que se lhe seguiu vai insistir predominantemente nesta verdade, ao ponto de truncar a Mensagem — para a Reforma a Igreja é muito mais um «acontecimento» do que uma «instituição», pondo assim o acento tónico nos valores individuais, nas descobertas que cada um possa fazer. O perigo de semelhante posição é bem evidente e estão à vista os resultados desta parcialidade. Se o encontro com Deus é um problema meramente pessoal, é lógico que se negue o supremo poder que a Igreja tem de ensinar e que se arvore como único critério de fé aquilo onde cada um pode ir beber directamente a verdade divina. E de facto, o protestantismo vai situar a Escritura no lugar mais elevado, no centro absoluto, à volta do qual há-de girar toda a vida cristã. A *Escritura, e só ela, é o fundamento da Igreja.*

É claro que uma atitude como esta não deixa de ter algumas consequências benéficas: o estudo científico concentra-se na Bíblia, e esta é profusamente divulgada pelo povo cristão. Mas, por outro lado, como é grande o desvio em relação à verdade: é o triunfo do individualismo, a negação da Igreja hierárquica.

No entanto, graças a Deus, muitos teólogos das Igrejas Reformadas têm consciência deste perigo e procuram insistentemente suprir a falta duma autoridade que seja responsável pela recta leitura do texto sagrado. Segundo uns, o critério para a interpretação da Escritura é o Senhor, o Espírito presente na Igreja viva — reduzem assim o problema a uma questão de inspiração interior. Para outros é o próprio Jesus Cristo que está vivo e que nos fala hoje pela Escritura — estes acham que a Igreja não tem autoridade para julgar a Bíblia, porque isso seria confundir hermenêutica com jurisdição. A única chave de discernimento é Jesus; e como não é a passagem isolada como tal que faz autoridade, mas cada texto só tem valor em relação com todo o conjunto da Escritura, o papel do exegeta é indicar esta relação de cada passagem a Jesus Cristo, como centro de unidade (14).

Não perdoam à Igreja católica que ela se considere intérprete oficial da Palavra de Deus e que tenha por dogma a infalibilidade do próprio Magistério. Acusam-na de pretender julgar a Escritura, quando afinal a Igreja não julga

(14) Quem defende esta opinião com mais vigor é o protestante alemão G. Ebeling. Cfr. G. DEJAIFVE, S. J. — *Bible et Tradition dans le Luthéranisme contemporain* — em N. R. Th — Janeiro de 1956.

a Palavra de Deus, mas *pode e deve julgar a interpretação que os homens façam dessa palavra* (15).

De qualquer maneira, uma coisa é certa — há entre os «Reformados» uma tendência nítida de fuga ao subjectivismo, no sentido de reajustar a concepção do «livre exame», e uma procura de solidez objectiva que possa fundamentar pontos de vista comuns. Muitos deles afirmam sem hesitação: «É o mesmo, o Espírito Santo que anima a Igreja e que inspirou a Escritura. À Escritura, una e total, convinha um intérprete uno e total, a Igreja» (16). No entanto o problema não deixa de existir, porque, em última análise subsiste a divergência quanto à concepção de Igreja, e por isso se verifica que se encontram com a verdadeira Igreja muitos dos irmãos separados que atingem uma verdadeira compreensão do mistério da Bíblia.

2. *A Bíblia nas Igrejas Orientais*

Conforme adiante veremos as Igreja Orientais têm, ao contrário dos Reformados, um agudo sentido do valor da Tradição, como verdadeira fonte de verdade revelada. O problema da Escritura, consequentemente é equacionado em termos mais verdadeiros. Citemos Villain: «Nós, os católicos, distinguimos Tradição e Escritura, e é preciso fazê-lo, mas os nossos teólogos clássicos, por necessidade da polémica anti-protestante, enunciaram, por vezes, entre os dois termos uma inoportuna disjunção. Nada há de semelhante a isto na ortodoxia. Foi a Tradição (ou seja, a Igreja) que estabeleceu o cânon dos livros sagrados (só, com efeito, o Espírito que habita na Igreja, podia reconhecer as Escrituras que Ele inspirou), e é portanto a Igreja que lê a Bíblia oficialmente sempre no santuário. (...) A Escritura foi sempre considerada como fonte primeira e soberana, porque a Palavra de Deus tem valor absoluto, enquanto que a voz da Tradição conserva sempre um aspecto relativo e histório» (17). Como vemos há neles a consciência nítida da unidade da Revelação na duplicidade das fontes.

Os Orientais insistem particularmente na importância do Evangelho — Cristo serve-se desse meio para se tornar presente a nós, tal como se serve da Eucaristia para perpetrar o Seu amor na Igreja. Onde este sentido se evidencia especialmente é no próprio decorrer da celebração da Missa: o Evangelho e a Eucaristia são igualmente venerados. Na liturgia bizantina, por exemplo, o culto do Evangelho tem um lugar eminente — o evangeliário, ricamente encadernado, é posto sobre o altar depois da solene procissão inicial: quem o traz é o diácono, rodeado dos presbíteros con-celebrantes; o diácono e o sacerdote bei-

(15) De resto, a Igreja só raramente empenhou a sua autoridade em interpretar textos da Escritura. Na Enc. «Divino Afflante Spiritu», Pio XII disse expressamente: «Entre as muitas coisas que se propõem nos livros sagrados (...) só muito poucas há cujo sentido tenha sido declarado pela autoridade da Igreja, e não são muitas mais aquelas em que seja unânime o sentir dos Santos Padres. Restam, pois, muitas outras e gravíssimas, em cuja discussão e explicação se pode e deve exercer livremente a agudeza e o engenho dos intérpretes católicos».

(16) A. BARDET (protestante francês), citado em VILLAIN, o. cit. pág. 219.

Muitos outros exemplos podiam ser aqui apontados, sobretudo entre os protestantes alemães.

(17) M. VILLAIN, o. cit. pág. 118.

jam-no antes de entrarem no Santuário pela porta real da «iconostase» (18). À entrada, o diácono levanta-o, propondo-o à veneração do povo, cantando: «*A Sabedoria! De pé! Vinde, adoremos e prostremo-nos diante de Cristo: Salvai-nos, ó Filho de Deus, vós que ressuscitastes dos mortos, a nós que vos cantamos: Alleluia!*» (19) Quantas vezes esta realidade é por nós esquecida, pois raramente nos lembramos que a Bíblia foi escrita para nós, que através dela Cristo continua a fazer-se ouvir, Sabedoria do Pai comunicada aos homens — esta concepção tão cheia de verdade é um vínculo profundo que nos une estreitamente aos nossos irmãos orientais.

3. *A Bíblia — traço de união entre os cristãos*

A Sagrada Escritura, Palavra de Deus escrita inspiradamente, é a única fonte de Revelação aceite por todas as confissões cristãs — daí o seu peculiar valor neste caminho para a unidade. A Bíblia torna possível o diálogo entre uns e outros, nela todos procuram a autêntica vontade do Senhor, nela nos encontramos com o pensamento e o amor de Cristo: por isso a Escritura Sagrada é a pista por excelência que há-de levar os cristãos a unirem-se todos na verdadeira Igreja.

Tradição

«Escuta, Israel: O Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e com todas as tuas forças. Que estas palavras que eu te dito hoje fiquem gravadas no teu coração. *Hás-de repeti-las aos teus filhos* e hás-de dizê-las sentado na tua casa ou percorrendo o caminho» (20). É da essência da Revelação que ela seja comunicada de boca em boca, que passe de pais para filhos e de mestres para discípulos. Por isso o Senhor enviou os seus apóstolos pela terra inteira, disse-lhes que proclamassem sobre os telhados aquilo que tinham escutado em segredo e recomendou-lhes que fizessem ouvir a Sua Palavra até ao fim dos tempos. A Igreja ficou, pois, com a posse do tesoiro precioso da Revelação: assim como Cristo tem na Igreja uma plenitude mística, assim também a Palavra de Cristo tem, na pregação da Igreja, uma mística extensão. A comunidade eclesial continua a anunciar a Boa-Nova, assistida e impulsionada pelo Espírito de Deus — por isso, o ensino e a prática da Igreja são verdadeiras fontes de conhecimento da verdade revelada. Mais ainda: «*O ensino da Igreja não é um intermediário entre a Revelação e nós: é a própria Revelação enquanto nos atinge*» (21). Donde podemos concluir, mais uma vez, a ligação íntima entre Escritura e Tradição, ou seja, entre a forma escrita e a forma oral da transmissão da Mensagem di-

---

(18) Boa descrição fotográfica desta liturgia bizantina em «*Vivante Afrique*» (n.º 207, Março-Abril, 1960).

(19) Cfr. MERCENIER-F. PARIS — *La prière des Églises de rite byzantin* (ed. do mosteiro de Chevetogne), pág. 234-288.

(20) Deut. VI/4-7.

(21) E. MERSCH, S. J., *Morale et corp Mystique* (4.ª edição) — pág. 355. Vale a pena ler-se todo este capítulo «L'essence et l'unité intérieure de la foi».

vina, iluminando-se mùtuamente uma à outra, estando, não em concorrência, mas em complementariedade (22).

Desde os tempos mais recuados, o pensamento cristão tem consciência disto. Vejamos dois testemunhos que remontam ao séc. III: «Só devemos acreditar numa verdade que de nenhum modo esteja em discordância com a tradição eclesisática e apostólica» (23); «onde se encontra a verdadeira doutrina e a verdadeira fé cristã, também se encontrará ao mesmo tempo a sua verdadeira explicação e as verdadeiras tradições cristãs» (25).

A Igreja possui, assim, o inalterável tesoiro da Palavra de Deus, que é herança do Verbo à Sua Esposa, garantindo uma fidelidade constante à verdade inicial, ou seja, à Revelação feita de uma vez para sempre. Esta presença da Palavra revelada é anterior a qualquer formulação ou explicitação — é antes uma consciência viva, um conhecimento implícito, uma aceitação vital. Ora a única maneira de conservar as coisas vivas é fazê-las crescer e progredir: por isso a Igreja conserva imutável o tesoiro da Revelação fazendo-o progredir, isto é, descortinando mais e mais a verdade nele contida, formulando com precisão sucessivamente maior a doutrina já anteriormente aceite, explicitando, segundo um progresso divinamente orientado, aquilo que já era vivido (25). Para que mais esclarecida fique esta afirmação, seja-nos permitido transcrever uma passagem de Guitton: «*Il y a une permanense. Il y a une identité des profondeurs. Mais cette identité a besoin du temps pour être pleinemente elle-même.* L'identité ne se revèle pas par je ne sais quel dépliage. Pas davantage par un dépliement. *Elle le fait par quelque chose qu'il est impossible de définir avec des mots et des concepts, parce que nous le vivons, parce que nous le sommes*» (26).

É isto a Tradição, crescimento contínuo e transmissão progressiva da Palavra dita por Deus, defendida e interpretada à luz do Espírito Santo. Dessa Tradição são testemunhos os escritos dos Santos Padres, dos doutores da Igreja, dos grandes teólogos: o seu consentimento numa mesma opinião é sinal de verdade revelada. Ao Magistério compete declarar, com autoridade definitiva, o que é ou não matéria de fé (27).

---

(22) Há alguns casos especialmente característicos em que se verifica que a prática da vida da Igreja leva a uma melhor compreensão da Escritura: por exemplo, a afirmação do pecado original é esclarecida pelo hábito generalizado de se administrar o baptismo às crianças, etc.

(23) ORÍGENES, *De principiis* (Prafe. I, 2).

(24) TERTULIANO, *De praes. Haer.* (19).

(25) Cfr. mais algumas reflexões sobre este assunto, em *Introdução à leitura dos Padres da Igreja* — Novellae Olivarum, Out. 1960.

O Concílio do Vaticano (D. 1800) fez sua esta passagem de S. Vicente de Lérins: «Que cresçam, pois, que progridam larga e intensamente a inteligência, a ciência, a sabedoria de cada um e de todos, tanto a do homem particular como a da Igreja inteira, em cada período das idades e dos séculos; mas que cresçam exclusivamente segundo o seu género, quer dizer, no interior do mesmo dogma, no mesmo sentido, no mesmo pensamento». (*Commonitorium* — 28).

(26) *L'Église et l'Évangile* (pág. 65).

O sublinhado é nosso.

(27) Não pensemos que possa haver divergência entre o papel do Espírito Santo e a decisão do Magistério, pois Jesus garantiu a infalibilidade do ensino da Igreja: «Quem vos ouve é a Mim que ouve» (Lc. X/16); «Haveis de receber uma força, quan-

Tal como a Escritura Sagrada, a Tradição é fonte de verdade e, portanto, de unidade entre os cristãos. De facto, o conhecimento e a familiaridade com as testemunhas da Tradição, sobretudo com a literatura patrística, é um dos caminhos mais válidos para o encontro com a Igreja de Cristo.

1. *Tradição e pensamento protestante*

Não havia no espírito dos primeiros «Reformadores» nenhum preconceito especial contra os Padres da Igreja, nem contra a Tradição da Igreja Romana — o que aconteceu foi levar-se ao exagero a importância e o relevo fundamental da Bíblia, ao ponto de se negar tudo o que estivesse fora dela. Por isso, se Lutero rejeita toda a Tradição, despojando-a do seu valor de fonte autêntica, pretende, antes de mais, *salvaguardar em toda a sua pureza a Palavra de Deus:* «Per literam et humanas traditiones non edificatur Ecclesia Christo, sed per evangelium» ([28]).

Além disto, no protestantismo, como já dissemos é preponderante o aspecto individual ([29]), o contacto de cada um com Cristo, e portanto não admira que nele esteja atrofiado e empobrecido este valor da Tradição, valor eminentemente social, pois implica que se tenha em conta que, através da comunidade, Cristo continua a fazer-se ouvir. Daí que muitos deles acusem a Igreja católica de apregoar como Lei de Deus o que não passa de tradição humana e de inventar novos dogmas que não se encontram na Revelação divina ([30]).

No entanto, os Reformados não deixam de sentir a necessidade de que a Palavra de Deus se possa adaptar aos homens de cada tempo, e, por isso, consideram indispensável que, pela Igreja, ela se torne viva e actual (neste campo é notável a influência de K. Barth). Não admira, pois, que entre eles se façam ouvir algumas vozes a defenderem o papel da Tradição, como autêntica presença da Boa-Nova e, consequentemente, a reconhecerem o interesse dos antigos testemunhos cristãos. Neste contacto com a literatura dos Padres descobrem valores de que não suspeitavam e abrem o seu espírito a uma verdade mais total.

De todos os movimentos protestantes aquele que mais relevo teve, quanto a este aspecto de regresso às fontes patrísticas, foi, sem dúvida, o anglicanismo. Para os anglicanos a Bíblia deve ser iluminada e esclarecida pelos três símbolos, pelos quatro primeiros concílios e pelos Padres. Os três símbolos são o dos Apóstolos, o de Niceia e o de Santo Atanásio; os quatro primeiros concílios são os de Niceia, Constantinopla, Éfeso e Calcedónia, os únicos «verda-

---

do o Espírito Santo vier sobre vós, e sereis minhas testemunhas» (Actos I/8). Os Apóstolos tinham consciência disto: «O Espírito Santo e Nós, resolvemos...» (Actos XV/28).

(28) LUTERO, *Psalmen-scholien.* Citado por G. DEJAIFVE, S. J., *Bible et Tradition dans le luthéranisme contemporain* (N. R. Th.-Janeiro, 1956).

(29) Jacques MARITAIN, no seu livro *Trois Réformateurs,* mostra bem como Descartes inaugura o individualismo filosófico, Lutero o individualismo religioso e Rousseau o individualismo na vida social.

(30) Segundo alguns actuais pensadores protestantes, a Igreja Romana, para responder a esta acusação, arranjou dois expedientes engenhosos: o conceito de Tradição Oral, como fonte de Revelação (no Concílio de Trento) e a infalibilidade do Magistério como critério próximo de fé (no concílio do Vaticano).

deiramente gerais» da Igreja primitiva unida (31). Quanto aos Padres, os anglicanos sempre preferiram os do Oriente, sobretudo os alexandrinos, preferência esta muito compreensível, uma vez que ia ao encontro do gosto pelas filosofias platónicas: por isso a teologia anglicana tem um carácter mais místico que especulativo. Desenvolveu-se ela à sombra das grandes Universidades de Cambridge (sobretudo no séc. XVIII) e Oxford (sobretudo no séc. XIX).

Entre os grandes espíritos que marcaram presença nesta Universidade de Oxford, sobressai *John Henry Newman*, o homem que mais contribuiu para o esplendor da Igreja Anglicana e um dos grandes nomes do pensamento cristão do século passado.

Começou Newman a familiarizar-se com os textos patrísticos, ao ler os documentos do Concílio de Calcedónia e os escritos do Papa S. Leão: aí verificou o papel relevante do Bispo de Roma na luta doutrinal contra o monofisismo, pondo-se-lhe de frente o problema do primado de S. Pedro e seus sucessores. A dúvida permanecia no seu espírito, porque continuava persuadido de que a Igreja Católica tinha inventado dogmas e acrescentado afirmações ao conteúdo da Revelação — reflectindo, porém, insistentemente, na questão do progresso dogmático e iluminado pelo contacto frequente com os antigos Padres, ultrapassou este obstáculo, convertendo-se ao catolicismo. Fruto dessa reflexão é a sua obra «Ensaio sobre o desenvolvimento da doutrina cristã», editada pela primeira vez em 1845 (ano da sua conversão). Nela escrevia Newman: «Os recentes autores post-tridentinos não negam, que eu saiba, que toda a fé católica póde ser provada pela Escritura, embora mantenham certamente que ela não pode ser encontrada à superfície desta, nem num sentido escriturístico que poderia ser atingido na Escritura sem o auxílio da Tradição» (32). Mais tarde, revendo o seu itinerário espiritual e relembrando as dúvidas experimentadas, havia de escrever: «Perguntei sempre a mim mesmo o que teriam feito os Padres, esses homens cujas obras estavam a toda a volta do meu quarto, cujos nomes o meu olhar encontrava incessantemente, cuja autoridade influenciava sem cessar o meu juízo, o que teriam eles feito e como teriam agido na minha situação. (...) Que decisão teriam tomado Atanásio, Basílio, Gregório, Hilário e Ambrósio?» (33)

Como vemos, para o Cardeal Newman o contacto com os textos patrísticos foi alguma coisa de decisivo no seu encontro com a Igreja de Cristo. A leitura dos Padres foi o caminho que ele percorreu para a descoberta da verdadeira face da Igreja eterna, totalmente identificada com a Igreja Católica (34).

Não podemos fàcilmente calcular o grau de influência exercido por Newman no cristianismo inglês, nomeadamente na chamada «*High Church*», uma das tendências mais purificadas no seio do anglicanismo, que a si mesma se afirma católica e que acredita no valor da Tradição. De facto, aproximação das fontes equivale a aproximação da Verdade.

---

(31) Cfr. VILLAIN, o. cit., pág. 100-101.

(32) Citado em *Init. Théol. I* — pág. 80.

(33) Em *Pensées sur l'Église* — Col. «Unam, Sanctam» (ed. du Cerf.) pág. 237.

(34) Cfr. *Introdução à leitura...* Nov. Oliv. (Out. 1960). Newman colaborou activamente na colecção, publicada em Inglaterra, «Library of the Fathers»: traduziu e anotou textos de S. Atanásio; além disso, prefaciu os volumes de S. Cirilo, S. Cipriano, S. João Crisóstomo, etc.

2. *Os Padres do Oriente e as Igrejas separadas.*

Quando atrás analisámos a concepção oriental da Sagrada Escritura, dissémos como era vivo o sentido da Tradição nessas Igrejas separadas. Na verdade, a teologia ortodoxa insiste frequentemente em que, não só a hierarquia, mas toda a Igreja possui em si mesma o princípio de autoridade, pois toda ela é o prolongamento de Cristo, animada pelo Espírito Santo, dotada duma super-consciência e, por isso, eminentemente «conciliar» (35). Consequências deste princípio manifestam-se na importância atribuída ao consenso da Igreja e no respeito, por vezes exagerado, para com os testemunhos da fé primitiva, ou seja, para com os Padres.

Durnte o tempo do Império Romano, a facilidade das comunicações e a existência duma cultura helénica, proporcionavam unidade a todos os povos mediterrânicos e, consequentemente, à Igreja que neles se desenvolvia. Deste facto resultou que em toda a cristandade floresciam tradições comuns, apenas se mantendo temporàriamente isolada a Igreja persa (36). Logo que se deu a invasão bárbara e a queda do Império do Ocidente, os grandes patriarcados orientais começaram a organizar-se, ao mesmo tempo que as lutas teológicas sobre a pessoa de Cristo provocaram as primeiras quebras da unidade, com os cismas nestoriano e monofisita. Estas comunidades, uma vez separadas, fecharam-se em si mesmas, estagnaram nas suas tradições, pouco evoluíram em conhecimento teológico — foi o que aconteceu, por exemplo, com a Igreja nestoriam dos Sírios orientais, para quem Teodoro de Mopuesta é o «Intérprete» autêntico das Escrituras e o seu único doutor oficial. Foi um pouco o que aconteceu também com toda a Igreja bizantina, pois à medida que se ia vincando a separação, assim o pensamento e a investigação se iam concentrando exclusivamente nos Padres orientais. Por isso nós vemos que deixou de haver intercâmbio entre as tradições do Oriente e do Ocidente, uma vez que os ocidentais estavam embebidos do pensamento de S. Agostinho e só a partir do séc. XII (com a tradução dos escritos de S. João Damasceno) é que retomaram contacto com a herança dos grandes orientais. As Igrejas separadas tiveram, pois, o grande mérito de permanecerem fiéis, em muitos aspectos, ao espírito dos seus mais antigos escritores, mantendo assim uma continuidade com o passado e conservando-se próximas da verdade total.

Efectivamente, o regresso à tradição encaminha os cristãos para a unidade — onde isso se encontra mais evidentemente concretizado é no caso de um dos maiores pensadores da Igreja Russa, no século passado: V. Soloviev (1853-1900)

---

(35) O tema é do maior interesse e há até um termo próprio para exprimir esta ideia de «conciliaridade» (sinónimo de catolicidade) — «*sobornost*». Cfr. VILLAIN, o. cit., pág. 120-121.

(36) Desta Igreja persa conhece-se a figura de S. Afraates, que morreu nos meados do séc. IV. Pouco depois, S. Efrém e a Escola de Edessa (também chamada Escola dos Persas) haviam de sintetizar as tradições da Síria Oriental e da Síria Ocidental, ou seja, das culturas helénica e persa.

Cfr. I H. DALMAIS — *La tradition dans les Églises d'Orient*, em *Init. Théol.* I pág. 183 e seguintes). Ver também F. CAIRÉ, *Patrologie et histoire de la théologie* — I, (1953 — pág. 438. sgs.)

que desenvolveu sobretudo a teologia da Igreja e que, à luz dos Padres gregos, reconheceu o primado do Bispo de Roma (37).

3. *Tradição e unidade*

Se não há Tradição viva, a Palavra de Deus não é escutada pelos homens, nem a Boa-Nova de Cristo pode ser interiorizada por quem deseja a salvação. Se não há Tradição viva, a Igreja não é convocada, nem os cristãos se podem constituir em unidade. O pensamento e o amor de Cristo, identificam-se com o pensamento e o amor da Igreja, e portanto só a vida e a palavra da Igreja nos podem revelar a verdadeira vontade do Mestre, e a Sua vontade é que nós sejamos um só.

A LITURGIA

O plano fundamental de Deus a respeito do mundo está resumido naquela fórmula lapidar da epístola aos Efésios: «*Reunir sob a chefia de Cristo todas as coisas que há nos Céus e na Terra*» (38). É um plano de unidade porque é inspirado pelo amor e porque se destina a realizar o amor.

Para cumprir este Seu desígnio, falou Deus aos homens, viveu com eles, incarnou em forma humana, fez-se nosso irmão, entrou na nossa história. A eternidade penetrou no tempo e o mistério da nossa salvação é um facto histórico.

Esta História da salvação realizou-se, no passado, de uma vez para sempre — mas continua presente a cada geração, através da vida litúrgica da Igreja (39). *A Liturgia concretiza, hoje, a vontade que Deus tem de unir os homens em Cristo*, e é por ela que se constitui e que se exprime a comunidade eclesial. O culto litúrgico tem a dupla função de fazer descer até aos homens os dons divinos e de fazer subir até Deus o louvor prestado pelo Cristo-Total, uma vez que actualiza em cada momento a vida, a morte e a Ressurreição do Único Mediador, no qual todos somos incorporados. É, pois, a Liturgia que realiza o Corpo Místico, na proclamação da Palavra de Deus, na administração dos sacramentos, na celebração da Eucaristia, na contemplação dos mistérios divinos. É ela o lugar por excelência da leitura e do comentário da verdade revelada; nela encontramos as fontes da vida da graça e, sobretudo, a presença do Sacrifício do Calvário.

Porque é acto da Igreja, a Liturgia é eminentemente social, é vivida em reunião, em assembleia, sem todavia destruir a autonomia de cada pessoa e sem prescindir da presença individual — na vida litúrgica os homens unem-se em

---

(37) I. H. DALMAINS, ibidem.

(38) Ef. I/10. Literalmente, dir-se-ia *Recapitular em Cristo* (cfr. a nota de Con. José Falcão, no seu segundo volume do Novo Testamento).

(39) O P. Chenu, no seu célebre artigo *Les Sacrements dans l'économie chrétienne* («La Maison-Dieu» — n.º 30), esclarece magistralmente esta afirmação. Ver também a bela síntese sobre o sentido da Liturgia, no Caderno de Estudos sobre o Sacerdócio, *Entre Deus e os Homens* (pág. 105-106), n.º especial de «Novellae Olivarum» (1960).

resposta ao apelo de Deus e, portanto, onde não há verdadeira Liturgia não pode haver unidade total.

Esta unidade total é, evidentemente, realizada, antes de mais, na celebração da Eucaristia, onde todos se encontram na comemoração da morte do Senhor e na participação do Seu Corpo. *Foi pelo Sacrifício da Cruz, de que a Missa é presença sacramental, que se tornou possível a unidade entre os homens:* «Jesus ia morrer pela nação, e não só pela nação mas também para trazer à unidade os filhos de Deus que andavam dispersos» (40); «...e Eu, uma vez elevado da terra, hei-de atrair todos a Mim» (41). S. Paulo, fazendo-se eco destas palavras do Evangelho, escreve: «Foi em Cristo Jesus que vós, outrora longe, vos aproximastes pelo Sangue de Cristo. Este é, de facto, a nossa paz, Ele que fez de uns e outros um só e derrubou a barreira que os separava, anulando pela Sua carne a inimizade (...), a fim de, em Si próprio, criar dos dois um só homem novo, estabelecendo a paz, e reconciliar com Deus, pela Cruz, uns e outros num só Corpo, levando, em Si próprio, a morte à inimizade» (42).

Enquanto comunhão no Corpo de Cristo, a Eucaristia é ainda o grande princípio de unidade, porque não pode haver maior vínculo entre nós, nem mais intensa presença do amor. «O pão que partimos não é comunhão com o Corpo de Cristo? *Por ser um só pão, nós, que somos muitos, constituímos um só corpo, visto participarmos todos do único pão*» (43). Toda a primitiva Igreja teve presente esta relação da Eucaristia e da unidade entre os cristãos, como se pode ver pelos mais antigos testemunhos: «Assim como este pão partido, dantes disperso pelos montes, foi recolhido para se tornar um só, assim também a Tua Igreja seja reunida dos confins da terra no Teu Reino» (44).

De tudo isto uma conclusão se impõe: é através da Liturgia e, principalmente, da Liturgia eucarística que nos incorporamos no Senhor Jesus, que formamos a Sua Igreja, que nos unimos uns aos outros numa mesma fé e numa mesma caridade. E a Igreja estará tanto mais purificada quanto melhor os seus filhos entenderem que é antes de mais pela acção litúrgica que há neles vida cristã.

1. *Será o protestantismo a negação da Liturgia?*

Para bem compreendermos a posição da Reforma quanto à Liturgia, precisamos de ter presentes as grandes linhas da sua teologia sacramental. Sempre fez dificuldade ao espírito protestante a doutrina católica sobre a eficácia «ex opere operato» dos sacramentos, objectando que assim se reduzia o rito sacramental a uma acção mágica, a qual realizava automàticamente a santidade. Negam eles, unânimemente, que os sacramentos sejam verdadeiras causas da gra-

(40) Jo. XI/51-52.
(41) Jo. XII/32.
(42) Ef. II/13-16. S. Paulo refere-se directamente à união entre judeus e gentios na única Igreja de Cristo.
(43) I Co. X/16-17.
(44) DIDAKÊ — Cap. 9.

ça, dizendo que não passam de ocasiões para o cristão exercer e manifestar a sua fé (45).

Por outro lado, num desejo de fidelidade à Escritura, limitavam os sacramentos a dois: *o Baptismo e a Ceia do Senhor*, os únicos de que o Evangelho fala explìcitamente, como instituídos por Cristo. Quanto ao Baptismo, não aceitam que por ele se imprime na alma um carácter indelével, mas comparam-no ao Baptismo de João, só lhe atribuindo valor enquanto excita a fé. A respeito do sacramento da Eucaristia a questão é mais complicada: querendo os primeiros Reformadores revalorizar a atitude pessoal de participação na Missa, acabaram por minimizar o seu valor objectivo, negando-lhe o carácter pròpriamente sacrificial. Quanto à presença real, Lutero acreditava firmemente nela, embora rejeitasse o conceito de transubstanciação (46); todavia alguns dos seus partidários chegaram a negar a própria presença real.

De qualquer maneira, a Reforma esvaziou a Missa daquilo que nela é fundamental, reduzindo-a a pura comemoração, em que todos, fraternalmente, celebravam a Ceia do Senhor, dando-se enorme relevo à leitura da Bíblia. Mas a leitura dos livros Sagrados também pode ser feita por cada um em sua casa, e então os protestantes deixaram de ser assíduos aos templos — foi a terrível crise individualista, sobretudo do séc. XIX.

Estamos hoje a assistir a uma pujante reacção contra esta crise. Na verdade, *a renovação litúrgica*, que na Igreja católica se desenvolveu a partir do pontificado de Pio X, *também se fez sentir entre os irmãos separados*, principalmente entre os calvinistas de língua francesa, segundo um desejo efectivo de culto comunitário e uma preocupação constante de retomar os valores da Igreja primitiva. Vários trabalhos recentes (47), amadurecidos no ambiente ecuménico, vão ao encontro do conceito católico da eficácia sacramental rectamente compreendida e da verdadeira noção da presença de Cristo na Eucaristia.

Como consequência disto põem de novo no seu lugar sacramentos anteriormente abandonados (por exemplo, a confissão) e insistem na frequência da celebração da Ceia do Senhor (no anglicanismo, esta celebração passou a ser dominical e é hoje quotidiana na «High Church»). Já em 1948 o pastor M. Boegner, presidente da Igreja reformada de França, escrevia: (Pretende-se) «fazer uma obra conforme, simultâneamente, à tradição reformada e ecuménica... Propor à Igreja uma liturgia sóbria, clara, precisa... Dar à Ceia do Senhor o lugar que ela tinha na Igreja primitiva e no pensamento dos nossos

(45) Esta concepção protestante dos sacramentos vem na linha da sua doutrina sobre a justificação pela fé. Eles sentem dificuldade em aceitar a nossa explicação da eficácia sacramental, porque não levam até ao fim as consequências da Incarnação (por vontade de Cristo, a Sua acção santificadora realiza-se através de sinais sensíveis, verdadeiramente eficazes. Portanto é Cristo quem santifica todo o que se abre a Ele pela fé).

(46) Lutero defendia a presença de Cristo na Eucaristia, sem que deixassem de existir as substâncias do pão e do vinho, o que está em desacordo com a doutrina católica da transubstanciação.

(47) Há já três ou quatro decénios que se esboça, no protestantismo, este movimento de renovação litúrgica. Ver as numerosas obras publicadas, e as realizações levadas a cabo, em «La Maison Dieu» (n.º 19) — *Le renouveau liturgique dans le Protestantisme d'expression française*, espécie de crónica escrita por I.-H. Dalmais, assim como M. Villain, o. cit. (pág. 94).

reformadores... Ligar a pregação à leitura da Bíblia a fim de que os ouvintes fiquem esclarecidos sobre os textos lidos... Vivificar a participação da assembleia, que deve ser não só receptiva, mas também activa» (48).

Este espírito de revaloração da Liturgia e da Missa vem a par dum esforço no sentido de redescobrir o verdadeiro carácter sacrificial da Eucaristia, não apenas simples comemoração do Calvário, mas autêntica actualização do sacrifício da Cruz em ordem à aplicação dos seus efeitos (49).

Neste campo, o movimento de maior consistência foi o chamado «Église et Liturgie», oriundo da Suíça e com muita repercussão em França, que está na origem de uma das experiências mais significativas do protestantismo actual — *a fundação do mosteiro de Taizé.* Levado pelo desejo duma disciplina comum, que contraria o individualismo, e pela necessidade duma oração comunitária, que manifesta o união interior dos espíritos, Roger Schutz reuniu um grupo de amigos e com eles passou a viver duma maneira semelhante às Ordens Religiosas (50). O estudo e a prática da Liturgia são, entre outras, as notas mais salientes desta comunidade, que também é um dos centros onde o movimento ecuménico tem maior vitalidade.

Entre os seus membros distinguem-se particularmente o prior, Roger Shutz, e Max Thurian, que se esforçam por encontrar o sentido teológico da Liturgia sacramental, procurando as suas fontes bíblicas. Este aprofundamento das relações entre a Bíblia e a Liturgia, merece todo o nosso interesse (51).

Reconstituindo o culto litúrgico na sua pureza tradicional, estes nossos irmãos abrem-se a uma fonte inesgotável de verdade e de amor, unem-se mais autênticamente a Cristo e aproximam-se da unidade, segundo o desejo de Deus (52).

2. *As Liturgias Orientais*

Embora a acção litúrgica seja, em muitos dos seus elementos, uma instituição divina, nem por isso está menos enraizada em homens concretos e portanto deve ser conforme ao carácter e à psicologia da comunidade que a realiza.

As liturgias orientais obedecem a esta lei — *estão de acordo com o espírito complexo, meditativo, místico, com o gosto pelo simbolismo, característicos*

---

(48) Citado por I.-H. Dalmais, o. cit. (pág. 51).

(49) Em *Études* (Jan. 1960) podem-se encontrar vários testemunhos que documentam esta tendência.

Ver também, neste mesmo número, o Panorama.

(50) Ver mais adiante algumas notas históricas e diversos outros elementos sobre a Comunidade de Taizé.

(51) O ponto de vista católico a respeito deste problema vem amplamente desenvolvido em *Parole de Dieu et Liturgie* (Col. Lex Orandi, ed. du Cerf), actas do Congresso de Pastoral Liturgica de Strasburg (1957). Deste mesmo congresso o P. José Ferreira publicou uma interessante crónica em «Novellae Olivarum» (out. de 1957).

(52) Não pensemos que é só entre os calvinistas de língua francesa que se nota esta renovação litúrgica: também ela é patente em numerosas comunidades alemãs e ingleses. Ainda há pouco tivémos conhecimento dum aceso debate entre um bispo anglicano e alguns dos seus pastores, os quais usavam na Missa a Liturgia Romana, alegando que a Igreja anglicana faz parte do Patriarcado do Ocidente, cujo chefe é o Bispo de Roma.

de todo o homem do Oriente. Há nelas uma exuberância de expressão, um sentido de transcendência misteriosa, que nos causam estranheza, habituados como estamos ao hieratismo das nossas catedrais e à sobriedade da Liturgia Romana.

O ocidental é por natureza um homem prático, debruçado sobre os seus problemas, preocupado com a eficácia da sua acção. O oriental, ao contrário, está todo virado para Deus, aprecia contemplar os mistérios mesmo sem ver nisso utilidade, o seu cristianismo tem *um cunho vincadamente escatológico* — tudo isso tem repercussões na Liturgia e mesmo na arquitectura sacra.

A Basílica do Oriente tem um clima que imediatamente leva à meditação duma presença celeste e transcendente: a grande cúpula envolvente, a riqueza dos dourados e dos esmaltes, a iconostase que separa o santuário das naves, decorada com figuras sagradas, tudo isto são factores de extrema importância enquanto criam um ambiente e definem uma mentalidade. Toda a Liturgia se desenrola num clima de mistério, com grande luxo de pormenores, com um simbolismo realista, que a torna acessível ao povo sem deixar de ser majestosa.

Além desta dominante escatológica, as Liturgias orientais têm ainda uma valiosa característica: *o sentido de consagração do cosmos.* Assim como o Verbo de Deus incarnando assumiu em si uma natureza criada, assim também a Igreja deve consagrar a Deus toda a criação.

As Igrejas do Oriente mantêm no seu culto algumas particularidades especiais que são vestígios de valores antigos:

— um número considerável de dias alitúrgicos (por exemplo, os dias da quaresma, excepto sábados e domingos)

— a concelebração de vários presbíteros no mesmo sacrifício eucarístico.

— a comunhão sob as duas espécies, etc., etc. (53).

Na sua diversidade, as Liturgias orientais (copta, siríaca, melkita, arménia, bizantina, etc.) conservam uma unidade fundamental e uma riqueza inegável. O esplendor e a verdade do seu culto são fontes de união a Cristo e de compreensão entre os cristãos.

3. *A Liturgia — princípio de unidade*

As Igrejas separadas que têm sacerdócio autêntico, possuem os verdadeiros sacramentos e nelas se celebra o sacrifício eucarístico — têm por isso o maior penhor de unidade, que é o Corpo de Jesus repartido entre os irmãos.

Mesmo aquelas que cortaram com a linha de sucessão apostólica e cujos sacramentos não são válidos, ao aproximarem-se das formas de culto litúrgico, aproximam-se verdadeiramente da Igreja de Cristo, porque sintonizam com ela a sua oração e porque tornam possível a esperança da unidade.

---

(53) Cfr. M. Villain, o. cit. (págs. 122-124) e Mercenier, o. cit. (págs. 214-215).

O REGRESSO ÀS FONTES E O ECUMENISMO

CONCLUSÃO

Um verdadeiro ecumenismo não pode pretender realizar uma espécie de sincretismo religioso entre as diversas confissões cristãs; mas pode e deve procurar o que há de comum nas Igrejas separadas e considerar quais têm sido os caminhos que levam à unidade.

Ora a reflexão teológica e a verificação histórica levam-nos a uma conclusão evidente — a boa compreensão da Sagrada Escritura, a familiaridade com a Tradição Patrística e a vitalidade do culto litúrgico, são vínculos profundos a unirem os cristãos entre si, são valiosos pontos de encontro a partir dos quais se há-de processar a aproximação. Não é por mero acaso que a aspiração ecuménica desabrocha paralelamente à renovação das fontes — só a Palavra de Deus, presente ao nosso mundo de hoje, proclamada e vivida na acção litúrgica, torna possível que a Igreja seja convocada, que os homens dispersos se reunam em volta do Senhor e que os irmãos separados reencontrem a sua unidade. Bíblia, Tradição e Liturgia, verdadeiras fontes de verdade e de caridade, é que revelam aos homens o pensamento e o amor de Cristo, ensinando-lhes assim o caminho para a unidade.

Esta unidade há-de ser um dom de Deus, mas podemos confiar n'Ele, porque a Sua alegria está em nos fazer bem (54).

LUÍS MOITA

(54) «Eu encontrarei a minha alegria em fazer-lhes bem» — Jer. XXXII/41.

SERÁ UTOPIA?

Já estava redigido o artigo anterior («O regresso às fontes — Caminho para a unidade») quando nos chegaram às mãos estas belas páginas, que retomam algumas das suas afirmações. O facto não pode deixar de ser significativo, tanto mais que o autor deste testemunho é um irmão duma Igreja separada — o Rev. Luís César Rodrigues Pereira, presbítero da Igreja Lusitana e Pastor em Vila Franca de Xira.

Quem o ler serenamente, sentirá crescer em si a esperança da unidade, verá com evidência que essa unidade não é uma utopia, mas que há caminhos para ela e que nós já estamos a percorrer esses caminhos. O encontro com a vontade de Cristo e o crescimento n'Ele, hão-de realizar-se numa fidelidade constante e numa purificação atenta.

Será possível a união das várias confissões cristãs? Há cinquenta anos poucos se atreveriam a responder afirmativamente a esta pergunta. Hoje a possibilidade desta união antolha-se-nos cada vez mais forte.

Claro que possibilidade não quer dizer facilidade. A distância a percorrer por cada um de nós na sua própria «estrada» até chegarmos ao ponto de união é ainda muito longa, difícil e perigosa, até; todavia já andámos o bastante para verificar que todas essas estradas convergem e encontrar-se-ão um dia.

Quando era rapaz, experimentei dirigir-me a pé a certa povoação que distava uns dez quilómetros donde eu vivia. A estrada era recta em quase toda a sua extensão. Ao fim de meia hora de marcha pareceu-me que o fim da estrada estava tão longe ainda como quando começara a andar; mas voltando-me para trás, vi que o ponto de partida se encontrava muito distante e já mal se enxergava.

É o tamanho do percurso já andado, no caminho da união das confissões cristãs, que nos anima a crer com mais firmeza na possibilidade dessa união.

Estão actualmente em pleno vigor três grandes movimentos que pela sua natureza e universalidade não podem deixar de ser do Espírito Santo. Esses movimentos que estão pràticamente a influenciar toda a cristandade no sentido da união, são a Renovação Bíblica, o Movimento Litúrgico e o Movimento Ecuménico.

RENOVAÇÃO BÍBLICA

A renovação bíblica recente, na Comunhão Católica Romana, tem aspectos de grande interesse para anglicanos e protestantes. As traduções católicas modernas são das línguas originais e não da Vulgata. As notas, muito reduzidas em certas edições, são mais para esclarecer o texto do que para dele extrair doutrina. A última edição que conheço, a chamada «Bíblia de Jerusalém» é notável não só pela beleza da tradução como pela largueza das suas notas, em que por exemplo, a hipótese documentária da origem do Pentateuco (hipótese de escola protestante) é exposta e aparentemente aceite com desembaraço que nos deixa boquiabertos.

Além disso o esforço para promover a leitura regular das Escrituras pelos leigos é impressionante; papas e bispos recomendam-na com insistência; sociedade e ordens religiosas promovem edições tão acessíveis como as das sociedades bíblicas protestantes e procuram difundi-las largamente. Hoje, a velha acusação protestante de que Roma esconde a Bíblia ao povo, não tem a menor razão de ser.

Este novo gosto pela leitura e estudo das Escrituras, tende a criar determinado tipo de piedade, esclarecida, viril, desempoeirada e, sobretudo, cristocêntrica, que nós outros, cristãos da Reforma, entendemos muito melhor do que aquele modo de ser religioso, fruto da Contra-reforma, que predomina até aos nossos dias.

Do lado reformado, quer protestante quer anglicano, a renovação bíblica foi como que o retomar do equilíbrio perdido por causa das conclusões da «alta crítica» liberal, nem sempre compreendidas e às vezes recebidas de ânimo demasiado leve. O livro de Deus foi pois de novo posto entre nós no lugar que lhe competia, embora entendido de modo diferente do tradicional. E, caso curioso, mesmo entre confissões protestantes, que não têm a concepção de Igreja, professada pelos anglicanos, começa-se a reconhecer que a Bíblia só pode ser verdadeiramente entendida no contexto da Igreja, em cujo seio, afinal, se formou.

Não podemos portanto deixar de reconhecer, que, se diferentes interpretações da Bíblia nos separaram no passado, o novo interesse actual pela Bíblia começa a aproximar-nos, talvez mais do que nos apercebemos.

MOVIMENTO LITÚRGICO

O Movimento Litúrgico, revela também uma tendência convergente, ainda talvez mais marcada. Na verdade, do lado Católico, tem orientação nìtidamente evangélica e reformadora; do lado reformado, inclinação rasgadamente católica e tradicionalista.

Nas diferentes comunhões, o espírito que o inspira é o mesmo; e, vamos, as dificuldades e suspeitas que encontra da parte dos «ultra-conservantistas» são também as mesmas... Isto também aproxima.

De facto, é a mesma realidade de novo vivida do Corpo Místico do Senhor; é o idêntico sentido de que somos uma Família; é a necessidade igual de

expressarmos esse facto na Eucaristia, por maior participação litúrgica e sacramental. A Eucaristia deixa de ser a cerimónia a que se *assiste* e de que raras vezes se participa, para ser a *acção* litúrgica, colectiva, normal de todo o Povo de Deus. Este movimento, na sua essência, é idêntico tanto na Comunhão Romana, como na Anglicana, como nas outras igrejas da Reforma, embora numas mais marcado do que noutras. Mas em todas, é bem o fruto de despertamento próprio e não o resultado de qualquer imitação.

De tal modo é assim, que estou convencido de que por exemplo, um irmão da Comunidade protestante de Taizé, se sentiria mais «em sua casa» numa Missa cantada na Paróquia católica parisiense de St. Severin do que num Culto calvinista clássico; e, vice-versa, um padre da Comunidade de St. Severin apreciaria muito mais uma «parish Communion» anglicana do que certas devoções para-litúrgicas da sua Comunhão. E isto, sem pôr em dúvida, nem por um momento, a ortodoxia respectiva de qualquer deles.

MOVIMENTO ECUMÉNICO

O Movimento Ecuménico, cuja expressão orgânica é constituída pelo Conselho Mundial das Igrejas, não correspondeu de modo algum às esperanças que muitos nele depositaram. Os seus êxitos, todavia, justificam bem todo o esforço que nele foi e continua a ser dispendido. Esses êxitos são, julgo, de três ordens:

A colaboração das Igrejas Orientais, o auxílio inter-eclesiástico e o aprofundamento da insatisfação e tristeza pelas divisões entre os cristãos.

Os dois primeiros são factos, ambos de grande alcance. O terceiro, de carácter diferente, não pode ser tão precisamente descrito, e contudo é de longe o mais importante.

A presença dos Ortodoxos no Conselho Mundial das Igrejas, beneficiou bastante os ocidentais; os Ortodoxos tinham e têm muito para nos dar dos tesouros de espiritualidade e de tradição litúrgica acumulados durante séculos de experiência muito diferente da nossa. A eles, também aproveitou saírem do seu isolamento religioso e conhecerem mais de perto outros modos de ser cristãos. Os frutos desta convivência não amadurecerão nos nossos dias, mas estão gerados e são promissores.

O auxílio inter-eclesiástico é como que o lado essencialmente prático do ecumenismo e é padrão do ecumenismo que a outros níveis (ao nível paroquial, por exemplo) poderia e deveria ser mais largamente praticado, como o Prof. Oscar Cullmann defendeu no seu livro «Catholiques et Protestants — Un projet de solidarité chrétienne». Já que infelizmente não podemos comungar no mesmo altar, e isto de parte a parte, por motivos muito graves, baseados em convicções muito sérias, numa palavra, por aquilo a que o P.e Varillon S. I. chamou a «intransigência do amor», comuniquemos nas coisas em que podemos, em obras de caridade recíprocas ou em conjunto. Demos e sirvamos de modo por assim dizer sacramental, em que a dádiva e o serviço sejam sinais visíveis, da fé em Cristo que nos une, para além das nossas divergências de doutrina e de prática.

Podemos dizer que o auxílio inter-eclesiástico dá testemunho daquela

caridade que há-de ser a alma da cristandade reunida e sem a qual, ela seria como corpo sem espírito.

Como se sabe, o fim principal do Conselho Mundial das Igrejas era contribuir para a união dos cristãos, promovendo conferências onde os diferentes pontos de vista fossem explicados nos seus vários aspectos de modo a eliminar preconceitos devidos a insuficiência de conhecimento e a avolumar o número de doutrinas aceites por todos e desta forma a dar maior consciência da unidade já possuída.

Os resultados foram pouco animadores. Contou alguém que tomou parte em algumas dessas conferências que as reuniões eram por vezes, verdadeiros suplícios de Tântalo. Quando se julgava que se encontrara a fórmula aceite por unanimidade, verificava-se de seguida que a unidade era apenas aparente, visto que o sentido dado aos vários termos dessa fórmula, não era o mesmo para todos.

Contudo algo resultou. Em primeiro lugar criou-se uma convivência espiritual de grande valor e que tornou possível o auxílio inter-eclesiástico a que me referi, fruto de muita generosidade e por vezes até de certo sacrifício.

Em segundo lugar, e também como resultado dessa convivência, se as barreiras existentes se tornavam mais definidas, ficavam também infinitamente mais dolorosas. Quando se sofre com a separação é porque existe amor. Estava pois lançada a pedra fundamental da união.

UNIDADE E MISSÃO

Muitas vezes impacientamo-nos com o tempo que tudo leva. E parece tão urgente que se unam os que confessam Cristo como Senhor e Salvador! O materialismo avança, organiza-se, mina, e os cristãos sem se entenderem e às vezes, até, lutando uns com os outros! Que desperdício em recursos e mão de obra, por causa das nossas divisões!

É evidente a utilidade de uma frente única em face do inimigo comum. É clara a vantagem que a união teria para a extensão do Reino de Deus; a eficiência e as possibilidades evangelísticas duma cristandade unida seriam extraordinárias; a autoridade da sua mensagem aos olhos dos não cristãos, muito maior.

Porém caminharmos para a união dominados principalmente por esta ideia da sua utilidade seria errado e até perigoso.

Há anos, pregou na Igreja que pastoreio, o Dr. John Boys, ao tempo Bispo duma das dioceses da Província anglicana da África do Sul. Talvez com a Igreja do Sul da Índia em mente, fez a seguinte comparação que nunca esqueci:

Se tentarmos, unir vários pedaços de metal, procurando à martelada, agregá-los, poderemos conseguir, ao fim de muito trabalho, amassá-los num bloco, mas será um bloco heterogéneo e com muito pouca coesão; porém se os submetermos a calor intenso, eles fundir-se-ão e ficarão unidos de modo íntimo e estável.

Não serão as discussões dos teólogos nem as combinações de política eclesiástica que triunfarão, embora sejam muito importantes e de muito peso.

A ESPERANÇA DE UNIDADE

Há-de ser o amor de Cristo derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo, fogo divino que queimará barreiras, abrirá caminhos, eliminará distâncias, de forma a cumprir-se inteiramente a vontade do Senhor de que os Seus fôssem todos um, de tal modo que o mundo os visse e cresse.

O motivo pois, há-de ser apenas um — fazer a Vontade de Cristo; o método só pode ser essencialmente um — Crescer nEle.

Era essa a opinião do P.e Couturier, o homem extraordinário que conseguiu aliar a mais perfeita fidelidade à comunhão a que pertencia com a mais larga compreensão e apreço para com os «irmãos separados».

Por esse motivo, as intenções que aconselhava para os diferentes dias da Semana de Oração pela Unidade, eram sobretudo pela santificação dos cristãos, segundo a confissão a que pertenciam. A união, dizia ainda o P.e Couturier, há-de ser não o *retrocesso* dos vários ramos ao ponto de partida, mas sim o *avanço* de todos sem excepção, em Cristo e para Cristo.

Como disse no princípio, já avançámos bastante. Quem há cinquenta anos (e meio século nada é na vida da Igreja) acreditaria, se lhe dissessem, que o Arcebispo de Cantuária ia visitar o Papa; que vários Bispos católicos franceses iam reunir-se em Taizé em longa conferência com pastores huguenotes; ou que (deixando agora essas altas esferas) um presbítero da Igreja Lusitana seria convidado a escrever para este número especial da Novellae Olivarum?...

Mais uma vez durante oito dias vamos, cristãos de várias convicções, orar de modo particular para que «chegue a unidade visível do Reino de Deus, como Cristo a quere pelos meios que Ele quiser. Esboçada no movimento dos corações que se volta para o mesmo Senhor Jesus, como não há-de realizar um dia a união de todos os cristãos no perfeito apaziguamento da unidade?»

Assim escreveu o P.e Couturier e tinha razão. A união dos cristãos não é uma utopia.

L. R. PEREIRA

CIPRIANO DE CARTAGO
E A UNIDADE DA IGREJA

O Rev. Eduardo Henriques Moreira não é pessoa desconhecida dos nossos leitores — uma entrevista que concedeu à «Novellae Olivarum», publicada no n.º de Janeiro do ano passado, deu-nos a conhecer este Pastor duma Igreja Reformada. Residente em Lisboa e professor no Seminário de Carcavelos, é presbítero da Igreja Católica Lusitana.

Ao pedirmos ao Rev. Eduardo Moreira um testemunho sobre a unidade da Igreja, sugerimos-lhe que o fizesse baseado no livro de S. Cipriano «De unitate Ecclesiae» cuja tradução publicamos em Suplemento. Estas páginas são, assim, para além dum estudo histórico e duma série de reflexões teológicas, uma eloquente expressão do desejo de unidade, mas unidade que não é condescendência com o erro e só realizável na oração e na fidelidade. Que fique a ecoar no nosso espírito a última frase do Rev. Eduardo Moreira: a Mensagem de Cipriano estudada «com humildade, despreocupação e amor aproximará os cristãos — em Cristo».

Dum certo presbítero Cecílio que viveu em Cartago pelos começos do século III da nossa era, talvez nada mais se saiba do que isto: teve a glória de trazer ao convívio dos cristãos Cipriano, esse pagão de classe ilustre, filho dum dos principais senadores cartagineses, e mestre já famoso de retórica, que viria a ser Padre e Doutor da Igreja Latina e, mais do que toda a honra contida nesses títulos, Mártir da Fé.

Por via de Lactâncio, alguns lhe chamaram o «Cícero Cristão», e do seu estilo diria S. Jerónimo que «se espraia doce e plácido, à semelhança de uma fonte cristalina». Treze séculos depois Fénelon notaria nele «uma tal magnitude e uma tal veemência, que o tornavam semelhante a Demóstenes». Assim o lembra Lolliée.

Convertido e baptizado, se chamaria Táscio Ceciliano Cipriano e estaria próximo dos cinquenta anos de idade quando, por morte de Donato, o bispo de Cartago que um ano antes o ordenara, se viu forçado a consentir na sua sagração episcopal, em 248.

Bispo africano no século III, no intervalo de cruéis perseguições, enfrentando a sanha do Estado e a superstição da plebe, estudava sempre. Ao seu

secretário dizia, referindo-se à obra de Tertuliano, frequentemente compulsada: «Dá cá o mestre». E afinal o seu estilo é, para críticos abalisados, mais ductil e elegante que o do seu mestre escolhido.

FISIONOMIA ESPIRITUAL

Este é o Homem. Homem no sentido mais amplo do termo, porque amou Deus na pessoa de seus irmãos (1.ª de S. João 4, 20) vivendo para eles no episcopado e morrendo por eles no martírio. Elo apostólico ligado a Cecílio como este de outros elos provinha, em corrente ininterrupta de amizade fraternal e demonstração prática da fé, que é fruto do Espírito Santo, e em nós se torna energia para transportar montanhas, mesmo pequena como grão de mostarda, foi um Santo. Primeiro por essa força inexplicável que apela ao nosso sentimento, e entrando assim, pequenino na humildade, pela porta estreita de acesso à vida, cresceu desde então maravilhosamente pela razão e a volição que nas suas obras se revelam, manejou as Santas Escrituras com a habilidade que o amor proporciona, separando-se das vaidades e impurezas da sociedade em que fora nado e criado, tornando-se enfim exemplo e mestre.

Ao estribar-se fundamentalmente na Palavra de Deus e ao invocar como leal intérprete o Espírito de Verdade, o Paracleto, que nosso Salvador e Mestre Supremo prometera, «para nos ensinar tudo» (S. João 14, 26) foi *ortodoxo* tanto quanto foi *católico*, na ânsia de unidade que o Senhor inculcara e S. Paulo aos Efésios tão claramente estatui (capit. 4, 1 a 6).

Mártir e Confessor, escreveu com o sangue da morte cruenta o seu testemunho, depois de escrever com tinta, durante uma curta mas operosa vida cristã, o seu depoimento e legado apostólico.

Quanto à época e ao país, recordemos de novo que se está no Norte da África, numa Igreja despontante e cheia de esperanças, mas em plena «era dos mártires». Cessara o curto período de paz religiosa, proporcionada por Alexandre Severo ao Império, a qual todavia não impedira o Senado e a aristocracia romana de opor tenaz e aberta oposição ao cristianismo. Décio Trajano, de 249 a 251, não tendo gozado as salutares influências que Severo gozara, considerou que o único meio de assegurar a unidade e estabilidade do Império residia na supressão do cristianismo (aliás até ali não reconhecido por qualquer edito imperial) e o extermínio dos seus mentores. O novo decreto impondo a todos a conformidade com a religião do Estado e a participação nos seus ritos e cerimónias, forçava os cristãos à desobediência nessa matéria, firmados no ensino de S. Pedro (Actos 5, 29).

Costuma-se às vezes dizer, com risonha leviandade, que «dos fracos não reza a história». Está certo, ou quase certo. Dos fracos só se faz referência nas tradições humanas quando oferecem contraste com os fortes que verdadeiramente se relevam. Mas acrescente-se que se não conhece, em nosso juizo, ninguém na História dos povos, que maior força moral revele que os Mártires e Confessores da fé cristã, sabendo resistir ao desdém geral, ao escárneo, à exautoração, à tortura moral e física, à morte e ao seu «antegosto»: testemunhas do Evangelho, esse «dínamo» de Deus para a salvação (Aos Romanos, 1, 16) que em S. Paulo se traduz pràticamente naquele moto admirável: «Tudo posso em Aquele que me fortalece»! (Aos Filipenses 4, 13).

OBRA LITERÁRIA

Falaremos agora da sua obra literária. Quando eclodiu o cisma de Novaciano, para afastar do perigo os seus compatriotas, aliás já em atitude adversa, escreveu S. Cipriano a sua obra, porventura a mais famosa, «De Unitate Ecclesiae». Era então a máxima preocupação do seu espírito esclarecido, evitar, sustar, ou eliminar, se tanto pudesse, a tendência fragmentária dos cristãos, cujas causas se manifestam múltiplas. A mais desculpável, ou compreensível, digamos, era então o desconhecimento, em várias regiões, do texto completo das novas Escrituras; a carência e carestia dos relativamente raros manuscritos; a falta dum catálogo do Novo Cânon. Assim surgiam exegeses deficientes ou nìtidamente erróneas. Porém outras divergências surgiam tendo por causas remotas, dum lado a formação mosaica, em tudo vendo ataque ao dogma da unicidade divina; do outro, a formação helénica, facilitando a crença numa essência semidivina atribuída a Jesus, como se atribuira a Orfeu, a Héracles... E ainda apareciam os de tendência mística oriental, com o sincretismo dos maniqueus, ou outros com a sua «gnose» deificando os Eons do Texto Sagrado, como se deuses fossem de diferente grau...

Para Cipriano, o erro fundamental era a divisão, porque duma substratura falsa e enfraquecida provinham todos os defeitos de construção. Evidentemente, perante Deus, Juiz Supremo por absolutamente justo, serão responsáveis pelo cisma, não só os que o promovem, como os que o tenham provocado pelo escândalo do delito, numa espécie de parasitas ou de «profiteurs» da unidade, como os houve da divisão. Já o iremos verificar.

Afigura-se-nos que a luta contra os hereges e cismáticos o levou longe demais, pois na controvérsia com S.to Estêvão de Roma chegou a negar a validade do baptismo daqueles, exigindo portanto a repetição do sacramento. Estêvão entretanto venceu com lógica razão.

TEMPOS DE PERSEGUIÇÃO

Poucos meses depois da sua sagração episcopal explodia a já referida perseguição de Décio (no Outono de 249) pelo que S. Cipriano foi forçado a exilar-se, continuando todavia a dirigir o seu rebanho, por correspondência, até 251. A parte pelos críticos considerada mais preciosa, dos seus escritos, são as sessenta e cinco cartas que chegaram até nossos dias. Com dezasseis respostas constituem um «corpus» de grande valor na Patrologia. Para recente crítica feita sob a direcção do professor de Oxónia Dr. Cross algumas daquelas cartas são curtos mas verdadeiros tratados onde se condensa o pensamento ciprianiano, com evidente utilidade para teólogos e clérigos, no ponto de vista da história da disciplina e da vida eclesiástica, por formarem um quadro luminoso dos seus ideais como bispo e doutor.

Durante a perseguição grande número de cristãos tinha arrefecido na fé, e muitos outros tinham-se defendido por meio dos «libelli pacis», forma de suborno que manchava os que de ambas as partes os utilizavam com fingimento. Os que se mantiveram firmes foram depois promovendo caridosamente a reconciliação dos que regressavam, finda a borrasca, invocando os méritos dos mártires como virtude purificadora. Cipriano opôs-se com todo o vigor a

esta prática; e nos concílios de 251 e 252 decidiu-se, como ele preconizava, que a reconciliação fosse precedida dum prolongado tempo de prova.

Naquele último ano deflagrou em Cartago uma peste, provinda doutras partes do Império, que pelos pagãos foi atribuída à presença «criminosa» dos cristãos, escandalizadora dos seus deuses. O supersticioso Galo, então à frente do Império, fez recrudescer a perseguição aos cristãos, paralizando afinal a actividade do magnânimo Bispo exercida entre os pestosos.

Verificava agora Cipriano, a par do espírito de desagregação que o cisma provocava, outro mal igualmente grave: o das ambições de mando que surgiam e intrigavam para se imporem. Claro exemplo é o de Novato, que defendeu a transigência rápida com os «libeláticos», contra Cipriano, que, exigia provas de arrependimento; porém, uma vez vencido, veio juntar-se a Novaciano, na defesa da prática oposta, isto é, negando por completo o perdão da Igreja aos que haviam caído!

A UNIDADE DA IGREJA

Confinaremos a análise da obra cipriânica no tratado «De Catholicae Ecclesiae Unitate» porque nos falece o tempo e nos escasseiam dons para um exame geral e profundo que toda a sua acção literária e eclesiástica merece. Cotejámos, tanto quanto nos foi possível, com o texto latino, uma versão inglesa de nosso uso, dos Drs. Alexandre Roberts e J. Donaldson, de Edimburgo, 1870, a portuguesa de Luís António de Azevedo, um tanto parafrástica mas que nos pareceu honestamente fiel ao sentido original, e razoável paradigma do nosso vernáculo dos fins do século XVIII.

Estamos diante dum documento autêntico, justamente do meado do século III, comprovativo da prática da sucessão episcopal, firmada e afirmada com prudência e lógica. Tratando do caso das autoridades elevadas no cisma, reflecte o texto, bem claramente, a irritação de que estava possuído o ambiente cristão, o que deveria ser fonte de escândalo entre os adversários, endurecendo-os na sua incredulidade — como aliás nos dias de hoje. De facto seriam ridículas, como nesses dias, as auto-investiduras de chefes sectários, filhas do espírito de aventura, da embriaguês do mando e dum individualismo extremo, atitudes de que nem sempre se dariam conta os que as tomavam. Só um tribunal de teólogos e juristas profundamente especializados em heresiologia, e suprindo objectivamente, o melhor que lhes fosse possível, a falta de documentos subscritos pelos acusados, poderia agora rever os processos e promover novas sentenças; mas de todo esse esforço sempre resultaria incólume o princípio da Unidade da Igreja.

Sangrara o coração de Cipriano ao saber das quedas e imperfeições que tinham por cenário o próprio ambiente eclesiástico, tanto como a vaidade espiritual dos mais antigos montanistas e dos recentes novacianos, que farisaicamente vinham juntar a um mal outro mal, o da intolerância que não perdoa e do orgulho que divide.

AS «CISTERNAS ROTAS»

A aplicação feita pelo grande Bispo, da alegoria do Profeta acerca das «cisternas rotas» (Jeremias 2, 13) é de excelente e perpétua projecção, pois se

a água do Evangelho é sempre pura e vivificadora em si mesma (e se pode ser recolhida em diversos vasos, conforme as épocas e os locais, tomando o conteúdo a forma do seu continente sem que por isso perca a pureza) o prejuízo está realmente na rotura de escândalo, pelo esquecimento ou o desprezo de qualquer das virtudes características da Igreja. E uma delas, essencial, é a unidade. Notemos que a rotura tanto pode provocar a extravasão do líquido como o seu inquinamento.

Indignadamente se refere o Mártir à «orgia de baptismos» (permiti-me excesso da expressão) por esta ou aquela razão invocada, seja de forma ou de essência, de tempo ou de lugar, excesso que tem persistido nos arraiais das cristandades.

Um passo de Cipriano tem para nós um valor particular: quando, a propósito da referência de S. Mateus 18, 20, que os grupos cismáticos invocavam, para justificar a sua posição de «pequeno número abençoado», afirma ele que capciosamente suprimiam o contexto (v. vers. 19). Capciosamente ou não, talvez por vezes com ignorância das leis da exegese, ainda hoje se cai nesse defeito de dialéctica, esquecendo ou ignorando a máxima atribuída a Pascal (não podemos agora verificar se com originalidade) que o intérprete das Escrituras são primacialmente as mesmas Escrituras. Quem poderá negar que são elas, realmente, o seu melhor intérprete?

Poderemos imaginar, na exegese do texto em referência, da união dos crentes cristãos, que se duzentos milhões deles estivessem rogando ao Pai Celeste a união geral a todo o preço, isto é, até à condescendência com o erro, e outros duzentos milhões impetrassem ao mesmo Senhor comum a pureza absoluta da Fé, para cada um, mesmo a despeito da manutenção das divisões, desde início condenadas, não haveria nos quatrocentos milhões o direito de esperar a bênção da resposta integral, ainda que todos fossem gozando a bênção da paciência divina... É por isso que, todos os cristãos, deveremos orar com humildade, unidos em amor e perdão e compreensão, e no desejo constante duma união maior, aquela que foi predita por Nosso Senhor como certa: «haverá um só rebanho e um só Pastor» (S. João 10, 16). Aquele que o predisse é, como nos diz S. Pedro, «o Pastor e Bispo das nossas almas» (1.ª Epíst. 2, 25), que delega nos Bispos e Pastores a função terrena e temporária do cargo que nele é celeste e eterno.

Para Cipriano, e com cristalina evidência, o Senhor estabelece primàriamente a união e a concórdia; depois, a resposta às orações, vem como selo da aprovação divina.

IGREJA SANTA — MEMBROS PECADORES

Para o Santo Bispo a culpa estava nos que haviam tomado a iniciativa de separar-se. Estamos pensando que estes se defenderiam afirmando que antes da sua separação prática, material, aqueles que a reprovavam se haviam separado da doutrina, como eles a entendiam, ou da ética, como todos em geral a entendem. Seria o eterno jogo do alijamento de responsabilidades: «A mulher que Tu me destes por companheira deu-me do fruto e comi» (Génesis 3, 12). A culpa é, pois dela (aí há maldade) se não é Tua (aí há blasfêmia). Por isso, uma das Cidades de Refúgio, todas elas em seus nomes hebraicos pre-

figurando aspectos do Messia, se chamava «Ombro»; porque o Senhor, respondendo ao instinto humano de descarregar responsabilidades, «tomou sobre Si as nossas culpas» (Isaías 53, 5).

Ora nas questões interpretativas, quando em Corinto uns diziam serem de Paulo, outros de Apolo ou de Cefas (1.ª aos Coríntios 1, 12-13), o Apóstolo exclamava: «Está Cristo dividido?!» e assim nos fazia sentir que certas diferenças, se porventura podem fazer escola, não podem nunca formar seita.

Ainda, nas questões morais, o argumento socrático *a fortiore* nos ajudará a ver claro: se se exige perfeição absoluta no Corpo da Igreja, isto é, nos membros de que ela se compõe (referimo-nos aqui ao que não é essencial, conforme o sábio conceito de Santo Agostinho) negamos a própria Igreja, não digo como instituição, *Una, Sancta,* mas como conjunto dos fiéis, que não são absolutamente perfeitos. E afinal os que se separaram por motivos morais, donatistas, montanistas, não atingiram a perfeição que negavam no corpo que cindiram.

A perfeição *na* Igreja, é a *de* Deus. O absoluto *na* Igreja é o *de* Deus. E ao usarmos o termo «perfeição» em referência a Deus, damos-lhe um significado semântico, porque etimològicamente Aquele «no qual não há mudança nem sombra alguma de variação» (Sant'Iago 1, 17) transcende o sentido de alguém ou algo que está sendo feito ou que alguma vez foi feito!

CIPRIANO E A UNIDADE DOS CRISTÃOS

É Cipriano quem formula definitivamente o princípio católico do Episcopado, segundo historiadores do Dogma. Não digo, é claro, que o criou, nem mesmo que o «inventou», no sentido latino, mas que o formulou. Um escritor que reputamos exemplarmente probo, Augusto Sabatier, o cristão reformado famoso pelo seu amor a S. Francisco de Assis, diz-nos: «Fortemente esquematizada nos escritos de Ireneu, de Tertuliano e de Orígenes, a teoria católica do episcopado não se conclui senão nos escritos de Cipriano de Cartago.» Hesitamos em aceitar para nós, aquele termo, «teoria»; mas, pensando bem, uma teoria é sempre posterior ao facto. A própria doutrina da Santíssima Trindade é um exemplo. O facto eterno encontrou um dia a formulação, para o homem, na palavra humana. E assim nos surge o trinómio ciprianiano: Unidade, Catolicismo, Episcopado, que estudado com humildade, desprevenção e amor aproximará os cristãos — em Cristo.

EDUARDO MOREIRA

Dia de Natal de Nosso Senhor, de 1960.

O CENTRO ECUMÉNICO

«*UNIDADE CRISTÃ*» *DE LYON*

Pedimos ao Rev. Padre Michalon, uma das pessoas com mais responsabilidades no Campo do Ecumenismo Católico, que nos escrevesse para este número, um testemunho acerca das actividades ecuménicas por ele dirigidas e orientadas. Com a maior simpatia o P. Michalon acedeu ao nosso pedido e redigiu para os nossos leitores este artigo, que certamente vão ler com imenso interesse.

Aqui ficam os nossos agradecimentos, tanto mais sinceros quanto sabemos estar o P. Michalon assoberbado por enorme trabalho, fazendo votos que através da leitura do seu artigo, Deus conceda aos nossos leitores «a graça de sofrerem as separações e de humildemente levarem o peso do pecado que é a sua causa». Já que «na oração nos é assegurada a esperança de que o Senhor nos há-de aprofundar a todos no mistério da Unidade» conforme diz o P. Michalon em carta a nós dirigida.

Parece preferível, para os leitores da Revista que dá a honra a um sacerdote francês com responsabilidades no Ecumenismo, de escrever nas suas páginas, que eu apresente um testemunho pessoal sobre o Centro «*Unidade Cristã*» de Lyon. Este testemunho será necessàriamente breve e partirá daquele que continua sendo, ao que parece, o «profeta» da Unidade: o padre *Paul Couturier*.

No dia 27 de Março le 1953, pela primeira vez no Funeral de um Sacerdote, S. E. o Cardeal Gerlier, pronunciava uma alocução onde declarava nomeadamente: «O Padre Paul Couturier foi o apóstolos e o obreiro inconfundível da União de todos os cristãos. Honrou assim grandemente esta diocese. Foi um servidor magnífico da Igreja. A Igreja lho agredece, pela minha humilde voz. Oxalá nós possamos guardar sempre o seu espírito, seguir sempre o exemplo da sua bondade irradiante... A sua obra será continuada no mesmo espírito».

A orientação do P.e Couturier

Com a idade de 54 anos, tinha o P. Couturier descoberto a sua vocação ecuménica; em 1937, pela primeira vez, os cristãos de diversas confissões eram convidados por ele a levar em conjunto o sofrimento das separações, a encontrarem-se conjuntamente na única intercessão de Jesus rezando na Quinta-Feira Santa pela Unidade dos Seus.

Não vou agora expôr os fundamentos doutrinais desta orientação na oração pela Unidade. Já o fiz, no que diz respeito ao essencial, em brochura intitulada «Oecuménisme Spirtuel (1)» publicada em 1960 (acaba de ser traduzida em espanhol). Baste para já, dizer que o P. Couturier não exprimiu o seu pensamento em linguagem teológica. Mas a sua intuição de contemplativo de Cristo e de filho humilde da Igreja, conduziu-o ao centro do mistério: a Unidade dos cristãos é uma graça que lhes não será concedida, senão na medida em que eles obedeçam às inspirações do Espírito Santo, a que apenas são sensíveis as almas de oração. É necessário que todos os baptizados estejam unidos em uma mesma intercessão, a fim de implorarem para eles a Unidade visível tal como Cristo a quer pelos meios que Ele quiser.

Já desde 1943 eu estava relacionado com o P. Couturier. Efectivamente os meus superiores (2) tinham-me nomeado em 1937 director e professor de Sagrada Escritura do Seminário Maior de uma diocese do centro da França (Les Cévennes), onde a lembrança das guerras religiosas dos séculos XVI e XVII permanecia ainda viva, e manifesta ainda de vez em quando com violência, mesmo até ao sangue, do que eu fui testemunha. A pedido de um bispo, eu tinha organizado um grupo de Sacerdotes e pastores protestantes que se reunia umas 4 vezes por ano. As relações de respeito, depois de estima e finalmente de amizade, permitiram-nos a realização de dias de trabalho doutrinal que tiveram a sua repercussão no plano pastoral. Esta experiência ecuménica desenrolava-se num clima de oração que as relações com o P. Couturier alimentavam.

Este tinha, efectivamente, entabolado contactos regulares com teólogos calvinistas. Pràticamente em cada ano e durante uma semana, alguns sacerdotes reuniam-se com eles, umas vezes numa abadia católica (a Trapa de Notre Dame des Dombes), outras vezes em uma comunidade protestante (Grandschamp (3), Presinge, TAIZÉ (3)). Assim se ia tentando a descoberta de um método de diálogo. Grandes nomes da teologia católica e da teologia protestante, tomaram parte nesta troca de pontos de vista e os seus esforços deram origem, de há dez anos a esta parte, à realização de conversações doutrinais de que vimos já alguns frutos, às vezes mesmo no domínio público, através de livros publicados nestes últimos anos (4). É absolutamente impossível fazer aqui mais que o traçado das linhas mestras do método e a apresentação dos seus primeiros resultados.

Era indispensável que o Clero fosse iniciado no Ecumenismo. E assim se organiza a partir de 1945 uma sessão anual conhecida hoje sob o nome de «Le Chatelard» (em virtude do nome da Casa dos Jesuítas que a acolhe) por onde já passaram cerca de 500 sacerdotes. Aí se desenvolve sempre um tema dou-

---

(1) Fazemos em outro lugar deste número a apresentação da brochura em referência.

(2) Permitimo-nos lembrar aos leitores que o P. Michalon é Sulpiciano.

(3) Conferia o artigo intitulado «A Comunidade de Taizé».

(4) Não sabemos se o P. Michalon o tinha na memória quando escreveu estas palavras, mas a nós logo que as lemos nos veio à lembrança o livro do Rev. Pastor Roger Schutz «Vivre l'aujourd'hui de Dieu» longamente apresentado neste número de «Novellae Olivarum».

trinal, acompanhado de informações pastorais e notícias de carácter ecuménico, do ano.

O Centro «Unidade Cristã»

Porque sempre estive ligado muito de perto com todo este conjunto de actividades, os amigos, católicos ou não, do P. Couturier, exprimiram o desejo de que eu continuasse o sua obra. S. E. o Cardeal Gerlier pediu aos meus Superiores para me confiar um ensino bíblico em Lyon, e para me colocar à disposição da Igreja, em ordem ao prosseguimento do trabalho do P. Couturier «em toda a sua extensão». Em Outubro de 1954, chegava eu a Lyon. O Senhor Arcebispo criava o Centro «*Unidade Cristã*», de que eu ficava responsável.

Semana de Oração pela Unidade

Tudo isto que eu recebia em herança iria encontrar circunstâncias maravilhosas para se desenvolver, juntamente com dificuldades insuspeitadas de que falarei, mas que a Igreja me ajudou sempre a ultrapassar. As publicações de material prático para a «*Semana de Oração Universal para a Unidade*» multiplicaram-se. Em 1953 foram solicitados cerca de 63.000 exemplares; em 1960 os pedidos subiram a cerca de 800.000 exemplares para 52 países. Essas publicações são utilizadas tanto pelos católicos, como pelos ortodoxos, pelos protestantes ou pelos anglicanos.

Editamos todos os anos uma brochura de 20 páginas (5), sobre um tema escolhido muitas vezes em comum com o Conselho Ecuménico das Igrejas, que adopta os nossos esquemas, leituras bíblicas, orações litúrgicas. De há três anos para cá esta brochura é editada também em inglês, assim como imagens e cartazes em alemão. Foram feitas traduções em 1960 na Índia (12.000 exemplares), Egipto (40.000), Suécia (2.500), Espanha (50.000), Holanda (20.000), Dinamarca (3.000), Síria (5.000), Coreia, Colômbia, Viet-Nam.

Imprimimos imagens, cartazes com textos ou desenhos sobre a Unidade, brochuras de documentação (preparamos presentemente brochuras sobre todas as confissões); fizemos uma tiragem especial do texto da «Missa pela Unidade» e da Oração de Jesus na Noite de Quinta-Feira Santa (João 17). *Tudo é concebido de maneira a que um cristão de não importa que confissão, possa utilizar este material.*

As sessões

As sessões ditas «Le Chatelard», reservadas ao Clero, continuam a ser um centro de procura teológica para um diálogo interconfessional. Em 1961, organizar-se-ão as primeiras sessões para sacerdotes do ministério pastoral já iniciados no Ecumenismo.

---

(5) Também neste número se faz uma referência a esta brocura e dela se transcrevem algumas passagens.

Têm-se realizado já desde 1956, sessões de iniciação e informação sobre Ecumenismo, destinadas aos sacerdotes não iniciados, aos leigos e às religiosas. Já nelas participaram cerca de 150 leigos. Prevemos que se multipliquem tais sessões nos anos próximos.

O «Mosteiro Invisível»

São cada vez em maior número as almas a quem Deus chamou, no catolicismo como nas outras «igrejas», a fazer da Oração pela Unidade, o centro da sua existência e por vezes a oferecerem mesmo a sua vida por esta intenção. Formam verdadeiramente um «Mosteiro Invisível» do qual só Deus conhece todos os membros. Todavia no correio que do mundo inteiro eu recebo (mais de 5.000 cartas em 1960), várias centenas de pessoas me pediram que lhes sustente a sua vocação muito especial. É por isso que lhes envio, umas 5 vezes por ano, umas «Folhas Espirituais» que lhes levem uma reflexão espiritual e doutrinal, intenções de oração, trocas de pontos de vista.

De tempos a tempos, são organizadas recolecções espirituais de um dia ou retiros de 4 dias sobre a Unidade.

Outras actividades

Seria necessário assinalar ainda as sessões para Sacerdotes, seminaristas, religiosas e leigos que me são pedidas pelos bispos através da França; — as conferências públicas, sobretudo nas proximidades da «Semana da Unidade» (mais de 80 entre o dia 22 de Janeiro e o dia 2 de Abril de 1960); — as viagens ao estrangeiro onde sou chamado (Espanha, Suíça, Bélgica, Holanda).

Juntemos ainda a redacção de artigos, umas vezes de carácter informativo, outras sobre problemas teológicos ou pastorais; — as visitas que recebo (vindas por vezes do estrangeiro), nomeadamente a propósito da preparação de casamentos «mistos»; — as emissões radiofónicas.

Eu quereria dizer com muito simplicidade que tudo isto é complexo, para alguém que acumula ao mesmo tempo a direcção de um Seminário, e o ensino de Escritura. Mas experimentamos o que é para nós a Providência. *Todas as nossas publicações são oferecidas gratuitamente;* apenas as ofertas espontâneas permitem cobrir as despesas consideráveis do nosso Centro, que não pode contar senão com o trabalho de uma única secretária. Nada possuindo, asseguramos as expedições do milhão de documentos para 1961 por pessoas de boa vontade que oferecem um pouco do seu tempo e das suas forças. No dia em que os nossos recursos sejam dobrados, estaremos à altura de satisfazer a apelos hoje deixados sem resposta.

Associação «Unidade Cristã»

À volta do nosso Centro criamos a Associação «Unidade Cristã» que aceita como aderente a todo o cristão que se preocupe com o Ecumenismo. Os membros recebem todos os anos uma relação do que foi a «Semana da Unidade» e os documentos novos que publicamos. Esperamos poder acolher mais

tarde a pessoas que queiram passar aqui alguns dias para se informarem sobre a Unidade num ambiente fraterno e de oração.

★

O Centro de Lyon recebeu, durante o Verão de 1960, o encorajamento de S. E. o Cardeal Bea, Presidente do Secretariado para a Unidade dos Cristãos. O próprio Cardeal pede ao Centro que continue o seu trabalho da maneira como o vem realizando até ao presente. Fazendo a apreciação da brochura «*Oecuménisme Spirituel*», que apresenta o espírito da Oração pela Unidade, Sua Eminência acrescenta: «*Tocais num dos aspectos do Ecumenismo tantas vezes esquecido com demasiada facilidade e que todavia continua sendo o factor mais importante*».

Creio efectivamente, que é o acento posto sobre a Oração que nos abre aos nossos irmãos, a característica de toda a acção do Centro «*Unidade Cristã*». Os trabalhos teológicos dos encontros interconfessionais desenrolam-se num ambiente espiritual muito denso. Os participantes encontram-se para rezar em conjunto durante cerca de hora e meia por dia. Todos eles atestam que é nesta «comunidade» de intercessão, de louvor e de adoração, que têm podido ultrapassar as tentações de desânio ou a aspereza de certos pontos de vista.

Os espíritos de uns e de outros aí se vão purificando e abrindo, de maneira *a colocarem a «Unidade, não no plano de um problema a resolver, mas no plano de um mistério a penetrar.* A Oração de Jesus ganha desde então toda a sua densidade. «Pai, que eles sejam um em Nós»

P. MICHALON, p. s. s.
Director do Seminário Universitário de Lyon

N. da R. — Todas as notas que aparecem neste artigo são da nossa redacção.

«ECUMENISMO ESPIRITUAL»

Tal título, dado pelo Rev.do P.e Michalon a uma preciosa brochura de 48 páginas, já apreciada pelo Em.o Card. Bea, indica uma das funções principais a levar a cabo para a realização da Unidade.

Tantos movimentos, tantos encontros e assembleias, secretariados, conselhos, semanas, concílios, tudo isto nos pode levar a tomar uma falsa atitude perante o Mistério: a de um instalado apoio ao que a hierarquia, os padres e os teólogos vão realizando, e um pensamento satisfeito de que... isto vai!, sem todavia nos ousarmos intrometer. «Para a Unidade é necessário pôr em marcha todos os baptizados. Isso não se impõe nem se improvisa. Se por acaso, aliás impossível, os responsáveis das Igrejas decidissem a união, seria uma união sem futuro, muito mais ainda do que no passado, tal é o estado de alheamento á esta tarefa em que se encontram tantos baptizados. Uns e outros, não estamos preparados, já não digo para a unidade, mas mesmo para travar sob todos os planos, em todos os níveis, o diálogo da unidade».

Nós não estamos preparados, é isto que nos faz concluir o Rev. P.e Michalon, pela leitura da sua notável brochura. Mas o seu principal mérito é o de nos fazer sentir o valor, o papel e o lugar da oração na realização do Mistério da Unidade. Mistério e não problema: «neste, as soluções, progredindo umas sobre as outras, vão-se sucedendo, pelo menos assim se espera. O mistério porém, na sua realidade total, não se descobre senão graças a uma comunhão de vida cada vez mais plena, na sua profundeza e totalidade.

«De todos os lados, o mistério da Unidade domina-nos. Para o penetrar, viver e o deixar exprimir-se na sua plenitude, é necessário que recorramos a todos os meios que encaminham para a graça. A oração pela Unidade não aparece como um magnífico suplemento das insuficiências humanas. Não é um meio entre outros, no trabalho ecuménico. Só ela coloca a alma na altura e na amplitude do mistério da Unidade, porque ela não brota senão pelo poder do Espírito de Deus e não sobe ao Pai senão pelo único Mediador, o Cristo Jesus, Senhor do Igreja».

A oração que o Rev. P.e Michalon preconiza nesta sua brochura é uma oração cheia do sentido da contemplação, pois estamos ao nível do Mistério, cheia do sentido do arrependimento porque o pecado é que nos divide, cheia ainda do sentido da humildade porque é necessário deixar as nossas próprias maneiras de ver, para nos abrirmos aos outros e sobretudo ao Outro, sob cuja vontade e pelos meios que Ele quiser a Unidade se realizará.

Fala-nos depois o autor, do Mosteiro Invisível da Unidade. «É constituído pelo conjunto das almas a quem o Espírito Santo pode fazer conhecer, dum conhecimento íntimo, uma vez que elas experimentaram verdadeiramente abrir-se à sua chama e por ela à sua luz, o verdadeiro estado das separações entre os cristãos, e nas quais este conhecimento criou um permanente sofrimento, gerador duma oração e penitência habituais. É invisível na sua totalidade esparsa entre todas as confissões cristãs.

E todavia o nome de Mosteiro convém a esta totalidade pois que o mesmo sofrimento, os mesmos desejos, as mesmas preocupações, a mesma actividade

espiritual e o mesmo fim, reunem no Coração de Cristo esta multidão, vinda de todas as nações» (P.e Couturier).

Como «pontos de apoio desta atitude espiritual» são apontadas as fontes bíblica, patrística e litúrgica e por outro lado a insistência sobre o mistério do baptismo como sacramento da incorporação em Cristo e na Igreja.

Acaba o autor chamando a atenção para as responsabilidades dos cristãos diante das tarefas da Unidade Cristã. Todos nós somos responsáveis é a palavra do Papa e a nossa principal tarefa é criar em nós a autêntica, a evangélica face da Igreja. «O verdadeiro diálogo para a Unidade entre a Igreja católica como tal e as outras não pode presentemente travar-se, porque a nossa Igreja não apresenta a face desejada. Sei que faço uma afirmação muito grave. Pensei sempre assim: a experiência convenceu-me. Contudo, sinto-me ainda mais seguro, depois dos acontecimentos internos à Igreja católica nos últimos meses. É um dos pensamentos mais frequentes de João XXIII; as suas afirmações são, neste particular, categóricas. É necessário o concílio «para reformar a Igreja, gosta S. Santidade de dizer aos seus visitantes, para que ela reencontre uma face mais evangélica. Então, e depois disso, ver-se-á como se pode entravar o contacto com os irmãos separados em vista ao trabalho da Unidade».

Apraz-me concluir com as mesmas palavras com que o autor concluiu: «Depois de ter falado das nossas atitudes espirituais face ao mistério da Unidade, das nossas responsabilidades a seu respeito, parece-me que tenho o dever de juntar que esta intenção da Unidade não está situada entre outras dignas como ela de interesse espiritual e apostólico. Esta intenção situa-se no coração da vida da Igreja: «Pai que eles sejam um, afim de que o mundo saiba que tu me enviaste e que eu vos amei como tu me amaste». O mundo, dizia eu ao começar, não sabe que Jesus é o seu Salvador; ele não sabe que está investido totalmente do amor de Cristo. Isto porque ele não recebe o testemunho perfeito de Unidade que tem direito, sem o saber, a esperar dos cristãos.

Certos ousaram temer que rezar pela Unidade, que tomar responsabilidades a seu respeito, seria restringir os seus horizontes apostólicos e recusar empenhos na Igreja. Tal maneira de pensar significa que esses permanecem àquem do mistério da Igreja e do mistério da Unidade, que, sem dúvida, no seu cuidado de testemunhação, cederam um pouco à tentação imediata de eficácia. Sobretudo não vêem nem longe nem grande: não vivem ao ritmo total da intenção de Cristo, que precisamente ergueu a sua Cruz «para reunir num só os filhos de Deus dispersos» (Jo. 11, 52). No mistério da sua Incarnação redentora e da sua glorificação, deu a todos a sua Unidade e a sua consistência (cf. Col. 1, 15-20).

Eu quereria dizer então aos que hesitam em face das suas responsabilidades, que, se a Igreja é testemunho do Verbo Incarnado e Salvador, nós não podemos separar a oração pela Unidade de todas as outras tarefas da Igreja. É porque tomaremos melhor as nossas responsabilidades pela Unidade, porque faremos da Oração pela Unidade o centro da nossa atitude espiritual, que nós perceberemos melhor as grandes tarefas da Igreja e as nossas próprias responsabilidades. Numa palavra, nós teremos entrado no melhor empenho».

P. P.

A COMUNIDADE DE TAIZÉ

Escrevemos ao Rev. Pastor Roger Schutz, fundador e actual prior da Comunidade de Taizé, já certamente conhecido de muitos dos nossos leitores, pelo valor de que se revestem as suas iniciativas no campo do ecumenismo, no sentido de obtermos um testemunho acerca daquela experiência de vida religiosa verdadeiramente única entre os nossos irmãos separados pela Reforma. De Taizé recebemos estas notas acerca da origem, desenvolvimento e espírito da comunidade, que temos o prazer de oferecer aos nossos leitores. Não resistimos entretanto à tentação de pôr em paralelo o espírito e ideal da comunidade de Taizé, com o de algumas experiências católicas mais recentes de vida religiosa, nomeadamente com o espírito e orientação das Fraternidades do P.e Carlos de Foucauld. Isto tornou-se-nos mais claro depois da leitura de «Vivre l'houjourd'hui de Dieu a que fazemos referência em outro lugar deste número de «Novellae Olivarum». Aqui ficam os nossos agradecimentos muito sinceros ao Rev. Pastor Roger Schutz e à sua comunidade, pela atenção e acolhimento que dispensaram ao nosso pedido.

Em 1939, sendo então estudante de Teologia em Lausanne, Roger Schutz junta à sua volta alguns amigos para um trabalho comum animado pela oração comunitária. Organiza assim círculos de estudos e retiros espirituais, sob a forma de uma como que Ordem Terceira para leigos, que toma o nome de «Grande Comunidade». A necessidade de uma casa como lugar destes encontros começou a impor-se. Sobrevindo entretanto a guerra, Roger Schutz, decide, em Agosto de 1940, deixar temporàriamente estes amigos e procurar a necessária casa em França, para daí irradiar uma acção espiritual que viesse ao encontro da angústia humana de então. Entre várias hipóteses, escolheu, na Borgonha, uma grande moradia desabitada de há muitos anos, na quase abandonada aldeia de Taizé, perto de Cluny, verdadeiro centro do monaquismo ocidental na Idade Média. Uma vez instalado nesta casa afastada de tudo, sòzinho, acolhe durante dois anos refugiados que haviam ultrapassado a linha de demarcação da zona ocupada que ficava muito próximo, e vai meditando na sua intenção de instalar nesta aldeia, logo que voltasse a paz, *uma comunidade de homens jovens decididos a*

consagrar as suas vidas «a um serviço em comum, de Jesus Cristo na Igreja e no mundo». Desde estes começos, uma vida regular de oração, o Ofício divino, aguenta esta vida activa.

★

Tentam-se os primeiros *contactos ecuménicos, e o P.e Couturier e o P.e Villain vêm a Taizé* a partir do Verão de 1941.

É em Genebra, em 1942 que R. Schutz encontra 3 estudantes, Max Thurian, Pierre Souvairan e depois Daniel de Moutmollin que se juntam a ele. Vivem dois anos em comunidade num apartamento onde recebem numerosos amigos da «Grande comunidade», estudantes universitários franceses, intelectuais, operários e militantes sindicalistas. Uma autêntica vida de oração continua a sustentar esta vida que se quer presente ao mundo e aos seus problemas, e os dois ofícios, da manhã e da tarde, são celebrados umas vezes na residência comum, outras em uma capela da Catedral de S. Pedro.

Desde a libertação, no Verão de 1944, a comunidade pode reinstalar-se em Taizé. Abre então um infantário, organiza retiros espirituais, mantém o contacto com os amigos da primeira hora, desenvolve relações ecuménicas com cristãos de todas as confissões e particularmente com os sacerdotes e fiéis católicos da região.

Assim se passam vários anos até que novas e provadas vocações, permitem que *os primeiros irmãos façam a sua profissão na manhã de Páscoa de 1949*. É uma nova etapa de muita importância na vida da comunidade, que estabelece o carácter absoluto de uma vocação pela qual *homens se comprometem a consagrar a sua vida inteira ao serviço de Deus e do próximo, no celibato, na comunidade de bens e na aceitação de uma autoridade.*

Novas vocações vão fazer crescer ràpidamente, desde então, a comunidade e dar-lhes novas possibilidades de trabalho, fora de Taizé. Em 1951 e 1952 são pela primeira vez enviados «irmãos em missão» a diversos lugares, para, pelo seu trabalho e pela sua vida, serem *«testemunhas de Cristo... um sinal da sua presença no meio dos homens e portadores da alegria»*. A primeira fraternidade de dois ou três irmãos assim constituída, é enviada para meios operários, para aí viverem na condição de assalariados, primeiro em Montreau-les-Mines, depois em Marselha. Outros irão mais tarde viver em bairros de lata na Argélia, num centro de estudantes na Alemanha, em Paris a fim de prestarem a sua colaboração à CIMADE (organismo protestante de auxílio aos refugiados e prisioneiros), em diversas paróquias de França e da Suíça no exercício de um ministério pastoral.

★

Todos os irmãos se encontram periòdicamente em Taizé para as principais festas cristãs e para uma semana anual de retiro em comum. A casa de Taizé não é sòmente o lugar de trabalho dos irmãos que aí residem permanentemente, pois se vai formando cada vez mais num centro de estudos e de formação, muito particularmente para os novos irmãos, que aí *têm como mínimo dois anos de noviciado, antes de tomarem os seus compromissos definitivos, e um centro de revitalização para os irmãos em missão que aí vêm fazer retiro.*

Em 1952-1953, Roger Schutz redige a Regra de Taizé, texto de espiritualidade, penetrado de Evangelho, inspirado na vida comum dos primei-

ros anos, e traçando as directivas essenciais de *uma vocação incarnada pela primeira vez em Igrejas saídas da Reforma*, mas que reúne a experiência monástica dos cristãos do Oriente e Ocidente e mergulha as suas raízes para lá da Reforma, na vida dos primeiros séculos da Igreja; esta mesma Regra é adoptada em Novembro de 1953 pela Comunidade Grandchamp (perto de Neuchâtel na Suíça), que nasceu e se desenvolveu ao mesmo tempo que Taizé, mas no princípio independentemente, e que incarna a mesma vocação para mulheres, sob a inspiração e direcção da Madre Geneviève Micheli.

★

No princípio deste ano de 1960 contava a Comunidade de Taizé uns quarenta irmãos, vindos de diversas Igrejas da Reforma, de tradição reformada ou luterana e pertencentes a várias nacionalidades (franceses, suíços, alemães, holandeses, etc.). Cerca de metade dos irmãos reside em Taizé, os outros encontram-se actualmente em Marselha, Argel, Valentigues, Costa do Marfim (África), Estados Unidos da América e de novo na Alemanha.

Seja em Taizé, no quadro da pequena aldeia da Borgonha onde se fixou a Comunidade, seja no exterior quando são enviados em missão, *a actividade dos irmãos é sempre dominada por uma dupla preocupação: estarem ao mesmo tempo presentes à Igreja e ao Mundo.*

Os irmãos estão presentes à Igreja pela vida contemplativa e pelos ofícios quotidianos, pela celebração frequente da Eucaristia, por uma ardente oração para que seja dada aos cristãos a unidade visível do Corpo de Cristo, pelo ministério dos contactos e relações em ordem a uma abertura que se estende aos cristãos de todas as denominações.

E estão presentes ao Mundo, pelo seu género de vida, pela sua preocupação em viver do fruto do seu trabalho, em assumir responsabilidades profissionais, em se voltarem preferentemente para os meios desprotegidos e desamparados, em viver o Evangelho nos pontos estratégicos da vida dos homens. É nesta perspectiva que deve situar-se a presença de irmãos em missão na África negra, no seio de populações muçulmanas como em Argel, no meio operário de Marselha. Ínfimo punhado de homens, agindo segundo as suas fracas possibilidades, tornando a Igreja presente em algumas das encruzilhadas da vida do Mundo.

Estas mesmas preocupações orientam a actividade dos irmãos que residem em Taizé cuja vida profissional é presença ao mundo; ao lado da teologia ecuménica e do ministério dos retiros, as diferentes ocupações, apicultura e sindicalismo rural, tipografia ou oficinas de arte, medicina rural ou arquitectura religiosa, são outros tantos factores de abertura ao mundo de hoje.

Lugar de oração, de estudo e de reflexão teológica, Taizé é também um lugar de passagem e de contactos ecuménicos quase permanentes; a experiência mostrou a necessidade de um tal diálogo, prosseguido com a continuidade que uma comunidade cenobítica pode proporcionar; viagens repetidas ampliam e renovam estes contactos, e sobretudo, permitem, numa visão muito mais larga, ultrapassar o particularismo dos problemas locais.

É para intensificar esta acção necessária, para melhor viver e fazer viver esta tensão entre a Igreja e o mundo, que a Comunidade de Taizé

tomou a iniciativa de organizar os «Encontros de Cormatin», sessões de estudos sociológicos que se desenrolam a alguns quilómetros de Taizé. *Um exame atento mostra efectivamente, que o isolamento das sociedades, as barreiras sociais e confessionais funcionando à maneira de compartimentos estanques, o sentimento geral de que a justiça está do nosso lado, a incompreensão mútua a todos os níveis e a todas as escolas, todas estas coisas, que são sem dúvida males característicos do nosso tempo, são também fonte de tantos conflitos, freio de tantos entusiasmos e barragem de muitos horizontes.*

Assim como o ecumenismo, depois de tantos anos de esforços teológicos tropeça com complexos confessionais fortemente enraizados, da mesma maneira os esforços generosos para uma melhor distribuição dos bens materiais no sentido de uma maior justiça social, topa com o imobilismo de sistemas económicos ultrapassados, com a inércia de opiniões públicas còmodamente fechadas numa boa consciência egoísta.

Só os métodos sociológicos, animados de uma caridade inteligente, se apresentam como susceptíveis de analisar uma situação que parece em muitos casos inextrincável senão desesperada, tão numerosas são as interferências dos diferentes factores, e tão raros os espíritos lúcidos e decididos.

Inculcar este espírito de abertura, provocar esta sede de um conhecimento claro da realidade das sociedades humanas, alimentar a curiosidade assim despertada, por meio de uma informação objectiva que ultrapasse contìnuamente todos os preconceitos, formar homens que se interessem por estes problemas do nosso tempo e explorar as possibilidades construtivas da sociologia contemporânea — eis outros tantos objectivos que se propõem os «Encontros de Cormatin».

ARTIGOS RELIGIOSOS

PARA REVENDA e PROPAGANDA

Casa de S. José - Porto

(FUNDADA EM 1896)

168, RUA DAS FLORES, 170

Visitai esta casa, apreciai o seu sortido e confrontai os seus preços!

TELEFONE, **22886**

«Vivre l'aujourd'hui de Dieu»

Eis um título sugestivo de um livro que o não é menos. Trata-se de um pequeno volume do Rev. Pastor Roger Schutz, prior da Comunidade de Taizé.

O livro embora não trate exclusivamente do problema da Unidade dos cristãos, pois como o título sugere foi escrito com intuitos um pouco mais amplos, constitui todavia um significativo testemunho de unidade. Não se debruça sobre os problemas concretos que se põem à unidade dos cristãos, mas prefere apresentar e desenvolver — e com que veemência — toda uma mística, todo um espírito de que devem os cristãos estar envolvidos se pretendem chegar um dia à Unidade. E não há dúvida de que a Unidade dos cristãos, deixou já há muito de poder ser apenas um vago desejo, fruto da nostalgia criada à volta de um bem do passado, para ser uma verdadeira exigência, tantos e de tal importância são os problemas que se põem à Igreja no mundo de hoje. Aliás, como muito bem sublinha Roger Schutz no seu livro, esta exigência de Unidade está muito longe de poder considerar-se apenas como uma resposta oportunista dos cristãos aos problemas de hoje, já que ela resulta fundamentalmente do desejo de Cristo, construtor da Igreja, que rezou para que os seus discípulos fossem um.

O que mais ressalta da leitura do livro em questão, é a lucidez e o sentido de realismo e de incarnação nos problemas da Igreja e do mundo de hoje que nele se respira.

A um leitor católico, não deixa de impressionar também e fortemente, o ambiente doutrinal que o livro revela. Habituados como estamos a referir-nos às posições doutrinais dos nossos irmãos separados, quase só quando não podemos concordar com elas, é uma surpresa que nos enche de alegria, ler livros como este, em que se não soubéssemos de antemão não ser católico o seu autor, provàvelmente não o ficaríamos a saber depois da sua leitura.

Esta a razão porque nos pareceu oportuno, fazer neste número de «Novellae Olivarum» e a título de testemunho, uma longa apresentação deste livro em que se apresenta o seu esquema geral, acompanhado de algumas passagens que nos pareceram especialmente significativas.

● *O objectivo do livro*

Começa o autor por fazer uma pequena introdução. Nela se pode ler nomeadamente:

...«Muitos Cristãos estão de acordo acerca da necessidade de rezar sempre, cada vez mais ardentemente para que nos seja dada a Unidade. E isso é

verdade: a oração é o primeiro caminho que se nos oferece a todos nós. Mas esta oração não pode deixar de suscitar actos; porque senão, não constituirá ela uma espécie de refúgio a que se recorre para se fugir a uma realidade dolorosa, e renunciar desde então a uma superação que nos custa?

A oração suscitará, em todo o caso, a caridade de Cristo. Nós experimentámo-lo ao vivo, ao longo destes últimos anos. Homens que naturalmente estavam muito afastados de nós, tornaram-se em irmãos na fé. É o caso de tal leigo, de tal sacerdote, de tal bispo, de tal cardeal, de quem humanamente nós estávamos separados, já pela nossa formação, já pelas nossas idades, e se tornaram capazes, exactamente por causa da caridade sobrenatural, de compreender o que nós tínhamos a dizer-lhes, de aprender aquilo que nos protestantes sérios, preocupados com a verdade evangélica, conserva valor autêntico.

Ah! que se multipliquem nestes tempos, na Igreja Romana, homens de uma tal compreensão. Temos para nós, que se as barreiras intransponíveis que nos opunham, não tivessem sido abatidas pela amizade que pelo Espírito Santo, Cristo coloca no homem, ainda estaríamos agora na fase das conversações que vão sempre de encontro a tal ou tal factor racional e não teríamos ultrapassado ainda as discussões sem saída».

Vem a seguir parte de uma carta que a propósito do livro, o Cardeal Gerlier escreveu ao seu autor. São dela os seguintes parágrafos: «...Obrigado ainda por nos ter lembrado o valor evangélico e o valor de actualidade (aqui estes dois não fazem senão um) da pobreza, do celibato, e da obediência.

...Enfim numa época em que se fazem tantas diligências no sentido da realização de uma verdadeira vida comunitária, penso que todos os que a procuram, terão interesse em meditar a Regra de Taizé. Não se poderia dizer nada de mais evangélico, de mais avisado e de mais humano ao mesmo tempo».

● *Frente às dominantes do Mundo de hoje*

Entrando pròpriamente no livro, o autor começa por determinar com um sentido de actualidade e realismo verdadeiramente notáveis, as dominantes do mundo de hoje: busca de unidade pelas massas, crescimento demográfico, aceleração das evoluções, a fome, a divisão em dois blocos, o desejo de «viver a sua vida». Analisa cada uma destas dominantes e procura sugerir um princípio de resposta cristã a cada uma delas.

Num segundo capítulo podem ler-se páginas maravilhosas sobre os valores dominantes da vida interior. Aí se diz, por exemplo, a respeito da contemplação:

...«Para nós cristãos do Ocidente, enquanto uma verdade do Evangelho não foi assimilada pela razão, fàcilmente ficamos insatisfeitos; forçamos assim a nossa fé a racionalizar-se e com esta exigência arriscamo-nos a fazer perder ao sal o seu sabor. À força de querer compreender corremos o risco de estancar uma fonte que existia para refrescar a vida interior.

A contemplação é definida de uma maneira muito negativa, sempre que se considera como o oposto à acção. Nesse caso a contemplação seria um objecto de luxo de cristãos que se recusam a incarnar a sua fé no meio dos homens. Mas há a resposta dos factos: Cristãos que estiveram muito embrenhados e comprometidos na vida dos homens, transbordantes de actividade,e que ao mes-

mo tempo conheceram a contemplação na sua plenitude. Santa Teresa de Ávila comprava, tratava de assuntos, escrevia, e ao mesmo tempo vivia, na sua vida profunda, a intimidade com Deus. Não é em vão que esta mulher ficou como um tipo clássico de contemplativa.

Se abandonarmos as nossas reacções negativas, que deve então entender-se por contemplação? Nada mais que esta disposição na qual o ser é tomado na sua totalidade pela realidade do amor de Deus...».

● *Viver no mundo...*

Nós somos homens de hoje e temos um único mundo para viver, que é o mundo do nosso tempo. Para o fazer, diz R. Schutz, temos de simplificar a nossa existência, compreender os homens tais quais eles são, ser acessível e saber ser fraco com os fracos e pequenos deste mundo.

Mas além de homens, nós somos cristãos, razão porque não podemos viver só no mundo: Urge que vivamos no mundo e na Igreja. Simplesmente, ao chegar aqui o autor não pode deixar de se deparar com algo de verdadeiramente gritante, autêntico escândalo, para quem de fora olha a Igreja: a divisão dos cristãos. E então antes de tudo uma coisa se lhes impõe: unirem-se para que o mundo creia.

«As gerações de amanhã, prossegue R. Schutz, suportarão cada vez com maior dificuldade a contradição que representa, a divisão dos cristãos em confissões diversas. Não tolerarão mais, a perda de energia utilizada a tentar legitimar as posições confessionais, enquanto que pelo crescimento vertiginoso das populações, os homens sem conhecimento de Deus aumentam de dia para dia. Elas não suportarão por mais tempo que o melhor das forças dos cristãos se perca a provar o bem fundado das suas respectivas posições.

... Como esperar nestas condições uma missão universal, mais que nunca condição de vida ou de morte para o Evangelho? O Evangelho dá aos cristãos a vocação de ganhar todos os homens; deposita em cada um fermento de universalidade. Ora as nossas divisões, fechando-nos em verdadeiros «ghetos» cristãos, despojaram-nos das nossas forças vivas.

Eis porque hoje, abrindo os olhos sobre o escândalo das nossas divisões, nós procuramos a unidade visível, condição de um arranque missionário capaz de levar o Evangelho a todos os homens do mundo. A missão universal dos cristãos em relação aos não crentes, depende decisivamente de um tal passo»...

Passando a procurar mais directamente as pistas que hão-de levar à unidade dos cristãos, o autor começa por apontar alguns tropeços que é necessário retirar do caminho: o confusionismo, o pragmatismo, o federalismo, o escatologismo, o reunionismo, o sectarismo e o integrismo.

Ultrapassados estes obstáculos é a vez de chegarmos aos princípios que devem inspirar e guiar a nossa procura de unidade: o diálogo, a pureza de intenções, a oração, a paciência, a humildade e pobreza segundo o Espírito.

● *Viver a tensão entre a Igreja e o Mundo*

E eis-nos chegados à altura da síntese: viver a tensão entre a Igreja e o mundo. Esta a meta a atingir.

Roger Schutz apresenta neste capítulo «a modesta resposta que emana de Taizé» ao enorme e urgente problema que constitui a presença do cristão bem dentro da vida da Igreja una e universal e ao mesmo tempo bem integrada na vida dos homens. Aqui se situa a vocação especial de uma comunidade como a de Taizé, nos caminhos da Unidade.

«Pela nossa parte, diz R. Schutz, recusando-nos a deixar-nos fechar numa boa consciência confessional, queremos tentar, segundo as nossas possibilidades, abrir uma brecha nas barreiras que estão estabelecidas entre os cristãos. E esse é um programa de ministério que reclama uma longa continuidade através de gerações e ao mesmo tempo uma ardente paciência.

... Sem um conhecimento das Igrejas de hoje, dos seus tesouros e das suas fraquezas, sem uma oração prosseguida no próprio íntimo da vida da Igreja, não poderíamos nós tentar a difícil experiência que é lançarmos tais ou tais de nossos irmãos «em missão» nas encruzilhadas da vida dos homens».

E isto não se faz sem o perigo de uma «possível sedução em relação ao mundo, onde encontramos muitas vezes entre os não crentes, muito mais lucidez e capacidade de autocrítica, um muito mais vivo sentido do humano, uma maior compreensão e ausência de espírito de julgamento.

Todos estes valores deveriam florescer entre os cristãos, pois que sem eles está-se condenado a uma lenta asfixia».

● *«Três grandes sinais»*

Para o bom desempenho deste verdadeiro serviço de Deus, conta a Comunidade de Taizé com «três grandes sinais» pelos quais ela se liga à grande família monástica: o celibato, a comunidade de Deus, a aceitação de uma autoridade. É impressionante verificar que estes «três grandes sinais» não são senão a redescoberta dos três votos tradicionais da vida religiosa: castidade, pobreza e obediência. Sobre cada um deles vem um capítulo, recheado de oportunas reflexões que nos mostram como a Regra de Taizé encara cada um deles de uma forma eminentemente positiva. Acerca do celibato podemos ler:

«A castidade do celibato sòmente é possível, por causa de Cristo e do Evangelho. Aos que deixaram mulher, filhos, campos... importa recordar-lhes isto mesmo. Se não se tem esta visão das coisas, está-se condenado de antemão, à amargura, ao fracasso e talvez à decadência espiritual: a plenitude da vida cristã que no entanto pode ser tão grande no celibato como no casamento, encontra-se então destruída pela base.

Esta realidade é tão difícil de compreender que não podemos exigi-lo àqueles que não aprendem o ensinamento de Cristo sobre o celibato. É o Senhor quem nisso insiste: «só pode comprender aquele a quem isso foi dado».

É preciso sublinhá-lo: hoje como no primeiro dia, o ensino de Cristo sobre o casamento e sobre o celibato continua a ser revolucionário. E para vermos como de facto é assim, basta que nos coloquemos no clima da Antiga Aliança.

Efectivamente o casamento era concebido em Israel, como uma obrigação natural, marcada sempre pelo «crescei e multiplicai-vos». O que importa antes de tudo é assegurar uma descendência a Abraão, donde a insistência sobre a procriação, em vista da sobrevivência do povo de Israel.

...Porque em virtude da fé religiosa todos devem casar-se, pode afirmar-se que na altura da vinda de Cristo, não existe em Isarel verdadeira vocação para o casamento, já que não há escolha livremente consentida.

Cristo vem, portanto, estabelecer uma nova ordem. Haverá para o futuro na Igreja diante de cada homem, duas vocações difíceis, feitas de renúncias, limitações e sacrifícios. O casamento realmente monogâmico, donde portanto se exclui o divórcio, não é mais natural ao coração da criatura decaída, que o celibato. Para o futuro não haverá mais a obsessão de dar descendentes a Abraão. O próprio Jesus, realmente homem e plenamente Deus, aceita para Si a escolha do celibato, por causa do Reino dos Céus.

Casamento e celibato são ambos, absolutos cristãos. Ambos por causa de Cristo, se tornam sinais do Reino que há-de vir. Ambos impõem perigosas condições de vida, que não podem ser aceites senão por causa de Cristo e do Evangelho.

A Reforma preocupada com os fundamentos escriturísticos, foi no entanto muitas vezes para uma posição velhotestamentária, no que se refere ao Celibato. No séc. XVI, olhava-se antes de tudo para os abusos do celibato eclesiástico e as pessoas preocuparam-se pouco com o seu valor evangélico. Certìssimamente uma ausência da teologia do celibato, provocou nas massas protestantes, o recusa de uma entrega no celibato cristão. (...) E quem pretenderá que isso não aconteça, se se não encarar o celibato como um apelo de Deus?

Há quem queira aceitar o celibato ao menos a sua utilidade prática, baseando-se então em S. Paulo. E todavia o que verdadeiramente constitui o apelo ao celibato, é antes de tudo, o sinal de extrema contradição, que ele representa no seio de um mundo endurecido e de ouvidos fechados, que tem necessidade de sinais visíveis. No clima sexualizado do mundo ocidental, uma vida oferecida em autêntica castidade, pelo nome de Cristo, põe sempre um problema de envergadura».

● *Comunidade de bens*

O capítulo sobre a pobreza, foi um dos que mais interessou o Cardeal Gerlier segundo ele próprio confessa na carta já citada onde diz: «que numa época em que centenas de milhões de homens sofrem a fome, seria preciso relembrar a actualidade de «pôr em comum» os bens da terra. Poder-se-á ler sem emoção os textos de S. João Crisóstomo e de São Basílio?...» Os textos citados são os seguintes:

«É porque alguns tentam apropriar-se daquilo que é de todos, que estalam as querelas e as guerras, como se a natureza se indignasse por o homem através desta fria palavra meu e teu, colocar a divisão onde Deus semeou a unidade. . Estas palavras meu e teu, são vazias de sentido e não exprimem qualquer realidade. São bens dos pobres, dos quais vós sois depositários, ainda quando os possuais como fruto de um trabalho honesto ou de uma herança... A maior chaga que vos fazem as riquezas, é arrancar-vos à bem-aventurada servidão de Jesus Cristo». (S. João Crisóstomo).

«Mas estes bens são meus: não terei porventura o direito de os guardar? Como são teus, onde os encontrastes, donde os trouxeste tu para este mundo? É como se alguém, que tendo-se apoderado de um lugar no teatro, quisesse im-

pedir os outros de entrar, e gozar ele só, como se tivera um direito exclusivo, de um espectáculo destinado a uma comunidade. Assim são os ricos: consideram os bens comuns como sua pertença, por terem sido os primeiros a apoderar-se deles... Se chamais vossa a uma casa vós nada dissestes. Efectivamente o ar e a terra, toda a habitação é do Criador, tal como vós próprios que a construistes e todas as coisas sem excepção... A comunidade de bens é uma norma de existência mais adequada que a propriedade privada e a única conforme à natureza».

Ainda acerca da pobreza, diz a Regra da Comunidade de Taizé: «A pobreza considerada nela mesma não tem virtude. O pobre do Evangelho, aprende a viver sem a garantia do dia seguinte, na alegre confiança de que nada lhe faltará. O espírito de pobreza não consiste em fazer-se miserável, mas em tudo dispor segundo a beleza simples da criação. O espírito de pobreza é viver na alegria do dia que passa. Deus dispensa os bens da terra gratuitamente e concede ao homem a graça de dar o que recebeu.» E em outro lugar: «A audácia de utilizar da melhor maneira os bens do dia que passa, de não assegurar nenhum capital, sem medo da pobreza possível, dá uma força incalculável. Mas se como Israel, tu reservas para o dia seguinte o pão vindo do Céu, se elaboras projectos para o futuro, arriscas-te a por à prova em vão, os irmãos, cuja vocação é viver no momento presente.»

● *Aceitação de uma autoridade*

No capítulo sobre a obediência, vem esta linda página:

«Também o que deve anunciar a palavra de Deus está numa situação extremamente delicada; quantas vezes ele não preferia discutir com o seu Senhor, que o obriga a falar com plena autoridade. Não irá o pecado do homem misturar-se à sua palavra? Problema grave que exige uma constante vigilância.

Aquele que nela se exerce sabe que a sua autoridade não é verdadeira senão no espírito de oração; supõe o despojamento, para procurar, com os que lhe estão confiados, a vontade soberana. Como se pode exortar, corrigir, sem uma pregação viva do esquecimento de si mesmo? A incompreensão, as amargas decepções, os abandonos de todos os géneros, eis as cruzes que deve pacientemente levar todo o que exerce autoridade na Igreja, aceitando assim esta escola de humilhação.

Sem esquecimento de si, como há-de ser possível julgar objectivamente? A sensibilidade, o amor próprio, atingidos continuamente, devem ser sepultados, para darem inteiro lugar ao juizo de Deus. Então é conferida verdadeira autoridade à palavra humana que na comunidade se esforça por unir o que está separado. E se um dia ela se apresenta muito firme, se tem de recorrer à lei, isso jamais se fará com o único fim de facilitar uma tarefa, mas sempre com a tristeza de não poder fazer compreender de outro modo a vontade soberana, a um homem que se recusa a colocar-se sob a graça.

A autoridade não é nunca uma violência feita ao homem, nem tão pouco a imposição duma vontade própria. Ela não pode substituir-se a qualquer consciência, o seu papel é recordar a vontade de Cristo. O que tem este encargo, deve portanto, acautelar-se contra esta ambição secreta que conduz insensìvelmente a querer dominar as almas e delas se apropriar, ambição infinitamente

mais perigosa que a dos príncipes da terra, que estendem o seu domínio sobre os bens e sobre os corpos. O seu papel é o de diminuir para que Cristo cresça, naqueles que lhe foram confiados».

● *No fim como no princípio: O AMOR*

Finalmente temos o capítulo chave: «Deixar que Cristo alumie em nós o fogo do seu Amor». O Amor no princípio e no fim, como começo e chave da solução de todos os problemos e portanto também deste da Unidade dos Cristãos. Roger Schutz escreve a este respeito coisas tão belas no último capítulo do seu livro, que tive a tentação de o transcrever integralmente. Aqui ficam entretanto, as passagens que me pareceram mais significativas.

«Para que nos mantenhamos ardentes: «dans l'aujourd'hui de Dieu» é preciso que a caridade viva de Cristo, venha alimentar em nós a chama e renovar o amor do próximo, nosso irmão.

...Sem uma conversão ao amor de Jesus Cristo, como esperar a transformação íntima das nossas posições confessionais forjadas através de gerações cristãs?

Uma parte da nossa caminhada para a unidade, consistirá em adquirir esta firme esperança: o Senhor conduzir-nos-á à unidade, Ele tem força para isso. Compete-nos a nós não nos rebelarmos por qualquer forma contra os seus meios.

...Amar a Igreja como Cristo a amou, aceitar que ela não possa avançar senão através dos profundos sulcos abertos pelo pecado de seus filhos, pelo espírito de divisão e de suficiência. Amá-la apesar da mediocridade de certos de seus membros que têm em seu seio pesadas responsabilidades. Amar a Igreja nos seus membros, nos seus melhores filhos como nos mais comprometidos.

Assim caminha a Igreja de Cristo através das Idades. Ela é viva na medida em que as suas instituições são animadas pela caridade dos seus fiéis. É forte quando os seus membros se ornam dia após dia, da infinita paciência da fé. É humilde quando os seus, longe de a julgarem com o azedume da suficiência, consentem em amá-la até darem a vida por ela, tentando renovar hoje e de novo, as suas instituições.

Qualquer outro caminho só serviria para conduzir ao espírito de suficiência e de cisma, sem que isso permitisse emendar os erros das instituições condenadas.

Os juizos pronunciados de fora, não podem senão endurecer e fechar sobre eles mesmos, aqueles que se sabem objecto de julgamento.

Forçoso nos é reconhecer que nem a firmeza nem as justas razões dos Reformadores, afastados da sua confissão, permitiram a reforma de uma Igreja de quem eles reclamavam com toda a sua esperança, uma transformação. Não se trata aqui de subestimar a necessidade dos seus apelos. Eles impunham-se. Mas depois deles, como esperar uma reforma, se os apelos vindos destas cristandades novas, tão depressa carregadas de uma pesada herança de oposições polémicas, estão desprovidos de todo o amor pela realidade que se esconde numa tradição, mesmo endurecida.

Só quando os nossos corações se evaziam de todo o azedume, e se deixam encher de uma infinita amizade para com o próximo, só então, este pode aceitar reparos e ensinamentos. Quando o amor de Cristo vivo cresce em nós, torna-se

então impossível colocar o próximo sob o peso da má consciência e torna-se por outro lado possível amar mesmo aqueles que se opõem. Enfim o cristão pisa terreno seguro, certo de que está em Deus».

● *Reformador autêntico*

«Existe na história uma testemunha de reforma autêntica: S. Francisco de Assis. Sofreu pela Igreja e amou-a a exemplo de Cristo. Teria podido julgar as instituições, os costumes, o endurecimento de certos cristãos do seu tempo. E precisamente, não o quis fazer. Preferiu dar morte ao seu eu; esperou com uma ardente paciência; e a sua espera, inflamada de caridade, suscitou um dia a renovação.

...Um dia, afirma o Apóstolo, o dom das línguas e o das profecias, serão abolidos, a ciência desaparecerá; a caridade, essa não passará jamais. Poderemos levar a cabo acções heroicas, ter a plenitude da fé, tê-la até ao ponto de transportar montanhas; quando distribuirmos os nossos bens para sustento dos pobres, quando formos até oferecer os nossos corpos para serem entregues às chamas; se fizermos tudo isso e não tivermos amor, isso de nada nos aproveita.

Podemos levar a efeito obras admiráveis, mas as únicas que contarão, são as que resultam do amor misericordioso de Cristo em nós. No declinar da nossa vida seremos julgados sobre o amor, sobre a caridade que a pouco e pouco tivermos deixado crescer e desabrochar em misericórdia para com todo o homem que vive na Igreja e no mundo».

★

E eis-nos chegados ao fim. Ao longo destas páginas, fizeram-se transcrições propositadamente longas, propositadamente numerosas, de um livro que tem para nós o valor de símbolo. Ainda que nem todas se liguem directamente à Unidade dos Cristãos, elas não destoam nem ficam desenquadradas neste número de «Novellae Olivarum», porquanto podem ser consideradas, segundo creio, como um autêntico testemunho de Unidade.

P. R.

ENSAIO SOBRE A UNIÃO DAS IGREJAS

Seria errado que este nosso esforço de união entre os cristãos pretendesse ignorar as divergências existentes entre uns e outros, pois isso equivaleria a construir a unidade sobre uma base falsa. Essas divergências devem ser tidas em conta por nós, não como argumentos de polémica, mas no respeito pelo pensamento alheio, que não exclui o reconhecimento dos direitos absolutos da verdade.

Portanto «é preciso que um conhecimento mais profundo dos pontos de vista das demais igrejas preceda qualquer tentativa séria de aproximação».

Nesse sentido, o presente artigo esclarece-nos sobre as condições históricas que originaram o cisma entre as Igrejas Católica e Ortodoxa, apontando as dificuldades duma união entre elas.

O seu outor — Georges Averoff Pappamikail — é filho dum antigo cônsul da Grécia em Lisboa, e está presentemente a trabalhar na sua tese, com que obterá a licenciatura pela Faculdade de Letras. Tem vários trabalhos, em vias de publicação, entre os quais se distinguem «O historicismo em Maquiavel» e «Ensaio sobre a existência de Filosofias Nacionais».

A sua perspectiva difere da nossa enquanto prescinde de princípios dogmáticos e se limita a considerações históricas, concebendo o condiconalismo político como factor determinante na evolução dos acontecimentos. Não obstante, este «Ensaio» merece-nos o maior interesse, pois documenta a maneira de ver de alguém que, em Portugal, estuda e reflecte o pensamento das Igrejas ortodoxas.

Com a conversão de Constantino ao Cristianismo, aquele Imperador deixou de exercer o cargo de «Pontifex maximus» do paganismo, cargo este que fazia parte dos seus direitos imperiais.

A nova crença, organizou os seus quadros dirigentes, diáconos, sacer-

dotes e bispos (1), espalhados pelo Oriente Grego e Ocidente Latino, que dependiam dos favores do Imperador, agora protector da nova religião.

Com a transferência da capital do Império (em 331) para Bizâncio, ou Constantinopla, e a deslocação para esta cidade do pessoal administrtivo do Império, vemos também os dirigentes eclesiásticos da nova Capital aumentar de importância e prestígio.

———//———

Foi S. Agostinho — segundo os ortodoxos, e contràriamente a um texto bíblico bastante claro, João 15, 16, e a decisão do concílio de Constantinopla de 381 — que sustentou pela primeira vez que o Espírito Santo emana do Pai e do Filho (2).

A Igreja do Oriente distingue expressamente a vinda eterna (ekporefesthe) do Espírito Santo pelo Pai, do seu envio temporal (pempesthai) por e através do Filho.

O segundo concílio ecuménico de Constantinopla (381) e o terceiro de Éfeso (431) tinham decretado incorrer em excomunhão quem quer que ousasse juntar uma só palavra que fosse ao símbolo de Niceia-Constantinopla. Apesar desta perspectiva um sínodo provincial reunido em 589 em Toledo, prescreveu à Igreja de Espanha a adição do filioque.

De aqui passou esta palavra para França onde Carlos Magno a fez cantar no credo litúrgico e aprovar por um sínodo em Aix-la-Chapelle (809).

Leão III recusou aceitar esta adição e mandou erigir na Igreja de S. Pedro 2 grandes placas de prata onde se gravou o credo em latim e grego sem a palavra filioque. Lia-se ainda por baixo das placas: «haec Leo posuit amore et cautela orthodoxae religionis.»

Mos os Ocidentais ignoraram esta decisão pontifical até que provàvelmente no tempo de Nicolau I, o grande adversário do patriarca Fócio, foi introduzido o «filioque» em Roma.

Reside na não aceitação das implicações inerentes ao uso da palavra filioque no credo a diferença dogmática fundamental entre a Igreja Ocidental e Oriental.

Relacionada com ela está porém outra de carácter menos transcendente. É uma razão política. Enquanto o exarca de Ravena exerceu um poder efectivo sobre a Península Itálica, o bispo romano, embora lhe fosse reconhecida ascendência, apenas honorífica, entre os outros metropolitas, de Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém, teve que, de bom ou mau grado, em maior ou menor grau, submeter-se à influência imperial. Viu-se assim a partir de 518 o Patriarca de Constantinopla, utilizar o Título de Patriarca Ecuménico, que o colocava pelo menos em igualdade em relação ao Patriarca do Ocidente.

O desenrolar dos acontecimentos políticos na Península Itálica, o crescimento do poder lombardo que as forças do exarca se mostram incapazes de

(1) N.-R. — No entanto, S. Inácio de Antioquia, nos princípios do II século documenta já esta organização eclesiástica, distinguindo claramente bispos, presbíteros e diáconos.

(2) N.-R. — Como o próprio autor sublinha, este é o ponto de vista das Igrejas orientais separadas. Para a Igreja católica, a missão visível prolonga no tempo a procesão eterna: o Espírito Santo procede do Pai e do Filho e é por Eles enviado ao mundo.

conter, levam o Papa a mudar de protector temporal. Surge assim a associação do Papado com a Monarquia franca e com ela uma unidade política que retoma o lugar do Império romano do Ocidente. Surge por fim, o poder temporal do Papa exercido nos estados doados pelo rei dos Francos.

Sabemos todos que o Império Carolíngio se desmembrou com o desaparecimento do seu fundador, que dos estados que dele resultaram nenhum foi suficientemente importante e prestigioso para exercer um Cesaropapismo ocidental a que Carlos Magno não se furtara. E assim, quando em 833 Lotário quer destronar seu pai fá-lo com o apoio e consentimento de Gregório IV. Esta será a primeira vez que o Papa escolhe, dentre rivais, o legítimo detentor do poder; e ao fazê-lo justifica a sua escolha formulando a teoria da superioridade do espiritual sobre o temporal. Esboça-se assim o aparecimento das idéias Teocráticas, que se desenvolvem com Nicolau I que censura reis, proclama um direito público conforme à moral cristã, define as relações entre o temporal e espiritual. É do mesmo Nicolau I que parte, segundo os ortodoxos, a iniciativa da ruptura com a Igreja.

À unidade temporal que se quisera estabelecer com império para a protecção do espiritual, sucede no Ocidente, a unidade espiritual dominando o temporal, distribuído pelos vários estados na sua parte resultantes do velho Império Carolíngio.

A ideia da continuidade do Império do Ocidente não desaparece com Carlos Magno. Passa porém dado o poder reduzido dos seus sucessores a estar subordinado, pelo menos em teoria, ao espiritual detido, revindicado e exercido pelo Papa. Poderemos dizer que a Unidade do Ocidente que estava ligada à Idéia do Império Carolíngio é recolhida e mantida pelo Papa.

Vemos pois mercê de circunstâncias políticas especiais que o poder, espiritual por um lado, temporal por outro, devido a existência dos Estados Pontifícios, coloca o Bispo de Roma numa situação radicalmente diferente do arcebispo de Constantinopla submetido temporal e até certo ponto espiritualmente ao Imperador.

Porém o poder que o Papa exercia a Ocidente não podia material e jurìdicamente exercê-lo em relação a Bizâncio.

No entanto quando Fócio se tornou Patriarca de Constantinopla em lugar de Inácio deposto pelo Imperador, embora os legados do Papa reunidos em Constantinopla em 861 tivessem dado o assentimento à deposição do patriarca, Nicolau I fez declarar em 863 por um sínodo em Roma que Inácio continuava a ser o titular legítimo e portanto destituindo Fócio do Sacerdócio.

A irritação provocada por esta intervenção não canónica do Bispo de Roma nos assuntos da Igreja de Constantinopla aumentou quando Nicolau I enviou bispos e padres latinos à Bulgária, território que, segundo o concílio de Calcedónia, estava sob jurisdição do Patriarca de Constantinopla.

As relações tenderam-se e o uso do filioque, a intervenção não canónica e certamente a questão Búlgara, levaram em 867 os patriarcas de Alexandria, Antioquia e Jerusalém a declarar Nicolau I herético.

Porém, em 879 João VII retira a sua excomunhão a Fócio, que havia sido confirmada em 869 em sínodo, e reconhece-lhe a dignidade patriarcal. Além disso o sínodo de Constantinopla (879-880), ao qual assistiram 3 legados do Papa, proclamou Fócio na sua qualidade de Patriarca do (todo) Oriente e

proibiu todo e qualquer aumento à confissão de fé de Niceia-Constantinopla o que implìcitamente condenava o «filioque». Estabalecera-se de novo a unidade com a conciliação de João VII e Fócio.

Mais tarde, infelizmente, a introdução do pão sem levedura na eucaristia (pão ázimo) e a conservação, apesar de tudo, do «filioque» na liturgia da missa reacenderam as querelas.

Por iniciativa do patriarca Miguel Cerulário, o metropolita João de Ocrida enviou ao bispo João de Trani na Apúlia uma carta destinada a todos os bispos dos «Francos» e ao Papa. Nessa carta repetiam-se as queixas de Fócio contra a Igreja latina e juntavam-se outras, nomeadamente a respeitante ao pão ázimo.

João IX nomeou o cardeal Humberto para refutar os gregos. Dessa disputa nasceu a ruptura definitiva. Deram-se até à queda de Constantinopla em 1453 algumas tentativas pouco sinceras ditadas por conveniências políticas ou do Imperador ou do Papa.

A tomada de Constontinopla pelos turcos veio a pôr fim às tentativas de união e só recentemente se tentou remediar a situação embora sem sucesso.

As diferentes Igrejas Ortodoxas ou Igrejas Autocéfalas

Antes de examinarmos quais são as possibilidades presentes de união das Igrejas Ocidental e Oriental parece-nos conveniente esclarecer o que se entende por Igreja Ortodoxa do Oriente.

A Igreja Ortodoxa do Oriente considera Cristo o seu único chefe. Mas sobre a Terra divide-se em patriarcados e igrejas nacionais que, embora possuindo a mesma fé, sacramentos e direito eclesiástico, são administrativamente independentes ou autocéfalas. Esta independência baseia-se no cânone apostólico. Os patriarcas mais antigos do Oriente são os de Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém.

De fundação posterior temos a Igreja de Chipre, fundada pelos apóstolos Paulo e Barnabé, cuja autocefalia foi reconhecida em 431; o Arcebispado de Sinai associado ao Convento de Santa Catarina, fundado por Justiniano em 577 e cuja autocefalia foi reconhecida em 578 pelo sínodo de Constantinopla e pelos patriarcas Orientais em 782; a Igreja da Geórgia, cujas origens se dizem remontar ao Apóstolo André. Dependente primeiro de Antioquia, foi em 692 tornada independente desta cidade com metrópole em Tiflis.

Esta Igreja sofreu bastante com as invasões persas e árabes do Séc. V ao X Séc. C. e com as invasões mongóis no VIII e XIV sécs.

As Igrejas Búlgara, Sérvia e Russa resultaram da missionação exercida a partir de Constantinopla.

Temos ainda a Igreja Romena; a Igreja Grega, que em 1821 se desligou do patriarca de Constantinopla para se tornar autocéfala; a Albaneza e outras de menor importância.

Igrejas nacionais particulares do Oriente (não Ortodoxas)

Os concílios ecuménicos de Éfeso 431 e Calcedónia 451 pronunciaram-se contra o nestorianismo e o monofisismo que se haviam desenvolvido em Alexandria e em Antioquia.

Estas heresias estão certamente relacionadas com o trabalho teológico exegético desenvolvido nessas duas escolas.

Assim, verificamos que em Antioquia em que dominava um método de exegese gramatical e histórico nos aparecem as heresias mais racionalistas: arianismo, pelagianismo e nestorianismo, doutrinas que evitam o mais possível os elementos misteriosos da religião cristã.

Em Alexandria, onde a tradição mística é anterior, ou pelo menos contemporânea do cristianismo primitivo, desenvolvendo-se paralelamente, rivalizando por vezes com ele, verificamos por parte dos cristãos o emprego do método alegórico nas interpretações das Escrituras, método já empregado por Filón de Alexandria — o pensador judeu helenizado. Veremos pois surgirem heresias, como monofisismo e monotelismo, sustentando a elevação da natureza humana do Cristo à natureza divina.

Existem ainda hoje nestorianos na fronteira da Ásia Menor com o Irak.

Os nestorianos hoje reduzidos a uns escassos 50.000, tiveram um papel cultural de grande importância. Expulsos do Império Bizantino refugiaram-se na Pérsia e no Oriente. Viveu então a Igreja Nestoriana um período de grande desenvolvimento que se mantém quando da conquista árabe. São os nestorianos que vão traduzir obras científicas helenísticas para o árabe e serão essas obras que virão a ter grande influência no mundo ocidental quando os árabes invadirem a Península Ibérica.

Mencionamos a seguir sumàriamente as Igrejas não Orientais, cujo credo deriva da heresia monofisita. São elas: Igrejas Arménia, Siro-Jacobita, Cristãos de S. Tomé de que os portugueses encontram fiéis na Índia, as Igrejas Copta e Etíope.

Conclusão

Tem-se desenvolvido recentemente um notório esforço no sentido da União das Igrejas da parte do alto clero romano, a que não deve ser estranha a vontade do presente Papa, esforço que nos parece ter dado resultados frutuosos na medida em que verificamos ter sido compreendido e correspondido por parte de altos dignatários doutras Igrejas.

Recordemos a viagem que efectua neste momento o chefe da Igreja Anglicana que se avistou sucessivamente com o Patriarca de Jerusalém, com os mais altos representantes das diferentes igrejas representadas nessa cidade, com o Patriarca de Constantinopla e com o Papa João XXIII.

Estes contactos sem precedentes provam que algo de novo se está passando, que estamos enveredando por caminhos novos na longa história das relações entre as igrejas desunidas da cristandade.

Parece-nos que, antes de mais nada, para que esses caminhos se possam mostrar adequados se deve procurar manter tal estado de conciliação nos espíritos.

O que é mister evitar é que tal estado não leve alguns a pensar que o bom caminho é curto, e ser fácil chegar-se a uma solução. Na verdade não basta a boa vontade. Não chega. É preciso que um conhecimento mais profundo dos pontos de vista das demais igrejas preceda qualquer tentativa séria de aproximação. A ser feita antes, corremos o risco de precipitar as coisas com

poucas ou nenhumas esperanças de sucesso. Cremos deste ponto de vista ter assim justificado as nossas extensas considerações históricas.

Parece-nos que nem o problema do «filioque» nem a introdução ou irradiação do pão ázimo na liturgia oferecem dificuldades insuperáveis.

É no que diz respeito à autoridade e jurisdição do Papa que nos parece ser difícil obter concessões tanto dum lado como doutro.

A Igreja Ortodoxa reconhece ao Papa uma primazia apenas honorífica e não de jurisdição. Por consequência rejeita como nova e absurda o ideia da infalibilidade do Papa, pois a Igreja Ortodoxa apenas acredita na infalibilidode de toda a Igreja.

Não pretendemos dentro do espírito objectivo que queremos dar a este trabalho realçar os méritos de qualquer das posições. Não podemos porém deixar de lembrar que a Igreja Ortodoxa ao abraçar uma teoria conciliar, digamos assim, no que diz respeito às questões de repercussão e importância extra regional, toma pelo menos do ponto de visto administrativo, uma posição radicalmente oposta à Igreja Romana que após um breve período de hesitação no tempo de Martinho V enveredou definitivamente pelo sistema monárquico e absoluto (3), no que aliás acompanhou a evolução política da época e que por sua vez que não é coisa de estranhar pois a existência dos estados pontifícios obrigava a uma aproximação, por vezes forçada, do temporal e espiritual, reflectindo-se neste as necessidades daquele.

A Igreja Romana não está além disso dividida em nações. Pelo seu carácter supra-nacional e pela sua difusão e disciplina interna criou interesses coerentes com os seus fins e missão, o que lhe impõe por vezes uma política independente das considerações nacionais e nacionalistas particulares.

Tal não é o caso das igrejas ortodoxas. Cada uma corresponde a um estado ou a minoria étnica distinta. A história dum povo e da sua igreja está muitas vezes de tal modo ligada que é difícil dizer se foi o poder laico que subordinou o clero se foi este que o orientou, mais ou menos firmemente conforme as circunstâncias e as personalidades.

Esse carácter nacional preservou intactos e conservou incólumes na sua fé e costumes povos inteiros durante séculos de domínio turco.

Soube dar, quando esses povos se rebelaram contra o jugo otomano, foros de guerra santa a essa luta nacional em que a ideia de estado era substituída ou moldada a partir da organização eclesiástica particular de cada região.

Essas igrejas, que ainda hoje preservam a fé, apesar de circunstâncias das mais desfavoráveis que tenha tido que sofrer uma religião organizado, em determinados países onde as minorias católicas são perseguidas, conseguem sobreviver sem dúvida graças ao seu carácter e jurisdição nacional.

Parece-nos estar aí outra grande dificuldade: reconhecer qualquer direito, além do da honorabilidade, ao Papa equivaleria a sancionar o direito de interferência em assuntos que os ortodoxos encaram já de competência regional. Mesmo que o alto clero ortodoxo estivesse na disposição de correr esse risco os resultados deveriam ser desastrosos visto que haveria certamente uma

(3) N.-R. — Notemos, porém, que o problema do primado de jurisdição situa-se, segundo o pensamento católico, acima de ocasionais dúvidas teológicas — corresponde a uma vontade de Cristo e pertence à própria constituição da Igreja.

grande oposição da parte dos fiéis ciosos da já tradicional liberdade das suas igrejas e dos seus interesses preponderantemente locais.

Levantar-se-ia também com maior gravidade o problema nas igrejas ortodoxas em países socialistas. A sua já precário situação encontrar-se-ia dificuldade e isto é sem dúvida um factor de grande importância.

Não sabemos se satisfizemos assim aqueles que pediram que escrevessemos este ensaio. Não quisemos desiludi-los se as nossas conclusões não forem tão optimistas como porventura esperavam.

Se nada se adiantou ficamos pelo menos conhecendo algumas dificuldades do problema. Para nós parece isto ser já um avanço. A dificuldade duma matéria ou dum empreendimento não deverá ser razão do seu abandono. Pelo contrário, deverá ser motivo de perseverarmos nele, deverá ser desafio às nossas possibilidades e, neste caso particular, à nossa boa-vontade.

Terminarei citando uma passagem dum notável sermão pronunciado pelo Arcebispo de Cantuária, primaz da Igreja Anglicana, em Roma na véspera da sua entrevista com o Papa:

«Nós já não necessitamos de nos proibir mùtuamente. Porque, se não estamos já um contra outro, somos um pelo outro. E assim, gloriosamente livres, podemos ser inteiramente por Cristo e pela verdadeira unidade da sua Igreja.

É deliberadamente que digo unidade e não união, porque a união ou reunião da Igreja depende da reconciliação de jurisdições e autoridades. Mas a unidade é apenas do espírito e é nesse espírito que as Igrejas podem entrar imediatamente e estão, na verdade, entrando agora».

GEORGES PAPPAMIKAIL

OS NOSSOS IRMÃOS SEPARADOS E A UNIDADE

«Creio que é indispensável ter uma informação exacta sobre os nossos irmãos não-católicos, a fim de não deformar o seu pensamento e discernir os verdadeiros valores cristãos que são um ponto de aproximação conosco». Foi este princípio do P.e Michalon, já citado noutra página, que nos levou a recolher e apresentar aqui aos nossos leitores esta série de afirmações que encontrámos esparsas nos boletins do Service Oecuménique de Presse et Information de 1960.

A menos duma «união condicional» das três principais confissões ecristãs — católico-romana, protestante e ortodoxa — «todas se arriscam a falhar a sua missão» porque esta ou se realizará na unidade ou não se realizará. Não se trata duma unidade teológica destas três Igrejas-mas duma unidade que tem dois fins. Um, negativo que seria «desarmar o ódio. a desconfiança e a propaganda mentirosa entre grupos eclesiásticos»; o outro positivo «que levaria a contactos baseados sob os princípios comuns ao cristianismo e sobre a maneira de os propagar».

S. S. Atenágoras I
Patriarca ecuménico de Constantinopla, numa conferência de Imprensa

«Ao perder a unidade entre si... os membros da Igreja dividida perdem o seu papel regenerador no mundo; tornam-se espectadores ansiosos da história: A fé católica forma-se assim, cristianismo entre outros «ismos»... É tomando consciência que nós não somos nada mais que membros da Igreja Universal e redescobrindo em toda a sua realidade, o poder que nos foi dado pelo nosso segundo nascimento, que todas as barreiras que nos separam serão abolidas».

M. Nikos Nissiotis
teólogo ortodoxo grego
na Assembleia Ecuménica da Juventude em Lausana

A unidade católico-protestante ainda não pode ser visada, mas há «uma possibilidade nova de debate fraternal sobre o que pode ser um laço entre Roma e nós e, concretamente, sobre o que sempre nos há-de separar». Devemos dar-nos conta da possibilidade «de aparecer um dia em que aquilo ,que nos pode e deve unir a Roma, seja aprendido em certas esferas católicas tão bem, senão melhor que nos vastos círculos das nossas próprias Igrejas». Não se trata, todavia, de fazer desaparecer o nosso afastamento a respeito de certas «questões periféricas» do sistema católico romano, como são, por exemplo «o papel mediador da Virgem Maria e dos santos, as noções de mérito e tradição, de autoridade da Igreja e em particular do papa, e sobretudo dos sacramentos». Os protestantes «não podem conceber como estas questões podem estar ligadas ao ensinamento central do cristianismo».

Karl Barth

«As Igrejas jamais se poderão unir (...) No interior das igrejas algumas já viram que a Bíblia não é monopólio de nenhuma Igreja, sòmente da Ekklesia, o povo de Deus, a fraternidade dos homens unidos em Cristo».

Emil Brunner
Professor da Universidade de Zurich

«Um amor que está pronto para o sacrifício, transporá certamente as numerosas deformações da fé que até aqui têm obstado à unidade cristã (...) A unidade em espírito dos cristãos pode tornar-se uma ponte sobre o abismo que divide actualmente o mundo».

S. S. Alexis, Patriarca de Moscovo

O caminho para a unidade cristã é um «regresso», e é dum regresso a Cristo que se trata, não a Roma. «A alusão bíblica ao único rebanho conduzido pelo único pastor, refere-se ao próprio Cristo e não ao Papa» (...) «O fim ecuménico para o qual tendia Lutero, era Cristo único, pelas Sagradas Escrituras, a fé e a verdade» em contradição com a posição da Igreja Católica romana que «exige distintamente, simplesmente e claramente o regresso a Roma e que se recusa a reconhecer que também ela é falível e sujeita a erro».

Herman Dietzfelkinger
teólogo alemão

«A unidade cristã é o próprio eixo da obra missionária porque é a uma fraternidade universal que incumbe levar o Evangelho universal». Todavia é preciso estar de pé atrás contra uma noção de unidade que seria a de uma supra-estrutura eclesiástica englobando as diversas denominações sob a sua forma actual, «noção capaz de horrorizar os que sabem qual é a verdadeira natureza da Igreja» (...) «A realização autêntica do movimento ecuménico será a desaparição da sua organização e das suas estruturas, porque elas deixarão de ser necessárias a uma Igreja que encontre enfim — através de quantos sofrimentos e humilhações — a unidade».

Lesslie Newbigin (bispo)
Secretário Geral do C. I. M.

Toda a discussão sobre a unidade cristã «deve limitar-se aos católicos romanos e aos católicos ortodoxos». Incluir aí os protestantes «não seria nada mais que um caos» dadas as «enormes divergências doutrinais» que separam os protestantes tanto dos ortodoxos como dos romanos (...) O Papa enquanto primaz da Igreja do Ocidente devia começar por unir a sua voz à do patriarca ecuménico Athenagoras de Constantinopla, primaz da Igreja do Oriente, para convocar uma reunião de teólogos e canonistas das duas Igrejas. «Isto não conduziria necessàriamente a uma união imediata, mas seria uma abertura à acção do Espírito Santo e poderia eventualmente levar à unidade».

Arceb. Anthony Baship
metropolita da Igreja ortodoxa síria de Antioquia, N. Y., América N.

PANORAMA

CONSTRUINDO A UNIDADE

1960

Muitos foram os factos que nos levaram, ao longo deste ano, a encarar, com optimismo, a possibilidade dum reencontro na Unidade desejada por Cristo para todos os seus discípulos. Para quem vive numa civilização decadente que há-de ser trampolim duma nova era, é profundamente animador ver desenhar-se já, com tantas esperanças, uma das linhas-força que, certamente, marcará essa nova era.

O alarme foi lançado e, desde então, parece que todo o mundo estremeceu num frémito exultante de melhores dias. Não mais se parou e dia após dia as notícias vêm animadoras dizer-nos que se está a caminhar a passos largos. Quase se sente o sopro do Espírito Santo a fecundar toda esta acção de reencontro.

Das linhas que se seguem, pretende-se apresentar uma série de factos que ao longo de 1960, segundo entender geral, foram mais significativos. Para evitar qualquer juízo de valor que uma ordenação não cronológica implicasse, eles aí vão tais quais a imprensa no-los foi fazendo chegar ao conhecimento.

★ 5 JUNHO — CRIAÇÃO DO SECRETARIADO PARA A UNIDADE DOS CRISTÃOS

Na linha do Seu Pontificado, S. S. João XXIII, pelo motu proprio «Supremo Dei notu», criou, no dia de Pentecostes, este secretariado, que teve boa aceitação no campo não-católico. O seu fim é exactamente ajudar os cristãos não-católicos a seguir os trabalhos do Concílio e, por outro lado, a encontrar a unidade com a Igreja Católica Romana. Tendo sido criado, portanto, como indica o seu fim primeiro, em ordem ao próximo Concílio, o segundo fim que lhe foi adstrito leva os comentadores do facto a pensar, e bem, que ele se manterá como organismo permanente após o Concílio. Se pensarmos que até aqui não havia nenhum organismo oficial da Igreja com declarado fim ecuménico, limitando-se apenas os teólogos a contactos não-oficiais, a criação deste Secretariado não pode deixar de nos alegrar uns e outros, porque a nós nos anima a continuar os nossos esforços individuais e a eles, os nossos

irmãos separados, dá possibilidade duma plataforma oficial de entendimento com a Igreja Católica.

★ 13-23 JULHO — ASSEMBLEIA ECUMÉNICA DA JUVENTUDE EUROPEIA

Sob o tema central «Jesus Cristo luz do mundo», encontraram-se em Lausanne 1400 jovens europeus, impacientes por se porem ao serviço duma Igreja que saiba falar ao mundo de hoje. A par destes 1400, que representavam 15 países incluindo a U.R.S.S., encontravam-se mais 400 visitantes das duas Américas, da África e da Austrália. Também lá se encontravam, como observadores, alguns jovens católicos da Suíça. Aliás o próprio Mons. Carrière, bispo de Lausanne, dirigiu aos seus fiéis uma mensagem em que os convidava a unir-se à oração de toda aquela juventude que procurava a Unidade, e a perguntarem-se também eles próprios se «Jesus Cristo é verdadeiramente a luz que ilumina a sua vida tanto ao nível pessoal como ao nível social».

Abordando um tema secundário, intitulado «A renovação, a unidade e a missão na Igreja local», o prof. holandês J. Hoekendijk, pôs de lado o género discurso e lançou directamente ao auditório uma série de questões: «Há ainda entre nós revolucionários? Ides trabalhar pela Unidade na vossa situação local com impaciência, temeridade e coragem? Sabereis evitar um dos pecados ecuménicos que é a hipocrisia? Por amor de Deus, exclamou o professor holandês, sede impacientes e começai a praticar esta coisa, reputada «impossível» que é a inter-comunhão... Tenho a firme convicção que a santa mesa é o lugar onde nós devemos actualmente fazer o impossível... É o lugar mesmo onde todos somos convidados; e quantas coisas não foram julgadas impossíveis até ao dia em que sucederam».

Este veemente apelo teve largos reflexos na Assembleia, e o caso foi mesmo proposto à comissão Fé e Constituição. Finalmente, após a Assembleia e com carácter não-oficial, os membros foram convidados para um serviço de inter-comunhão em que participaram 1000 delegados, tendo comungado bastantes. Este pôr da Santa-Ceia, como base da Unidade, é profundamente significativo, pois todos nós católicos sabemos que a Eucaristia é de facto o Sacramento da Unidade, onde todos nos havemos de encontrar em Cristo.

★ 16-25 AGOSTO — SESSÃO DO COMITÉ CENTRAL DO CONSELHO ECUMÉNICO DAS IGREJAS

Em St. Audrews (Escócia) teve lugar outro relevante encontro de cristãos que buscam a Unidade. Este Comité Central do C. O. E. reúne-se uma vez por ano, para tomar nota dos diversos problemas e dirigir os trabalhos no intervalo das Assembleias. Esta sessão, a última antes da terceira Assembleia Geral em Nova Delhi em Nov. 1961, foi, no dizer do Secretário geral, Sr. W. A. Wisser 't Hoopt, uma das mais frutuosas. Reuniu 90 delegados anglicanos, ortodoxos e protestantes. Por ocasião deste encontro, o Comité Central tomou conhecimento do relato da Comissão Fé e Constituição do Conselho, definindo a natureza teológica e a forma institucional da Unidade cristã. Esta comissão, que trabalha numa linha dogmática, faz parte da «divisão de estudos» do Conselho e tinha-se reunido, antes, no mesmo local. Nessa reunião, feita só de três em três anos, encontraram-se

100 teólogos ortodoxos, anglicanos e protestantes e também alguns observadores: 1 pentecostista americano, 2 ortodoxos do patriarcado de Moscovo e 3 religiosos católicos. Foram seus temas principais: relações entre Cristo e a Igreja; tradições e Tradição; Liturgia e Culto; relações na Igreja entre o seu mistério de comunhão e os seus aspectos institucionais.

Mas voltando à sessão do Comité Central, três das questões lá tratadas têm para nós especial significado.

A primeira foi a da projectada fusão, para o fim de 1961, do Conselho Ecuménico das Igrejas (C.O.C.) e do Conselho Internacional das Missões (C.I.M.). À data em que escrevo, sabe-se que da parte do C.I.M. 24 dos conselhos membros já deram a sua aprovação, seis ainda a examinam e 5 não deram resposta. Da parte do C. O. E. 83 dos seus 172 membros já deram o seu apoio, 5 resposta negativa. Tudo se encaminha, portanto, no sentido da dita fusão, que se realizará na terceira Assembleia Mundial em Nova Delhi.

A segunda questão lá tratada, com especial interesse da nova parte, foi a do projecto de modificação da base que, no dizer dum comentário do Comité Central, não é um credo, mas apenas o laço comum, o ponto de partida para as conversações e o fundamento da colaboração no seio do C.O.E., é actualmente a seguinte: «O Conselho Ecuménico das Igrejas é uma associação fraternal das Igrejas que aceitam Nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador». A nova base que será submetida à aprovação definitiva da Assembleia Geral, está redigida nestes termos:

«O Conselho Ecuménico das Igrejas é uma associação fraternal das Igrejas que, segundo as Santas Escrituras, confessam Nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, e se esforçam por responder em conjunto à sua vocação comum, para glória do único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo». Pretende-se pois explicitar algo que já está implìcitamente contido na actual base, fazendo menção explícita da S. Escritura e da S.S. Trindade, respondendo assim, ao que parece, a um desejo geral.

Finalmente, uma terceira questão foi a que o relato dos trabalhos da comissão e Constituição sugeriu, a saber: a unidade local, uma etapa no caminho da Unidade total. Assim, segundo esse relato, é preciso procurar antes de mais nada uma Unidade local que reuna, numa só comunidade, todas as Igrejas que confessam Jesus Cristo como seu Senhor. Esta união seria fundada sobre o mesmo baptismo e exprimir-se-ia pela pregação do mesmo Evangelho e fracção do mesmo Pão.

Trata-se pois dum encontro que fica a marcar na caminhada dos nossos irmãos separados para a unidade e podemos concordar com o Secretário geral quando ele o classifica como dos mais frutuosos.

★ 26-28 SETEMBRO — ENCONTRO DE BISPOS E PASTORES PROTESTANTES EM TAIZÉ

Pela primeira vez, após 4 séculos de divisão, realiza-se um colóquio desta natureza. Foi em Taizé na comunidade de oração, trabalho e fraternidade que o pastor Roger Schutz dirige. Não deixa de ser significativo que este encontro se tenha feito junto duma comunidade cuja divisa é justamente: «Pas de division parmi les Chrétiens». Damos a seguir o comunicado que foi redigido em comum à saída deste importante encontro: «De 26 a 28 de Setembro de 1960 bispos

católicos romanos e pastores de diferentes confissões protestantes, encontraram-se reunidos em Taizé para um colóquio. Examinaram o problema da evangelização da paróquia e do mundo. Este colóquio foi o primeiro após quatro séculos de divisões. Os pastores puderam exprimir a sua alegria e o seu reconhecimento por se terem encontrado durante três dias para partilhar em conjunto o cuidado da evangelização. Consideram este encontro como um acontecimento e dão graças ao Senhor da Igreja que os conduz para a Unidade visível».

★ 2 DEZEMBRO — VISITA DO ARCEBISPO DE CANTUÁRIA A S. S. JOÃO XXIII

Foi, bem sabemos, uma visita de pura cortesia, mas uma coisa é certa: há quarenta anos tal facto seria inconcebível num país em que o grito «no popery» foi princípio de descriminação racial. Andou-se muito e o encontro do Arcebispo de Cantuária com Sua Santidade certamente foi fecundado pelo Espírito Santo. Uma visita? Sim; mas não é por acaso que se visita o Papa. Senão, vejamos o que, dias antes, dizia, o próprio Arcebispo, a propósito da sua visita: «O simples facto duma conversa, mesmo banal, é em si dum grande significado. O que o meu projecto de visita já estabeleceu, assim o espero, é que, no futuro, os anglicanos e os católicos romanos e outros também, vão poder falar em conjunto livremente e com franqueza, num ambiente de amizade cristã, sem que uns procurem dominar os outros».

Também nós assim o esperamos; o exemplo está dado; a nós resta-nos segui-lo e até ao fim, isto é, até à Unidade.

E 1961?

Não restam dúvidas perante o que ficou escrito que o ano de 1960 foi bem, segundo o dizer de R. Beaupère em «Signes du Temps» um bom ano ecuménico.

E 1961? Sem pruridos de profeta, mas apenas levado pelo que se anuncia, sou levado a dizer que também o será. Limito-me apenas a recordar três grandes acontecimentos já mais ou menos anunciados, que nos permitem divizar como um bom ano ecuménico este que agora começou.

★ SÍNODO PAN-ORTODOXO

Segundo notícias ùltimamente recebidas, este notável encontro terá lugar na Páscoa deste ano em Rodes. Reunirá representantes dos patriarcados de Istambul, Jerusalém, Alexandria, Antioquia, Moscovo, Roménia, Bulgária, Sérvia, e ainda delegados das Igrejas ortodoxas da Grécia, Chipre, Hungria, Polónia e Albânia. O que todavia nos leva a aguardar com especial interesse este acontecimento, é o fim que ele visa: definir uma atitude comum da ortodoxia face à convocação do concílio por S. S. João XXIII. Pôr-se-á também, a questão duma possível reunião da Igreja Ortodoxa (bizantina) e das Igrejas Copta e Siríaca.

★ III ASSEMBLEIA DO CONSELHO ECUMÉNICO DAS IGREJAS

De 19 de Novembro a 6 de Dezembro, a capital da Índia será palco do maior e mais importante encontro desta organização que é o Conselho Ecuménico das Igrejas. Nova Delhi verá chegar até si mais de um milhar de pessoas, pertencentes às 178 Igrejas-membros, representando 375 milhões de protestantes, espalhados por mais de 50 países. 625 serão os delegados oficiais das Igrejas-membros. Os outros participantes serão conselhei-

ros, representantes da juventude, delegados fraternais vindos dos conselhos nacionais ou organismos mundiais cristãos, observadores e convidados especiais. A Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa Russa enviarão observadores.

O tema central — «Jesus Cristo luz do mundo» — será subdividido em três temas secundários: Testemunho, Serviço e Unidade, que serão estudados respectivamente sob o aspecto da comunicação da mensagem cristã aos de fora, responsabilidade cristã para com a sociedade total, e a unidade das Igrejas entre si.

Espera-se um importante acontecimento à abertura da Assembleia: a integração do Conselho Ecuménico das Igrejas e do Conselho Internacional das Missões. Estes dois organismos cristãos mundiais, que actualmente trabalham em «associação», serão fundidos. Esta acção será rica de consequências para a missão e unidade das Igrejas e será um dos actos mais importantes da Assembleia. No Conselho integrado, a actividade do Conselho das Missões prosseguirá numa quinta-divisão a criar: Divisão das Missões e da Evangelização, e por um acento missionário mais nítido de todo o trabalho do Conselho Ecuménico.

Mas para além de todos estes movimentos há um outro que embora não apareça nos jornais e periódicos, por ser mais discreto, tem, todavia, um lugar primário na realização do mistério da Unidade. É o movimento das nossas orações, e não só. A este propósito, permito-me transcrever umas orientações que, em carta, me enviou há tempos o Rev. P.e Michalon, grande obreiro da Unidade na esteira do P.e Couturier; dizia:

«Creio que é indispensável ter uma informação exacta sobre os nossos irmãos não-católicos, a fim de não deformar o seu pensamento e discernir os verdadeiros valores cristãos que são um ponto de aproximação connosco; mas é preciso também suportar em nossos corações o sofrimento das nossas separações por causa dos nossos pecados, e por causa da chaga do coração de Cristo que sabe bem que nós não temos amado suficientemente os nossos irmãos. Sem dúvida, é necessário que os teólogos trabalhem pela aproximação, mas isso será insuficiente: estamos em face dum grande mistério e só a oração permite ao Espírito Santo conduzir as almas pelos caminhos de caridade e verdade. A nós compete-nos uma fidelidade maior ao amor de Jesus Cristo e à verdade melhor conhecida na nossa Igreja».

P. P.

★ CONCÍLIO ECUMÉNICO?

Será inaugurado ainda antes do fim deste ano? Será em 8 de Dezembro como alguns aventuram?... De qualquer modo devemos concordar que seria encerrar com chave d'ouro mais um ano que se nos afigura auspicioso quanto a actividades ecuménicas...

NOTA — Para este Panorama foram utilizados os seguintes órgãos de informação:

Service Oecuménique de Presse et d'Information
Informations Catholiques Internationales
Signes du Temps
Novidades
Diário de Moçambique

SOCIDEL

SOCIEDADE COMERCIAL DE ARTIGOS DE DESPORTO, LDA.

RUA NOVA DO ALMADA, 51 LISBOA

TUDO PARA DESPORTO



QUALIDADE POR QUALIDADE

OS MELHORES PREÇOS

CASA NUN'ÁLVARES

PORTO

Rua de Santa Catarina — 630

Telefone — P. P. { 23586 / 23587

~

ARTIGOS RELIGIOSOS
TIPOGRAFIA
OBJECTOS DE CULTO
LIVRARIA
PARAMENTOS

~

Enviam-se gratuitamente catálogos ilustrados com cerca de 300 desenhos e preços a quem os requisitar.

C. Santos

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, e Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços. Exclusivos — Secção de cachecóis e lanifícios de cor.

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

SAMPEDRO

M. D'OLIVEIRA & MARQUES, L.DA

P. dos Restauradores, 65, 1.º

TELEF. 3 08 76 — L I S B O A

Secção dos Tecidos Pretos R. M.

Tecidos para o Rev.º Clero e seminaristas.

*

Elasticotines — Sarjas — Tropicais
Casemiras — Merinos — Sobretudos

*

Alfaiataria — Capas — Gabardines

*

Condições especiais para Finalistas

Secção de Livraria

Livros estrangeiros — Edições próprias

*

Revistas estrangeiras: Lumen Vitae — Foyer Notre Dame — Famille et College — Ecclesia — Panorama Chrétien, etc.

*

Filmes fixos e de movimento: (Catequese — ensino — divertimento)

*

Máquina de escrever «Antares Micron»

*

Máquinas de Projecção

CÍRCULO DO HUMANISMO CRISTÃO

UM LIVRO DE DOIS EM DOIS MESES
12$50 POR MÊS

ENCÍCLICAS
Todas as encíclicas ordenadas cronològicamente

O PENSAMENTO DA IGREJA
Textos de Papas, Bispos e Santos Doutores da Igreja sobre os assuntos que preocupam os homene de hoje

Peça as condições de assinatura destas três colecções à
LIVRARIA MORAIS EDITORA
R. da Assunção, 49-51 — LISBOA-2

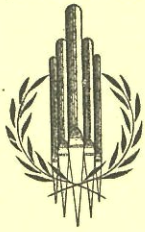
ARTE RELIGIOSA
Objectos para o culto e para uso dos fiéis obedecendo à renovação litúrgica da hora actual.

LIVRARIA
Sempre em depósito as últimas novidades literárias nacionais e estrangeiras.

PARAMENTARIA
Todos os estilos. Materiais de 1.ª qualidade. Confecção esmerada por pessoal competente.

TIPOGRAFIA
Uma secção que se impõe pela sua produção. Os trabalhos executados garantem a perfeição do que produz.

UNIÃO GRÁFICA — Rua de Santa Marta, 48 — LISBOA-2



ÓRGÃOS PARA MÚSICA SACRA

WURLITZER ORGAN

O órgão aprovado pelo
VATICANO

Casa Ruvina

RUA FORMOSA, 173 — PORTO

Ourivesaria ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro

As mais especializadas oficinas para esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

Rua das Flores, 119-121 - PORTO — Rua Garrett (Chiado), 50 - LISBOA



Se não vê...

Se não vê bem será bom consultar um especialista. Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.

C/optico dip. pela Escola de Optica de Colónia (Alemanha)

CONCESSÕES ESPECIAIS AO EXCELENTÍSSIMO CLERO

HORÓPTICA, LDA

OCULISTA

Rua de Santa Justa, 27—LISBOA

Rev.mo Pároco:

NO SEU SALÃO PAROQUIAL USE

A MÁQUINA ITALIANA DE CAFÉ CREME

«LA PICOLINA»

ESBELTA ★ ECONÓMICA ★ FUNCIONAMENTO EFICAZ

Facilidades de pagamento

GARANTIDA POR UM ANO

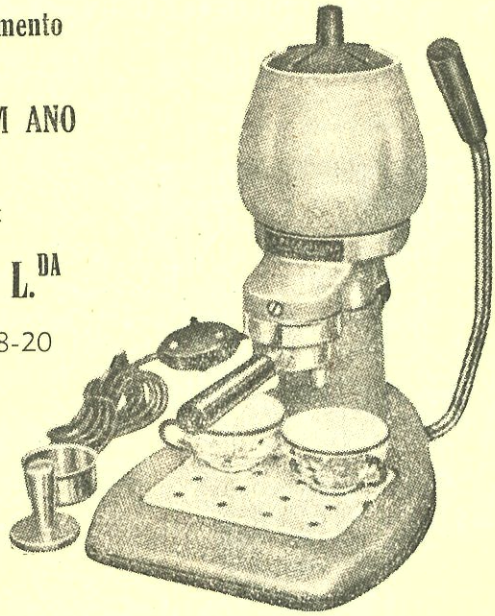
Representantes:

EURICO & ROSA, L.DA

R. DAS PRETAS, 18-20

LISBOA

Telefs. 20183-24410



DEMONSTRAÇÕES SEM COMPROMISSO

NOVELLÆ OLIVARUM

1961

Janeiro - Fevereiro